

CHARITAS

PUBLICAÇÃO RESERVADA AOS SERVOS DA CARIDADE

RESPONDER JUNTOS AOS DESAFIOS DE AMANHÃ

MENSAGEM DO SANTO PADRE

COMUNICAÇÕES

DECRETOS

DOCUMENTOS

COIRMÃOS DEFUNTOS

Redação: Casa Geral - Vicolo Clementi, 41 - 00148 Roma

EDIÇÃO PORTUGUESA

Ano LXXXVI - Dezembro de 2008 - N. 223

CHARITAS n. 223

RISERVADO OS SERVOS DA CARIDADE
ANO LXXXVI - DEZEMBRO DE 2008

Índice

CARTA DO SUPERIOR GERAL

Responder juntos aos desafios de amanhã	5
---	---

MENSAGEM DO SANTO PADRE

Mensagem de Bento XVI para a XLIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais	11
---	----

COMUNICAÇÕES

A. Coirmãos	15
B. Eventos de consagrações	18
C. Fatos e acontecimentos importantes	21

DECRETOS

1. Fechamento definitivo de atividades em Gaeta e alienação da estrutura	60
2. Ereção da Província Nossa Senhora de Guadalupe	61
3. Ereção de uma nova Casa Religiosa	62
4. Ereção de uma nova Comunidade	63
5. Ereção como Casa Religiosa da Comunidade pastoral-formativa de Como	64
6. Aprovação da Comunidade de Campodolcino	65
7. Fechamento de atividades da Escola Patronato Nossa Senhora de Nazaré	66
8. Fechamento da nossa presença em Ceglie Messapica	67
9. Nomeações	68
10. Passagem de Província	69
11. Saídas - Esclaustrações - Licenças	69
12. Reingressos	70

DOCUMENTOS

1. Encontro de janeiro de 2009 com todos os Superiores de Província e Delegações	71
2. Missa Intercontinental	76
3. Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Mons. Aurélio Bacciarini	78
4. A autoridade na vida religiosa guanelliana	79
5. Que tipo de Vida Religiosa tem futuro? Que tipo de Vida Religiosa merece futuro?	92
6. Autoridade-Obediência na vida religiosa: a respeito da Instrução “Faciem tuam”	105

COIRMÃOS DEFUNTOS

Don Carlo Ferrario	122
--------------------	-----

CARTA DO SUPERIOR GERAL

RESPONDER JUNTOS AOS DESAFIOS DE AMANHÃ

Caríssimos Coirmãos,

estamos concluindo as celebrações do centenário da profissão pública do Fundador e dos nossos primeiros coirmãos. Penso que todos temos conseguido novo élan espiritual e apostólico com o fazer memória das nossas origens.

Também nós, à distância de cem anos, podemos definir como fruto do coração do Beato Luís Guanella, que foi capaz de transmitir o ardor de caridade que tinha recebido como dom do Espírito a quanto mais pessoas possíveis. Toca a nós hoje assumir o dever e a responsabilidade de dilatar o carisma e a missão guanelliana na Igreja e na sociedade para favorecer o surgir de um Movimento de pessoas, unidas pela vontade de fazer um pouco de bem, especialmente em favor dos mais necessitados de “Pão e Paraíso”.

Muitos de nós, na Itália, puderam experimentar como a intuição de Don Guanella suscitou entusiasmo num grupo de artistas que nos fascinaram com o seu musical “Pão e Paraíso”.

Aquilo que eles expressaram tão maravilhosamente sobre o palco corresponde, ou deveria corresponder, com o que somos e sentimos interiormente e que realizamos no cotidiano dos nossos compromissos apostólicos.

O fruto mais belo das celebrações jubilares deverá propriamente ser a nossa fidelidade a Jesus Cristo, tornada nova e criativa pelo partilhar com empenho e entusiasmo a espiritualidade e a missão, de visão ampla, do nosso Bem-aventurado pai Fundador.

Nestes últimos decênios temos sentido muitas vezes, a necessidade de dizer obrigado ao Senhor «diante da alegre constatação que vê crescer o número de leigos a quem o espírito participa o carisma Guanelliano e o multiplicar-se de grupos laicais que se inspiram no carisma do Fundador». Esta alegria, porém, deve ser acompanhada pela convicção de uma maior responsabilidade da nossa parte.

Na grande família guanelliana, que de fato vai se fortificando, nós Servos da Caridade com as Filhas de Santa Maria da Providência devemos assumir sempre mais a tarefa núcleo fundamental; devemos ser o coração, a vitalidade do carisma de Don Guanella e fazer com que ele se difunda o mais possível.

Com o nascimento da Associação dos Cooperadores Guanellianos, as nossas duas Congregações receberam uma força a mais, para exprimir a riqueza do carisma ampliando-o também no âmbito laical.

Podemos retomar e aplicar à nossa situação hodierna uma imagem querida a Don Guanella. Os três ramos da Família Guanelliana são como três cordõezinhos que, tomados separadamente são frágeis, mas se trançados, se tornam fortes: “funiculus triples difficile rumpitur”. A força e a riqueza do carisma guanelliano é a nossa união, é a espiritualidade de comunhão que saberemos viver e transmitir a todos como o cimento que constrói uma sólida casa. Uma espiritualidade que nós, Servos da Caridade por primeiro somos chamados a cultivar e aprofundar pessoalmente e comunitariamente.

Nisto consiste o apelo que frequentemente sentimos na Igreja, quando se fala de colaboração e abertura dos religiosos para com o mundo laical: cada vocação, vivendo a sua identidade, pode ser de grande ajuda para todas as vocações.

João Paulo II já em 1987 afirmava que «o fiel leigo não pode nunca se fechar em si mesmo, se isolando espiritualmente da comunidade, mas deve viver um contínuo intercâmbio com os outros, com um vivo sentido de fraternidade, na alegria de uma igual dignidade e no compromisso de fazer frutificar juntos o imenso tesouro recebido como herança».

Precisamos pois, agir com uma mudança profunda de mentalidade na forma de entender e viver esta realidade na nossa família guanelliana, na qual, com as coirmãs FSMP, somos os principais responsáveis da animação do carisma.

Em que consiste esta nova mentalidade a ser aperfeiçoada em nós?

– Antes de tudo em tornar-nos convictos de que os leigos de todo tipo com quem entramos em contato, e especialmente os que mais de perto colaboram conosco, ou que são atraídos pelo exemplo e pelo amor de

Don Guanella para com os pobres, são destinatários da nossa missão. A eles o Senhor nos envia, e eles próprios esperam de nós o apoio além do nosso testemunho pessoal e comunitário de consagrados, também da paixão visível pelos pobres. Isto dá sentido e valor ao seu trabalho e à sua vida.

– Hoje não podemos mais pensar de servir bem os pobres sem trabalhar em rede, sem fazer convergir no nosso projeto de evangelização a profissionalidade e a dedicação dos leigos, sem colaborar com outros órgãos e forças eclesiais e civis que se propõem a mesma finalidade nossa de construir uma sociedade mais fraterna e sensível para com os pobres que nos circundam.

Os bispos italianos escrevendo aos leigos na Páscoa de 2005 evidenciam que «Somente cooperando concordemente, vivendo “segundo a verdade na caridade” (Ef 4, 15), a evangelização e o testemunho cristão se tornarão eficazes e críveis... Somente conjugando as nossas respectivas e complementares funções de pastores, de religiosos e de leigos, a Igreja estar em grau de “fazer de Cristo o coração do mundo» (CEI, Fazer de Cristo o Coração do mundo, Páscoa de 2005).

Já Paulo VI advertia: «Devemos fazer de tudo, junto com os irmãos no episcopado, com os sacerdotes, com os leigos, afim de que esta unidade, que é fruto de consolação e sinal de reconhecimento para o mundo, permaneça, se afirme, cresça» (Paulo VI, 1973).

– Desde bastante tempo na Congregação, através dos Capítulos Gerais e Provinciais, foram dadas orientações claras a respeito da necessidade de uma nova presença da Comunidade Religiosa (e portanto também de cada religioso) como núcleo animador nas nossas obras e no nosso apostolado. O Superior Geral, Don Nino Minetti, foi muito estimulador e preciso nesta direção, basta lembrar o seu magistral escrito sobre o argumento da “comunidade núcleo animador” publicado no Charitas n. 215 e 218).

A dificuldade, penso, é a de aplicar na prática esta orientação, porque entram em jogo vários fatores que exigem um sábio discernimento e muita coragem.

Às vezes se constata que o mesmo conceito de “animação” não é entendido na plenitude do seu sentido, quase a pensar de reduzir a presença do religioso “como animador” ao único âmbito de cuidar das práticas religiosas de uma casa. Enquanto que a animação faz referência a todo o nosso patrimônio carismático, de espiritualidade, de cultura pedagógica e de estilo de relações que tenham a obrigação de tornar visíveis nas nossas obras, especialmente agora que nossa presença numérica é muito reduzida, e maior é o risco de

tornar insignificantes propriamente naqueles aspectos mais essenciais da nossa missão.

Certo é que se quisermos ser “animadores” não podemos prescindir da nossa presença direta entre os pobres, e cada Comunidade tem o dever de assegurar esta presença, embora realizada em modalidades diferentes das tradicionais. Deveríamos, coirmãos, arregaçar as mangas e inventar novas modalidades de presença entre os pobres, onde privilegiar por exemplo a escuta, a atenção à pessoa, em especial modo à suas necessidades mais profundas, a disponibilidade e a gratuidade em perder o nosso tempo para contentar a pessoa destinatária da nossa ação caritativa, o empenho a criar um clima de maior serenidade, confiança, amizade, confiança... A nossa presença deve fazer perceber a todos, assistidos, operadores, familiares e voluntários... que nós religiosos não representamos mais os donos da empresa e os managers da atividade, mas não porque as Obras não são mais nossas, eles continuam sendo da Congregação e a nossa tarefa será sempre também aquele de gerenciá-las, mas porque preferimos fazer emergir que queremos ser sobretudo pais, responsáveis, amigos que levam no coração em primeira instância o bem das pessoas e favorecem a que todos se sintam acolhidos e integrados como em família.

E diria também que isto não é ainda suficiente para realizar hoje o dever de ser Comunidade “núcleo animador”, porque são muitas as pessoas que se aproximam de nós para realizar a missão e não todas podem ser motivadas pelos mesmos valores e pelos mesmos intentos nossos. Também por isso a nossa responsabilidade de garantes do carisma se faz urgente e de dever. Se nos tempos passados uma obra nossa manifestava a sua identidade e significado no testemunho concreto e multiforme da presença de uma Comunidade Religiosa também numericamente consistente, hoje a Comunidade Religiosa numericamente é minoritária nos confrontos da Comunidade educativa e muitas vezes encontra dificuldade em dialogar e partilhar com ela as responsabilidades da missão.

Este fato, de um lado abre certamente novas perspectivas para a nossa missão mas, ao mesmo tempo, exige muito mais atenção e boa vontade para render efetivo o aporte específico e substancial que nós podemos dar à missão. Existe, de fato, o perigo que alguns coirmãos, por motivo da idade ou da formação recebida o também em razão de situações concretas pessoais, se sintam estranhos à missão da própria comunidade ou mesmo aquela da Congregação e na qual vivem. Eis porque, do meu ponto de vista, se torna necessário, urgente que cada Comunidade faça objeto de reflexão dentro de si e depois de clara definição o tipo de presença que quer e pode assegurar a obra animada por eles, para que ela exprima o carisma em forma visível e eficaz.

A contribuição que a Comunidade religiosa pode dar à missão é muito variado: antes de tudo sublinharia o empenho de viver por parte de cada coirmão a própria fidelidade à vocação de consagrados, com o testemunho de uma vida fraterna rica de sinceridade, de capacidade, de compreensão e de perdão recíproco, com a oração e a vida espiritual bem programada e a vontade de oferecer os próprios sofrimentos ao Senhor para o bem de todos. Estas são algumas excelentes que dão alma ao nosso apostolado. O cuidado da dimensão interior e espiritual da vida nos torna verdadeiros colaboradores de Deus na missão. Estamos todos de fato convencidos que se alguns coirmãos são chamados particularmente “a plantar ou a irrigar o terreno” na missão de uma comunidade, é porém também sempre Deus que faz crescer e chegar à maturidade os nossos projetos e as nossas fadigas. Se alguns coirmãos são chamados a trabalhar em primeira linha, isto é, com um papel diretivo no serviço aos pobres, existe a necessidade, porém, também de quem, na “retaguarda” mantém sempre disponíveis os “mantimentos” necessários.

É além disso, necessário programar algumas ações propositivas do carisma que completam ação animadora da Comunidade religiosa nos confrontos da Comunidade educativa. Em primeiro lugar, me parece dever sublinhar o dever da formação guanelliana dos nossos colaboradores: tornar vivo e atual o PEG e não somente o seu conhecimento, mas assimilação, a partilha e a atuação dos conteúdos pedagógicos guanellianos nele descritos. Talvez à distância de 14 anos da sua primeira publicação este texto fundamental da nossa pedagogia não teria necessidade de ser representado e reavaliado pelos operadores das nossas Casas? Dele podemos tirar a mais ampla participação possível dos nossos Operadores no projetar, decidir e avaliar os objetivos nele contidos; em manter positivas as relações entre os próprios operadores; em ajudar-lhes nas suas motivações, acompanhando-os no desenvolver o próprio papel segundo o espírito e o método educativo guanelliano...

Diante a este desafio, queridos coirmãos, nós cremos que o Espírito está continuando a operar em nós, com no tempo das nossas origens e nos faz descobrir, também hoje, com então, a atualidade e a beleza do nosso carisma, infundindo-nos a alegria, o entusiasmo e a força para difundir-lo.

Tantas pessoas esperam ver em nós o mesmo ardor de Don Guanella e pedem para ser acompanhadas com paciência pela nossa paternidade espiritual e sacerdotal.

Nesta fase em que estamos convidando os leigos a se sentirem protagonistas do Movimento Laical Guanelliano, talvez gastamos muito tempo e energias em discutir para entender e definir o MLG nos seus elementos

teóricos, organizativos e, do meu ponto de vista, temos deixado um pouco de lado o dever mais importante que é o de apoiar os nossos leigos com a presença, fazendo-lhes propostas formativas para o seu crescimento humano e guanelliano mais concretas e estimulantes.

Contínuos também o compromisso para organizar melhor o mundo guanelliano laical, mas me sinto também de convidar todas as nossas Comunidades tomar a peito o desenvolvimento de cada grupo guanelliano que faz referência à própria Comunidade Religiosa e a ter coragem de propor às pessoas mais disponíveis um caminho de crescimento mais comprometido no viver a espiritualidade e a missão guanellianas.

Penso em particular nos nossos Cooperadores Guanellianos que às vezes não encontram em nós a suficiente disponibilidade de estar-lhes ao lado espiritualmente e a promover a sua Associação com a clara proposta que a sua vocação deve se tornar desemboco natural do caminho que muitos outros leigos iniciaram no Movimento dos Jovens Guanellianos ou entre as Famílias Guanellianas. Permito-me de reclamar à vossa memória o que o XVIII Capítulo Geral nos deixou como compromisso com os Cooperadores para este sexênio: na Moção n. 39 pede-se aos Superiores de «esclarecer a posição dos Cooperadores Guanellianos, como terceiro ramo da Família Guanelliana, em relação ao MLG»; enquanto que a Proposta n. 40, endereçada a todos os Servos da Caridade, convida “a propor explicitamente ao leigos a vocação do Cooperador Guanelliano empenhando-se a acompanhá-los no discernimento e na formação”.

Isto exige da nossa parte o compromisso de aprofundar com os próprios leigos o carisma e a refletir junto a eles os desafios da missão guanelliana no contexto cultural de hoje com a finalidade de oferecer como consequência linhas fundamentais de resposta, que todo Grupo depois deverá fazer próprias segundo as suas possibilidades.

O meu augúrio é que do renovado entusiasmo pela nossa vocação de consagrados a Deus e pelos pobres e pela proximidade da nossa espiritualidade apostólica e de comunhão, todos possamos degustar os seus frutos.

Roma, 2 de fevereiro de 2009, Jornada da Vida Consagrada.

P. ALFONSO CRIPPA
Superior Geral

MENSAGENS DO SANTO PADRE

MENSAGEM DE BENTO XVI POR OCASIÃO DA XLIII JORNADA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Amados irmãos e irmãs,

Aproximando-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais, é com alegria que me dirijo a vós para expor-vos algumas minhas reflexões sobre o tema escolhido para este ano: *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade.* Com efeito, as novas tecnologias digitais estão a provocar mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas. Estas mudanças são particularmente evidentes entre os jovens que cresceram em estreito contacto com estas novas técnicas de comunicação e, conseqüentemente, sentem-se à vontade num mundo digital que entretanto para nós, adultos que tivemos de aprender a compreender e apreciar as oportunidades por ele oferecidas à comunicação, muitas vezes parece estranho. Por isso, na mensagem deste ano, o meu pensamento dirige-se de modo particular a quem faz parte da chamada *geração digital*: com eles quero partilhar algumas ideias sobre o potencial extraordinário das novas tecnologias, quando usadas para favorecerem a compreensão e a solidariedade humana. Estas tecnologias são um verdadeiro dom para a humanidade: por isso devemos fazer com que as vantagens que oferecem sejam postas ao serviço de todos os seres humanos e de todas as comunidades, sobretudo de quem está necessitado e é vulnerável.

A facilidade de acesso a celulares e computadores juntamente com o alcance global e a onipresença da internet criou uma multiplicidade de vias através das quais é possível enviar, instantaneamente, palavras e imagens aos cantos mais distantes e isolados do mundo: trata-se claramente duma possibilidade que

era impensável para as gerações anteriores. De modo especial os jovens deram-se conta do enorme potencial que têm os novos “media” para favorecer a ligação, a comunicação e a compreensão entre indivíduos e comunidade, e usam-nos para comunicar com os seus amigos, encontrar novos, criar comunidades e redes, procurar informações e notícias, partilhar as próprias ideias e opiniões. Desta nova cultura da comunicação derivam muitos benefícios: as famílias podem permanecer em contacto apesar de separadas por enormes distâncias, os estudantes e os investigadores têm um acesso mais fácil e imediato aos documentos, às fontes e às descobertas científicas e podem por conseguinte trabalhar em equipa a partir de lugares diversos; além disso a natureza interativa dos novos “media” facilita formas mais dinâmicas de aprendizagem e comunicação que contribuem para o progresso social.

Embora seja motivo de maravilha a velocidade com que as novas tecnologias evoluíram em termos de segurança e eficiência, não deveria surpreender-nos a sua popularidade entre os utentes porque elas respondem ao desejo fundamental que têm as pessoas de se relacionar umas com as outras. Este desejo de comunicação e amizade está radicado na nossa própria natureza de seres humanos, não se podendo compreender adequadamente só como resposta às inovações tecnológicas. À luz da mensagem bíblica, aquele deve antes ser lido como reflexo da nossa participação no amor comunicativo e unificante de Deus, que quer fazer da humanidade inteira uma única família. Quando sentimos a necessidade de nos aproximar das outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e dar-nos a conhecer, estamos a responder à vocação de Deus – uma vocação que está gravada na nossa natureza de seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão.

O desejo de interligação e o instinto de comunicação, que se revelam tão naturais na cultura contemporânea, na verdade são apenas manifestações modernas daquela propensão fundamental e constante que têm os seres humanos para se ultrapassarem a si mesmos entrando em relação com os outros. Na realidade, quando nos abrimos aos outros, damos satisfação às nossas carências mais profundas e tornamo-nos de forma mais plena humanos. De fato amar é aquilo para que fomos projetado pelo Criador. Naturalmente não falo de relações passageiras, superficiais; falo do verdadeiro amor, que constitui o centro da doutrina moral de Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças” e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12, 30-31). Refletindo, à luz disto, sobre o significado das novas tecnologias, é importante considerar não só a sua indubitável capacidade de favorecer o contacto entre as pessoas, mas também a qualidade dos conteúdos que aquelas são chamadas a pôr em circulação. Desejo encorajar todas as pessoas de boa vontade, ativas no mundo emergente da comunicação digital, a que se empenhem na promoção de uma cultura do *respeito*, do *diálogo*, da *amizade*.

Assim, aqueles que operam no sector da produção e difusão de conteúdos dos novos “media” não podem deixar de sentir-se obrigados ao *respeito* da dignidade e do valor da pessoa humana. Se as novas tecnologias devem servir o bem dos indivíduos e da sociedade, então aqueles que as usam devem evitar a partilha de palavras e imagens degradantes para o ser humano e, conseqüentemente, excluir aquilo que alimenta o ódio e a intolerância, envilece a beleza e a intimidade da sexualidade humana, explora os débeis e os inermes.

As novas tecnologias abriram também a estrada para o *diálogo* entre pessoas de diferentes países, culturas e religiões. A nova arena digital, o chamado *cyberspace*, permite encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e corretas de expressão juntamente com uma escuta atenciosa e respeitadora. O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância. A vida não é uma mera sucessão de fatos e experiências: é antes a busca da verdade, do bem e do belo. É precisamente com tal finalidade que realizamos as nossas opções, exercitamos a nossa liberdade e nisso – isto é, na verdade, no bem e no belo – encontramos felicidade e alegria. É preciso não se deixar enganar por aqueles que andam simplesmente à procura de consumidores num mercado de possibilidades indiscriminadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem, a novidade se contrabandeia por beleza, a experiência subjetiva sobrepõem-se à verdade.

O conceito de *amizade* logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Este conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. Nas nossas amizades e através delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos. Por isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. Por este motivo, é preciso prestar atenção a não banalizar o conceito e a experiência da amizade. Seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver *on-line* as amizades fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos na realidade do dia a dia, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De fato, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interação social real. Isto acaba por perturbar também as formas de repouso, de silêncio e de reflexão necessárias para um sã desenvolvimento humano.

A amizade é um grande bem humano, mas esvaziar-se-ia do seu valor, se fosse considerada fim em si mesma. Os amigos devem sustentar-se e encorajar-se reciprocamente no desenvolvimento dos seus dons e talentos e na sua colocação ao serviço da comunidade humana. Neste contexto, é gratificante ver a aparição de novas redes digitais que procuram promover a solidariedade humana, a paz e a justiça, os direitos humanos e o respeito pela vida e o bem da criação. Estas redes podem facilitar formas de cooperação entre povos de diversos contex-

tos geográficos e culturais, consentindo-lhes de aprofundar a comum humanidade e o sentido de corresponsabilidade pelo bem de todos. Todavia devemos nos preocupar por fazer com que o mundo digital, onde tais redes podem ser constituídas, seja um mundo verdadeiramente acessível a todos. Seria um grave dano para o futuro da humanidade, se os novos instrumentos da comunicação, que permitem partilhar saber e informações de maneira mais rápida e eficaz, não fossem tornados acessíveis àqueles que já são econômica e socialmente marginalizados ou se contribuíssem apenas para incrementar o desnível que separa os pobres das novas redes que se estão a desenvolver ao serviço da informação e da socialização humana.

Quero concluir esta mensagem dirigindo-me especialmente aos *jovens católicos*, para os exortar a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé. Caríssimos, senti-vos comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vossa vida. Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização. A vós, jovens, que vos encontrais quase espontaneamente em sintonia com estes novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da evangelização deste “continente digital”. Sabei assumir com entusiasmo o anúncio do Evangelho aos vossos coetâneos! Conheceis os seus medos e as suas esperanças, os seus entusiasmos e as suas desilusões: o dom mais precioso que lhes podeis oferecer é partilhar com eles a “boa nova” de um Deus que Se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. O coração humano anseia por um mundo onde reine o amor, onde os dons sejam compartilhados, onde se construa a unidade, onde a liberdade encontre o seu significado na verdade e onde a identidade de cada um se realize numa respeitosa comunhão. A estas expectativas pode dar resposta a fé: sede os seus arautos! Sabei que o Papa vos acompanha com a sua oração e a sua bênção.

Vaticano, 24 de Janeiro – dia de São Francisco de Sales – de 2009.

BENTO PP. XVI

COMUNICAZIONI

A) COIRMÃOS

a) PRESENZE ALLA FINE DI DICEMBRE 2008

	Vescovi	Sacerdoti	Chierici	Fratelli	Totale
Perpetui	1	321	6	34	362
Temporanei	—	—	128	8	136
Novizi	—	—	—	—	21
Aggregati	—	1	—	1	2
Totale	1	322	134	43	521

b) NELLA GEOGRAFIA DELLA CONGREGAZIONE

Nazione	Comunità	Professi perpetui				Temporanei		Novizi	Aggregati	Totali
		vescovi	sacerdoti	chierici	fratelli	chierici	fratelli			
Argentina	6	—	18	1	4	1	—	5	—	29
Brasile	11	1	33	—	5	1	1	—	—	41
Cile	3	—	9	—	5	—	1	—	—	15
Colombia	1	—	2	1	—	1	—	—	—	4
Filippine	2	—	8	2	—	—	—	—	—	10
Ghana	1	—	4	—	1	1	—	—	—	6
Guatemala	1	—	2	—	—	—	—	—	—	2
India	5	—	24	1	—	54	—	—	—	79
Israele	1	—	1	—	1	—	—	—	—	2
Italia (S. Cuore)	20	—	98	—	13	1	1	3	—	116
Italia (Romana)	12	—	62	—	1	1	—	—	2	66
Italia (Curia)	2	—	9	1	—	26	1	—	—	37
Messico	2	—	9	—	—	—	—	—	—	9
Nigeria	2	—	7	—	2	34	1	13	—	57
Paraguay	3	—	8	—	—	1	—	—	—	9
Polonia	1	—	2	—	—	—	—	—	—	2
R.D. Congo	2	—	6	—	—	7	3	—	—	16
Spagna	2	—	5	—	2	—	—	—	—	7
Svizzera	1	—	5	—	—	—	—	—	—	5
U.S.A.	2	—	9	—	—	—	—	—	—	9
Totale	80	1	321	6	34	128	8	21	2	521

c) LIETE RICORRENZE NELL'ANNO 2009

1. Novanta e oltre		Anni
Di Nicola don Emidio	13-12-1912	97
Romanò don Luigi	09-03-1916	93
Uglietti don Mario	07-03-1916	»
Bredice don Armando	22-08-1917	92
Guida don Salvatore	02-12-1919	90
2. Ultra-ottantenni		
Cantoni don Giuseppe	16-07-1920	89
Nervi frater Battista	29-06-1920	»
Piatti don Giovanni Battista	28-06-1920	»
Canosi don Emilio	09-04-1921	88
Maniero don Ernesto	26-11-1921	»
Credaro don Tito	11-02-1922	87
Filippi don Antonio	08-10-1922	»
Vaccari don Danilo	01-12-1922	»
Invernizzi don Antonio	06-12-1922	»
Altieri don Vincenzo	11-12-1922	»
Nesa don Nino	11-01-1923	86
Belotti don Francesco	06-02-1923	»
Di Ruscio don Romano	24-04-1923	»
Cogliati don Romolo	11-01-1924	85
Frangi don Luigi	30-03-1924	»
Barindelli don Carlo	05-04-1924	»
Fogliamanzillo frater Salvatore	05-04-1924	»
Antonini don Alberto	12-05-1924	»
Pisnoli frater Luigi	02-07-1924	»
Moroni don Angelo	25-09-1924	»
Altieri don Marcello	27-12-1924	»
Ottaviano don Antonio	27-12-1924	»
Rizziero don Giuliano	29-12-1924	»
Castelnuovo don Mario	23-08-1925	84
Matteazzi don Matteo	15-12-1925	»
Della Bella Fr. Arnaldo	27-02-1926	83
Maglia Don Carlo	21-07-1926	»
Liborio don Battista	05-09-1926	»
Della Morte don Loreto	26-01-1927	82
Maniero don Pietro	18-05-1927	»

Pasquali don Pietro	09-10-1927	82
Nastro don Antonio	17-11-1927	»
Baldan don Ruggero	20-12-1927	»
Gandossini don Anselmo	22-07-1928	81
Gridelli don Tonino	13-12-1928	»

3. Ottantesimo compleanno

Duratti don Giovanni	10-06-1929
Scano don Pietro	15-06-1929
Bianchi Mordini don Maurizio	26-09-1929
Tamburini don Antonio	23-10-1929

4. Cinquantesimo compleanno

Maisano don Santino	02-02-1959
Villani don Irani José	21-03-1959
Costantino don Salvatore	16-05-1959
Onyema don Benedict Emeka	18-07-1959
Altuna Peña don Francisco Javier	20-09-1959
Molina fratel José Luis	27-09-1959
Olivares fratel Manuel	02-11-1959
Martinez Herguedas don José Alfonso	12-11-1959

5. Cinquantesimo di professione

Antonelli don Adelio	12/09/1959
Barlascini don Santo	12/09/1959
Carrera don Mario	12/09/1959
De Simoni don Giovanni Sandro	12/09/1959
Maffioli don Peppino	12/09/1959
Morandi fratel Serafino	12/09/1959
Poletto don Silvano	12/09/1959
Rinaldo don Giuseppe	12/09/1959
Turati don Fortunato Luigi	12/09/1959

6. Venticinquesimo di professione

De Costa don Edenilson	11-02-1984
Demoliner don Flavio	11-02-1984

Munoz frater Ruben	01-03-1984
Urta Carvajal don Agustin	01-03-1984
Arija Garcia don Juan Manuel	08-09-1984
Riva don Marco	08-09-1984

7. Cinquantesimo di ordinazione

Mattiuzzo don Celio	28-06-1959
---------------------	------------

8. Venticinquesimo di ordinazione

Martinez Herguedas don José Alfonso	01-09-1984
Riva don Fulvio Cesare	22-09-1984
Maldaner don Adelmo	15-12-1984
Danieli don Odair	22-12-1984

B) EVENTOS DE CONSAGRAÇÕES

a) NOVIZI

1. Barza (Provincia Sacro Cuore)

Alamer Alfredo
 Amico Giovanni
 Jaroslaw Januszewski

2. Bangalore (Divine Providence Province)

1 (a Barza d'Ispra)

3. Lujan (Provincia Cruz del Sur)

Aguilera Gerardo Sebastian
 Caceres Lescano Carlos Cesar
 Caceres Quintero Gustavo
 Muller Darlan José Lantana
 Rivera Luis Geronimo

4. Nnebukwu

(Delegazione N.S. della Speranza)

Abah Idioko Francis
Ebalasani Giscara
Ekoue Daniel
Emerite Chikwado Achillus
Gayila Eleuthere
Iwuchukwu Jerome
Kibwamusitu Bruno
Mgbechi Ukachukwu Pul Leonard
Moluanton Nenyimi Steve
Monsengo Beno Richard
Ntambo Enewa Gedeon
Oguejifor Chukwudi Vincent
Ozokoye Chijioke

b) PRIMA PROFESSIONE RELIGIOSA

Antonydoss Arivalagan	<i>Divine Providence Province</i>
Bernard Vellington	<i>Divine Providence Province</i>
Gnnathickam Gabriel	<i>Divine Providence Province</i>
Lourdusamy Maria Julian Berna	<i>Divine Providence Province</i>
Aquino Gaston Gabriel	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Corso Diego Omar	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Corvalan Roberto Carlos	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Guerrero Barreto Felix	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Ortiz Candia Juan Manuel	<i>Provincia Cruz del Sur</i>
Soares Caldeira Diogo	<i>Provincia Santa Cruz</i>
Akamnonu Innocent	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Anyadiegwu Kingsley Sebastine	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Bukete Vanser Adelin Amedée	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Diala Nnadozie Eustace	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Dzungwe Agbe Simon Peter	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ibrahimi Paul Rude	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Ingbian David Saaondo	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Kasongo Ntabala Oscar	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Mamona Mamona Marc	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Obilor Lawrence	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>
Okpon Unyine Udofia	<i>Delegazione N.S. della Speranza</i>

Alletto Salvatore
Cerutti Michele

Provincia Romana S. Giuseppe
Provincia Sacro Cuore

c) PROFESSIONE PERPETUA

Masullo Giorgio	(Italia)	a Como	24-03-2008
Rossi Roberto	(Italia)	a Como	24-03-2008
Antony Samy Arockiasamy	(India)	a Cuddalore	19-06-2008
Antonymsamy Selvaraj	(India)	a Cuddalore	19-06-2008
Pitchai Paulraj	(India)	a Poonamallee	12-11-2008

d) PROFESSIONE PERPETUA E DIACONATO

Lourdusamy Mathias	(India)	a Poonamallee	14-01-2008	15-01-2008
Onyeka Stephen Chukwuma	(Africa)	a Nnebukwu	11-04-2008	12-04-2008
D'Aquim Kalam Kangila	(Africa)	a Kinshasa	11-04-2008	13-04-2008

e) DIACONATO

Rossi Roberto	(Italia)	a Roma	18-10-2008
Pitchai Paul Raj	(India)	a Poonamallee	08-12-2008

f) PRESBITERATO

Gramajo Mauro	(Argentina)	a Santa Fe	02-02-2008
Lourdusamy Mathias	(India)	a Thennur	06-06-2008
Cano Gonzales Arturo	(Messico)	a Puebla de Los Angeles	28-06-2008
Gonzalez Mauricio Alfaro	(Messico)	a Puebla de Los Angeles	28-06-2008
Kangila Kalam D'Aquin	(R.D.Congo)	a Kinshasa	27/07/2008
Onyeka Chukwuma Stephen	(Nigeria)	a Nnebukwu	09/08/2008

C) FATOS E ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

Premissa

2008 foi um ano de intensa atividade para a nossa Congregação e, por diversos motivos, um ano de graça singular. Primeiramente devemos agradecer a Deus o ingresso, na Congregação – trâmite a primeira profissão –, de 23 novos coirmãos e um apenas chamado ao céu: Pe. Carlo Ferrario.

Não houve muitas ordenações sacerdotais. Apenas seis. Mas, para 2009, se prevê um índice superior. Além disso, nesse ano, realizaram-se os Capítulos Provinciais: ao todo quatro, e também a Assembléia da Delegação Africana. Não restam dúvidas que os Capítulos são de exaustivo trabalho para as Províncias, mas, também, um tempo de graça pelo simples fato que a revisão do percurso efetivado encaminha a uma renovação da vida religiosa e a um maior empenho em nossa missão. De fato, as propostas e as moções oriundas destes Capítulos, manifestam, claramente, o desejo de um avanço neste sentido pela realização das metas válidas para a Congregação toda, indicadas pelo último Capítulo Geral.

Foi e ainda está sendo o ano do Centenário. Graças a ele percebeu-se um empenho entusiasta em todos os lugares onde marcamos presença, não apenas em tornar conhecido Pe. Guanella e a nossa Congregação, mas, sim, em dar um novo impulso à vida religiosa, pessoal e comunitária, como nos pede o Plano Pastoral 2008-2009. É bem esse o primeiro objetivo dos encontros realizados, das Peregrinações ao Santuário de Lourdes e à Terra Santa, dos Retiros espirituais, dos Congressos, etc. O que almejamos reciprocamente é que esse fervor perdue por muito tempo e, quem sabe, seja coroado com a Canonização do nosso Fundador.

Quanto a isso é oportuno ressaltar que os trâmites, junto à Sagrada Congregação dos Santos, avança com algumas dificuldades a motivo dos depoimentos dos médicos. Mas nós confiamos no auxílio divino para superá-las. Devemos intensificar as nossas preces.

Em contrapartida, preencheu-nos de alegria a notícia, documentada, da Venerabilidade de Dom Aurélio Bacciarini. Também para ele abre-se o caminho para a Beatificação.

A vida das Províncias – agora são seis com a Província Nossa Senhora de Guadalupe –, prima pela fidelidade ao carisma. Exerce-se a missão com empenho e entusiasmo. Em todos os lugares dá-se primazia à Formação. É verdade que algumas Províncias devem levar em consideração o envelhecimento dos coirmãos, muitos deles ainda na ativa, mesmo ultrapassados os oitenta anos! Em

outras e na Delegação Africana – onde a maioria dos coirmãos é jovem – concomitantemente com um bom entusiasmo é preciso defrontar-se com algumas dificuldades específicas da juventude. Todavia aqui é maravilhoso assinalar o que os Superiores Provinciais salientaram quando da reunião (Econtro) em janeiro de 2009, ou seja, que na grande maioria dos coirmãos jovens e menos jovens há boa disponibilidade em obedecer e observar os votos.

Em relação à economia pode-se dizer que não se encontra com velas desfaldadas. Os ventos preocupantes da crise mundial não nos poupam. Todavia, com o olhar penetrante da fé, esse momento também pode ser visto como um dom de Deus em vista de uma purificação mais intensa do nosso ser religioso.

O Secretário Geral
DON PIERO LIPPOLI

1. O período dos Capítulos provinciais

XIII Capítulo Provincial - Província Sacro Cuore

(16-21 de novembro de 2008)

Ao entardecer do domingo, dia 16 de novembro, chegaram em Barza os 46 participantes do XIII Capítulo Provincial, vindos dos países com Instituições da Província Sacro Cuore: (Itália, Suíça, Israel e África).

Segunda-feira de manhã – com a Solene concelebração, presidida pelo Superior geral, Pe. Alfonso Crippa, abertura do XIII Capítulo Provincial com o tema: “Tomar consciência, revitalizar, redimensionar para continuar e esperar”.

O Pe. Geral, em sua colocação, convidou os coirmãos presentes a “reavivar” o nosso carisma de caridade, inculcando-o em nossa vida pessoal, comunitária e de missão.

Às 09 horas com a oração do Bem Aventurado Fundador, Pe. Luís Guanella, procede-se á abertura oficial dos trabalhos capitulares.

Após a saudação do Superior provincial, Pe. Remigio Oprandi, segue a saudação do Superior geral, Pe. Alfonso Crippa e do Superior provincial da Província Romana “São José”, Pe. Pino Venerito.

Após essas saudações, seguem-se as felicitações e as preces dos Cooperadores das nossas coirmãs e do Movimento Laical Guanelliano.

Em seguida eleição dos Moderadores, Secretários e Escrutinadores do Capítulo. São eleitos:

- *Moderadores:*
 - * Pe. Cesare Perego
 - * Pe. Marco Riva
- *Secretários:*
 - * Pe. Domenico Scibetta
 - * Irmão Franco Lain
- *Escrutinadores:*
 - * Pe. Roberto Rossi
 - * Pe. Justin Onganga Ndjondjo

Às onze horas, após o intervalo, o Pe. Provincial procede à leitura do 1º Capítulo do *Instrumentum Laboris*, direcionado à Vida religiosa pessoal e comunitária (luzes e sombras). Seguem os devidos esclarecimentos da parte dos Padres capitulares.

Na parte da tarde retomada dos trabalhos, às 15 horas, com a recitação da Hora Média.

Na sequência, o irmão Mauro Cecchinato e o Pe. Domenico Scibetta apresentam o relatório das obras de caridade (anciãos, portadores de deficiência e menores) e também o serviço pastoral (paróquias, capelarias e pastoral vocacional).

Segue o relatório da economia apresentado pelo Pe. Alfredo Rossetti (que o Pe. Provincial agradeceu publicamente em nome de todos os coirmãos da Província pelo valioso trabalho exercido como ecônomo provincial) e o Pe. Nando Giudici, novo ecônomo provincial.

Segundo dia, terça-feira - Pe. Pino Venerito, Superior da Província Romana, “São José”, preside a Santa Missa, auxiliado pelo Pe. Giancarlo Schievano e pelo Pe. Nico Rutigliano.

Às nove horas todos se reúnem no local do Capítulo para suplicar a santificação de Luís Guanella e, assim, iniciar os trabalhos do segundo dia.

Procede-se à leitura da carta elaborada pelo Pe. Attilio Mazzola, a ser enviada às Irmãs “Misericordie” de Lecco para externar vizinhança e solidariedade.

Segue o relatório do Pe. Giancarlo Frigerio, Superior da Delegação Africana “Nossa Senhora da Esperança” com a solicitação de esclarecimentos da parte da assembléia capitular.

Pe. François Mppunga faz um apelo a todos os Padres capitulares no tocante à situação bélica que, há tempo, atinge a região norte do Kivu, República Democrática do Congo. *Uma coleta de fundos* para colaborar na assistência de numerosas pessoas atingidas pela guerra e acolhidas no Centro de jovens Don Bosco Ngangi, de Goma, no Congo.

Segue a apresentação do *Instrumentum Laboris – capítulo 4 – feita pelo Pe. Marco Grega*. O moderador, Pe. Marco Riva apresenta as diretrizes para a formação das Comissões e o local onde se realizarão os trabalhos.

Às 15 horas, com a recitação da Hora Média, retoma-se o trabalho das Comissões que se estende até as 17 horas. Em seguida os padres Capitulares retornam à assembléia para entregar os trabalhos de grupo e o que foi discutido.

Encerra-se o segundo dia com as Vésperas e a Bênção Eucarística, presidida pelo Pe. Marco Grega.

19 de novembro - quarta-feira – com a Santa Missa em honra de São José, presidida pelo conselheiro geral, Pe. Wladimiro Bogoni – tendo ao seu lado Pe. Marco Riva e Pe. Costantino Salvatore –, iniciam-se os trabalhos do terceiro dia. Na homilia um convite aos capitulares: *saber discernir à luz da Palavra de Deus. Dela advém o apelo a uma verdadeira conversão. Cada mudança é dom de Deus e deve-se implorá-la através de uma intensa oração, superando o medo.*

Os Padres capitulares, acolhendo o convite dos coirmãos congolezes e os estímulos do Padre provincial querem enviar – ao Santo Padre e ao Presidente da República Italiana –, duas mensagens reportando a grave situação humanitária na República Democrática do Congo. Segue o texto enviado ao Papa Bento XVI.

Barza d’Ispra, 18 de novembro de 2008.

Santidade,

Nós, Servos da Caridade – Obra Don Guanella, da Província Sacro Cuore, presentes na República Democrática do Congo desde 23 de setembro de 1996, reunidos em Capítulo provincial em Barza d’Ispra (VA) de 17 a 21 de novembro de 2008 –, fazemos nosso o grito de dor da população do Leste da República Democrática do Congo ainda imersa no abismo de um conflito armado à causa de múltiplos interesses políticos e econômicos, locais e internacionais.

Na condição de filhos da Igreja não podemos ficar indiferentes perante este grito de dor como nos ensina o nosso Fundador, Bem-aventurado Luís Guanella: “Um cristão que crê e que sente não pode passar em frente às indigências sem socorrê-las” (Regulamento 1905, 78).

Na certeza de Vossa solicitude paterna em favor deste povo há muito tempo provado por sofrimentos inauditos, Vos solicitamos de continuar levantando a voz em defesa da paz na Região dos Grandes Lagos do continente africano para dar um basta ao drama da violência que atinge a população civil inocente e à odisséia de milhares e milhares de refugiados, forçados a sair de suas casas, expostos à precariedade desta situação.

Com a mesma confiança do Bem-aventurado Luís Guanella no auxílio da Divina Providência àqueles que recorrem confiantes a Ela, Vos asseguramos, Santidade, o nosso obséquio filial e pedimos a Vossa bênção apostólica.

Os Padres Capitulares

Às 9 horas os Capitulares se reúnem na sala, antes de iniciar os trabalhos da Comissão envolvendo toda a jornada. O retorno à assembléia está previsto para as 15:30 horas. Ao término novamente o trabalho das Comissões a fim de sintetizar as idéias, recolher as sugestões e formulá-las em moções e propostas a serem votadas no último dia.

Às 19 horas Vésperas e Bênção eucarística, presidida pelo Pe. Domenico Scibetta, secretário provincial e do Capítulo. Agradecemos a Deus pela fraternidade, pelos frutos a nós concedidos e por aqueles que desejará nos conceder. Bem aventurado Luís Guanella, rogai por nós!

Quarto dia, quinta-feira – Segue-se o mesmo rito dos dias anteriores: celebração da Santa Missa em honra ao Bem aventurado Luís Guanella. Preside o Pe. Uche Desmond, vigário da Delegação Africana, “Nossa Senhora da Esperança”. Junto a ele, Pe Kelechi Madufdoro, superior da comunidade de Ibadan, e Pe. Guido Matarrese, superior da comunidade de Lemba, Kinshasa. Na homilia um convite: *Devemos ver em Jesus Cristo a chave para entender as exigências da nossa vida. “As dificuldades que encontramos deve-se resolvê-las por meio de uma pessoal conversão interior com um espírito de real otimismo e num contínuo confronto com a pessoa de Cristo”.*

Com o agradecimento de todos os Padres capitulares, Pe. Nico Rutigliano deixa a assembléia para retornar a Roma. Quem o substitui é o Pe. Nino Massara, conselheiro provincial da Província “São José”. Ele e o Pe. Pino vem participar dos trabalhos capitulares.

Pontualmente às 9 horas, em assembléia, iniciam-se os trabalhos do quarto dia. Dá-se continuidade ao trabalho das cinco Comissões no tocante ao tema “colaboração laical e redimensionamento”.

Às 11 horas todos retornam à assembléia para entregar os trabalhos de grupo. O Conselho de Presidência comunica que, na parte da tarde, se iniciará o trabalho de compilação das moções e das propostas.

Às 14:30 horas todos se reúnem para recitar a Hora Média. Seguem os trabalhos da Comissão a fim de individualizar, elaborar e redigir as moções-propostas a partir do material, bem como indicações e estímulos emersos durante as discussões da Assembléia.

Às 17 horas em Assembléia para a apresentação das moções-propostas a serem discutidas e corrigidas.

Às 19 horas, encerrando o dia, Exposição do Santíssimo Sacramento,

Vésperas e Bênção. Pe. Nando Giudici, novo ecônomo provincial, preside a Celebração.

Sexta-feira, 21 de novembro – último dia do Capítulo. Santa Missa na Apresentação da Bem aventurada Virgem Maria, presidida pelo Pe. Remigio Oprandi, Superior provincial. Ao seu lado, Pe. Giancarlo Frigerio, Superior da Delegação Africana e Pe. Nando Giudici, ecônomo provincial. Na homilia Pe. Remigio reporta o Sínodo dos Bispos cujo tema era a Palavra de Deus: “*A Palavra de Deus é fonte de graça e de vida; mas, concomitantemente, é apelo ao empenho pessoal e à fidelidade. Tão somente a humildade de coração nos possibilita reconhecer os erros e nos colocar num caminho de fidelidade. Nestes dias de Capítulo experimentamos a busca, a análise, a incerteza. Seja o Espírito Santo, do qual emana a Palavra, a nos conduzir por um caminho de Esperança*”.

Após os devidos agradecimentos ao Pe. Geral e a todos àqueles que, de um modo ou de outro prepararam e participaram deste XIII Capítulo província, a Assembléia se reúne para a discussão e a votação do Relatório *Instrumentum Laboris* e do relatório da Economia. Os dois relatórios são aprovados.

Na sequência, apresentação de eventuais problemas específicos da Delegação Africana “Nossa Senhora da Esperança”. Seguem algumas intervenções dos coirmãos da Delegação. A Assembléia da manhã conclui-se com a saudação do Pe. Geral, dirigida aos capitulares e a recitação da Hora Média.

Após o intervalo do almoço, a Assembléia se reúne às 14:30 horas para o último ato capitular: a votação das Moções e das Propostas. A moção final, em nome de todos os Padres capitulares, declara encerrado o XIII Capítulo provincial.

Com a exposição do Santíssimo, Vésperas, o canto do “Te Deum” e a bênção solene agradecemos a Deus e aos nossos Bem aventurados Luís e Clara os dons recebidos. A Virgem Maria, Mãe da Divina Providência e da Esperança, no dia a ela dedicado, mantenha a nossa Família Guanelliana, esparsa em todo o mundo, para que, com alegria e entusiasmo, seja fiel ao carisma do Bem aventurado Fundador, que esperamos, em breve, contemplar entre os santos da Igreja em todo o mundo.

XIII Capítulo Provincial Província Cruz del Sur

(17-21 de novembro de 2008)

En el Seminario San Pío X de Tapiales, siendo las 7.15 horas, de lunes, 17 noviembre, los capitulares se reúnen en la capilla para concelebrar la Eucaristía presidida por el p. Sergio Rojas Franco, Superior provincial. Antes de finalizar la celebración llama a cada uno de los capitulares por su nombre y declara abierto el XIII Capítulo provincial de la Provincia Cruz del Sur.

Luego del desayuno, a las 9 horas puntualmente nos reunimos en la sala Capitular para los actos preliminares del Capítulo.

Al saludo y bienvenida del Padre provincial, se sucede el saludo del consejero general p. Carlos Blanchoud y el del p. Enrico Colafemina, Superior provincial de Nuestra Señora de Guadalupe.

Luego se da lectura al saludo del MLG, y a otro, enviado por correo electrónico, del p. Giuseppe Pulcinelli, superior provincial emérito ausente por razones de salud.

Se procede luego a la elección de los oficiales del Capítulo, quedando definidos del siguiente modo:

- *Moderador*: p. Jorge Domínguez.
- *Secretarios*: p. Nelson Jerez y p. César Augusto Leiva.
- *Escrutadores*: p. Carlos Salcedo y Mauro Gramajo.

Acto seguido el moderador asume su lugar en la testera y se procede a revisar el horario que es aprobado por la asamblea capitular.

Siendo las 10,15 horas, luego del intervalo, el Superior provincial presenta su informe sobre la vida de la Provincia Cruz del Sur.

Concluido este en torno a las 11, 20 horas se abre la plenaria para aclaraciones sobre la relación del Superior Provincial. Luego de un rico intercambio se termina la jornada de la mañana.

A las 15 horas, se reabre la sesión con el informe del ecónomo provincial, y tras un intervalo, a las 17 horas, se retoman los trabajos con el examen de los anexos de las auditorías realizadas por el ecónomo.

La jornada termina a las 18, 40 dejando la posibilidad de los capitulares de pedir aclaraciones en las próximas sesiones.

Finalmente, siendo las 19 horas celebramos en conjunto el rezo de vísperas y se concluye así la primera jornada del Capítulo.

Segundo día: martes 18 de noviembre, a las 7,15 horas, los capitulares se reúnen en la Capilla del Seminario para celebrar la Eucaristía, presidida por el Provincial de Nuestra Señora de Guadalupe, p. Enrico Colafemina.

Luego del desayuno, a las 9 horas, los capitulares se reúnen en la Sala de Asamblea. El moderador convoca a la oración, se reza la Oración por la Canonización del Beato Luis Guanella.

Para iluminar esta jornada el padre Leonardo Capelutti SCJ da una conferencia con el título *“Los Votos Religiosos en relación con la conversión”*.

Luego de una pausa padre Leonardo prosigue con su exposición, y al concluir la misma, los capitulares tienen la posibilidad de preguntar, pedir aclaraciones o hacer algún aporte.

Siendo ya pasado el mediodía, se termina la sesión agradeciendo vivamente la iluminación del padre Capelutti.

La sesión de la tarde comienza dividiendo la asamblea en dos grupos de trabajo, para reflexionar sobre el Instrumentum Laboris elaborado por la comisión pre-capitular y sobre la iluminación de la mañana.

A las 17 horas y luego de una pausa los capitulares se reúnen en la Sala de Asamblea para exponer lo reflexionado en los grupos. Tras un rico intercambio, a las 18 hs. por propuesta de uno de los capitulares, se decide por unanimidad volver al trabajo grupal para elaborar Mociones y Propuestas para luego ser votadas en el momento indicado para tal fin.

Siendo las 18,45 horas, termina el trabajo en grupos y 15 minutos más tarde, se pasa al rezo de Vísperas por parte de los Capitulares, concluyendo así la segunda jornada de trabajo.

Tercer día. Siendo las 9 horas del 19 de noviembre de 2008, la asamblea reunida en la casa de Tapiales inicia la jornada con la oración para la canonización del Fundador.

Este día, participan los delegados laicos de que trabajan en los distintos sectores de nuestra misión, en los tres países que componen la provincia.

El R. P. Mario Iantorno, SdB, presenta su conferencia titulada “La comunidad religiosa en relación con los laicos”.

La interesante presentación es seguida por preguntas en plenario las que se extienden hasta el mediodía. Por la tarde, se pasa al trabajo por grupos, conformados por religiosos y laicos, para poner en plenario las conclusiones alrededor de las 17 horas.

El trabajo enfatizó, entre otros temas, el descubrimiento del laicado como vocación, las dificultades emergentes de la relación entre laicos y consagrados y la necesidad de una adecuada formación.

Una fructífera jornada, cuyos trabajos concluyen con el rezo de Vísperas a las 19 hs.

En el cuarto día, tras la Eucaristía celebrada en la capilla del seminario y presidida por el p. Gustavo De Bonis, se invita a los laicos participantes de la jornada anterior a realizar un trabajo extra asamblea.

Más tarde, el Moderador entrega a los Capitulares un bosquejo del “Estatuto y Reglamento de los Asociados a los Siervos de la Caridad, laicos y clérigos”; un borrador del “Vademécum para los Siervos de la Caridad”, una copia de las propuestas de Moción que llegaron al Consejo provincial de parte de las comunidades para ser tratadas en el Capítulo y un instructivo acerca de cómo se puede votar las Mociones y las Propuestas.

Luego se pasa a trabajar en comisiones con el borrador del Vademécum, durante el resto de la mañana.

Ya en horas de la tarde se realiza una sesión plenaria en la Sala Capitular sobre las conclusiones de los trabajos realizados por la mañana.

Más tarde, y para culminar la jornada, se pone a consideración de la Asamblea las propuestas y las mociones llegadas al Capítulo.

Finalmente y con el rezo de Vísperas se da término al trabajo del día.

Quinto y último día, viernes 21 de noviembre: siendo las 7 hs. los Capitulares se reúnen en la Capilla del Seminario para la Adoración Eucarística.

Más tarde, a las 9.10 hs., se da inicio a la Sesión en la Sala Capitular con la Oración por la Canonización del Beato Luis Guanella y se procede a revisar las propuestas de moción que quedaron pendientes de revisar en el día de ayer.

Tras una pausa se retoman los trabajos, que concluyen llegada la hora del almuerzo. Por la tarde, apenas pasadas las 15.00 hs., se inicia la sesión en la Sala Capitular invocando la Intercesión de la Virgen María. Se procede a la votación de las Mociones y Propuestas.

Concluidas las votaciones y antes de proceder a la votación para la Clausura del Capítulo Provincial el Superior provincial da algunos avisos de orden práctico y agradecen a la Asamblea:

- El padre Carlos Blanchoud, consejero general.
- El padre Enrico Colafemina, Superior provincial de la Provincia “Ntra. Sra. De Guadalupe”.
- El padre Sergio Rojas, Superior provincial de la Provincia “Cruz del Sur”.
- El padre Jorge Domínguez, Moderador del Capítulo.

Siendo las 17.15 hs, por votación unánime de la Asamblea se da por concluido el XIII Capítulo provincial de la Provincia Cruz del Sur, “*La conversión, para una mejor vivencia de nuestra consagración religiosa*”.

A las 19 hs. tiene lugar la Santa Misa de Clausura con la participación de los Laicos invitados y los novicios del Noviciado “Nuestra Señora de Luján”. Preside la Concelebración el p. Carlos Blanchoud, consejero general.

XIII Capítulo Provincial da Província Romana S. Giuseppe

(23-28 de novembro de 2008)

Às 18 horas do dia 23 de novembro, na solenidade de Cristo de Cristo Rei, os 26 coirmãos Capitulares – presentes, também, o Superior geral e o Conselheiro geral, Pe. Wladimiro Bogoni – se reencontraram na Casa “Divin Maestro de Ariccia”. Ali, após a janta, fizeram os últimos preparativos para o início oficial do XIII Capítulo da Província Romana, San Giuseppe. A oração ficou a cargo do Pe. Aldo Mosca que apresentou o ícone dos Doze Apóstolos, escolhido como referencial para a reflexão destes dias. Encerrou-se este primeiro momento com o canto do “Veni Creator”.

Em seguida procedeu-se à eleição dos moderadores (Pe. Fabio Lorenzetti e Pe. Nino Massara), dos escrutinadores (Pe. Aldo Mosca e Pe. John Bosco) e dos secretários (Pe. Lillo Di Rosa e Pe. Tommaso Gigliola).

O primeiro dia de trabalho, segunda-feira, 24 de novembro, iniciou-se com a oração das Laudes, presidida pelo Pe. Beppe Frugis.

Em seguida Pe. Wladimiro Bogoni apresentou aos Padres capitulares a figura do Pe. Antonio Ronchi, missionário guanelliano no Chile que – na vida religiosa e sacerdotal – deu um luminoso testemunho de guanellianidade entre os povos mais abandonados.

Os trabalhos de assembléia tiveram início às 9 horas com Pe. Tommaso Gigliola apresentando a ícone bíblica “O chamado dos Doze Apóstolos” (*Mc 3, 13-19*).

Em seguida, leitura de diversas mensagens de felicitações advindas. Pe. Remigio Oprandi, Superior da Província Sacro Cuore, saudou todos os coirmãos, almejando-lhes pleno êxito nos trabalhos capitulares.

Às 9:30 o Superior Provincial, Pe. Pino Venerito apresentou o seu relatório, intitulado: “*Por um presente que tenha futuro. Que modalidade de vida consagrada e sacerdotal guanelliana?*” Nisso, inspirando-se na figura de alguns apóstolos, salienta os valores religiosos e sacerdotais do guanelliano.

À tarde, após a recitação da Hora Média, presidida pelo Pe. Romano Argenta, o ecônomo provincial, Pe. Cosimo Schiavone, apresenta a situação econômica administrativa da Província San Giuseppe.

Às 18:45 Celebração eucarística, presidida pelo Superior geral, Pe. Alfonso Crippa, encerrando os trabalhos deste dia.

Após a janta os coirmãos capitulares se reencontram para um momento de fraternidade, animado pelos padres Fabio Lorenzetti e Aldo Mosca, coadjuvados pelo Mago Arcano (Pe. Arcangelo Biondo).

O segundo dia inicia-se com a recitação das Laudes, a cargo do Pe. Wieslaw Baniak. Ao seu término, Pe. Wladimiro apresenta a figura do Pe. Piero Pellegrini, enfatizando o elevado nível cultural e profético do coirmão. Às 9:15 todos se reúnem na sala para a meditação apresentada pelo Pe. Tommaso Gigliola, inspirando-se na Parábola da *ovelha perdida e a correção fraterna* (Mt 18, 10-17).

Os trabalhos capitulares iniciam-se em Assembléia, ocupando grande parte da manhã. Às 15:30 os padres capitulares se reúnem na capela para um momento de Adoração Eucarística, presidida pelo Pe. Mário Cogliati, e a recitação da Hora Média.

Às 17 horas os capitulares se dividem em grupos para iniciar os trabalhos a partir das questões apresentadas pelo Conselho de Presidência, como segue:

- 1) *Como “vitalizar” o relacionamento entre os coirmãos em âmbito de comunidade e de Província?*
- 2) *Que aspectos devemos reforçar em nosso estilo de vida e de presença operativa, para que se exprima, claramente, o carisma, também em perspectiva de testemunho vocacional e em vista de uma profícua colaboração com os leigos?*
- 3) *Com base nos recursos humanos e econômicos dos quais a Província hoje dispõe, quais as opções prioritárias em termos de missão e o crucial desafio da re-qualificação?*

Às 18:45 horas com a Celebração Eucarística, presidida pelo Pe. Wladimiro Bogoni, conselheiro geral, encerram-se as atividades do dia.

À noite Pe. Wieslaw apresentou a história da presença guanelliana na Polônia, particularmente no que diz respeito à construção da nossa primeira casa polonesa em Skawina, dedicada à Mãe da Divina Providência.

O terceiro dia de trabalho inicia-se com a recitação das Laudes, presidida pelo Pe. Santino Maisano e a meditação do Pe. Wladimiro Bogoni apresentando a figura do Pe. Giovanni di Túlio, enfatizando o caráter apostólico e altamente carismático do coirmão que doou a sua vida no atendimento pastoral.

Os trabalhos capitulares, na parte da manhã, iniciam-se com a costumeira reflexão bíblica do Pe. Tommaso Gigliola com base em *At 2, 42-27 (A primeira comunidade cristã)*.

Em Assembléia, Pe. Nico Rutigliano apresenta uma síntese das Assembléias regionais dos leigos. Ao término, trabalho em grupos a fim de discutir no tocante a algumas propostas operacionais.

Às 11:30 os padres capitulares se reencontram na sala a fim de ultimar os trabalhos das Comissões. Durante o almoço, um momento de festa e fraternidade pelo aniversário do clérigo Antonio De Masi.

Às 15:30 na Capela para a recitação da Hora Média, presidida pelo Pe. Vittorio Mosca. Em seguida mesa redonda sob a coordenação do Pe. Nico Rutigliano. Precioso e apreciado o aporte do padre salesiano, Roberto Colameo, e do padre orionino, Giuseppe Soriani, fundamentada na própria experiência de vida comunitária.

Após o intervalo retomam-se os trabalhos em grupo que findam às 19 horas. Segue-se a celebração eucarística em honra ao Bem-aventurado Luís Guanella, presidida pelo Pe. Remigio Oprandi, Superior da Província Sacro Cuore.

Ao término da intensa jornada de trabalho, um momento de lazer e fraternidade numa pizzeria.

Com as Laudes da quinta-feira, 27 de novembro, presididas pelo Pe. Pietro Scano, deu-se início à penúltima jornada capitular.

Como complementação a meditação sobre a figura do Pe. Domenico Frantellizzi da parte do Pe. Wladimiro Bogoni, vindo a enriquecer a Assembléia.

O trabalho inicia-se às 9 horas com a meditação do Pe. Tommaso Gigliola fundamentada no Evangelho de São João, capítulo 15, versículos 1 a 11 (*a videira e os ramos*).

A seguir, no restante da manhã prossegue-se com o trabalho das Comissões a fim de preparar as Moções a serem apresentadas na Assembléia. Às 17 horas os padres Remigio Oprandi, Cesare Perego saudaram os coirmãos capitulares, agradecendo a acolhida e a preciosa experiência compartilhada ao longo destes dias.

A Santa Missa das 19 horas preside-a Pe. Fabio Lorenzetti, vigário provincial. Ao seu término, O Superior Geral, Pe. Alfonso Crippa saúda e agradece os coirmãos despedindo-se no seu retorno a Roma.

Após a janta os coirmãos se reúnem em Assembléia para discutir as moções e as propostas.

O último dia do Capítulo inicia-se com a Celebração Eucarística, presidida pelo Provincial, Pe. Pino Venerito.

Os trabalhos se iniciam com a costumeira meditação a cargo do Pe. Tommaso Gigliola, a partir do Evangelho de Mateus, 5,1-11 (*as Bem-aventuranças*). Em Assembléia retoma-se a discussão e correção das Moções, votadas na segunda parte da manhã.

O canto do *Te Deum*, juntamente com o agradecimento do Provincial e de seu Conselho a todos os coirmãos que participaram, encerra oficialmente o XIII Capítulo da Província.

XIII Capítulo provincial da Província Santa Cruz

(Canela, 24 a 28 de novembro de 2008)

Às 18 horas, de dia 24 de novembro, deu-se início ao Capítulo com a celebração da Santa Missa, na Capela da antiga Casa São José, atual Hotel Fazenda Pampas da Serra, presidida pelo Pe. Ciro Attanasio, Provincial da Província Santa Cruz. Estavam presentes o Pe. Carlos Blanchoud, conselheiro geral e o Pe. Sergio Rojas Franco, Provincial da Província Cruz del Sur e os Padres e Irmãos Capitulares, num total de 18.

O Pe. Ciro, na homilia da Celebração votiva ao Espírito Santo, destacou que é preciso alegrar-nos como dizia o Apóstolo São Paulo, para com empenho procurarmos reavivar o dom de Deus que está em nós. Que devemos cultivar um forte desejo de Santidade deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo de Deus.

Capítulo é uma oportunidade de olharmos par dentro de os mesmos com simplicidade, transparência e autenticidade guanellianas.

Num segundo momento refletiremos sobre o Documento de Aparecida que nos exorta a sermos discípulos missionários de Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida com o Evangelho da Vida e da Caridade.

Às 20:15 iniciou-se com um canto de invocação ao Espírito Santo. O Pe. Ciro dá as boas vindas e dirige algumas coordenadas práticas sobre o conteúdo da pasta de cada um. Chama, então, os dois coirmãos mais novos para lerem a carta de convocação dos Capitulares, para fazer a chamada dos presentes. Exceto o Pe. Adenir Fumagalli, todos estão presentes. Após o que o Pe. Ciro declara aberto o XIII Capítulo provincial.

Foram eleitos:

- *Moderadores*: Pe. Gelsi Fiorentin e Pe. Alcides José Vergütz.
- *Secretários*: Pe. Mauro Vogt e Ir. Arilson Bordignon.
- *Escrutinadores*: Pe. Celio Mattiuzzo e Pe. Valdemar Alves Pereira.

Começamos o nosso dia, 25 del novembro, com a Oração de Laudes e meditação, na Capela.

Às 8:30 h o moderador, Pe. Gelsi Fiorentin, faz uma breve reflexão sobre o não termos medo de buscar o melhor para o nosso crescimento. Pede, então, para fazermos uma oração juntos sobre a Sabedoria.

O Provincial começa a apresentação do seu Relatório onde destaca as três dimensões fundamentais da Vida Religiosa: Consagração, Vida Fraterna e Missão sob o prisma da Vida Fraterna em Comunidade.

14:30 h - Oração da Hora Média na Capela.

14:45 h - Trabalhos em grupo sobre o Relatório do Provincial.

Às 15 horas os coirmãos partiram para os trabalhos em grupo que foi até por volta das 17 horas.

Plenário: Após uma saudação de boas-vindas ao Pe. Adenir José Fumagalli que chegou pelo após o meio dia. Passamos para o Plenário.

O Pe. Provincial fez, as seguintes perguntas sobre o seu Relatório, para ser respondidas em três grupos, conforme síntese que segue:

1. Parecer global sobre o que foi apresentado

Apresentação com clareza da realidade da Província. Extenso e exortativo. Visão ampla.

Relatório Completo (os três grupos foram unânimes em dizer que é bem completo) e bem fundamentado na Palavra de Deus, da Igreja, da Congregação e da Realidade.

2. *O que nos alegra?*

Foram apresentados muitos pontos positivos que nos alegram referentes à vivência concreta da nossa vida de Consagrados, que estarão integralmente relatados nos Atos do Capítulo.

Aqui relatamos somente quatro:

- Caminhada de conjunto com as Irmãs e os leigos.
- Paróquias guanellianas samaritanas.
- Atenção para a animação vocacional, formação seminarística e permanente. Prioridade no campo vocacional.
- Testemunho dos coirmãos que vivem a união, o esforço e atenção recíproca. Espírito de doação.

3. *O que nos desafia?*

a. *Na vida do Espírito.* Apresentamos também somente quatro.

- Priorizar a Lectio Divina.
- Realizar o projeto pessoal para contribuir mais com o projeto comunitário.
- Abertura aos novos tipos de pobreza na realidade em que atuamos.
- Maior assiduidade aos momentos de oração pessoal, meditação e confissão mais freqüente.

b. *Na vida Comunitária.* Apresentamos aqui, somente três:

- Não Julgar, não condenar os coirmãos. Procurar crescer juntos como coirmãos.
- Momentos fortes de vida e de convivência fraterna: oração, retiros, lazer.
- Correção fraterna porque existe individualismo, egoísmo.

c. *Na Missão.* Apresentamos três:

- Planejar, organizar e avaliar juntos a missão conforme o carisma.
- Formar-se mais em vista da missão seja, pastoral, assistencial, administrativa.
- Incrementar a pastoral da juventude com ações concretas para envolver os jovens.

4. *Urgências e propostas...*

Cinco propostas:

- Formar comunidades de pelo menos três coirmãos.
- Definir melhor o que é MLG.
- Continuar a Prioridade da Pastoral Vocacional.

- Investir mais na formação dos leigos.
- Novos meios para a prática da caridade segundo a legislação vigente.

O dia 26 de novembro iniciou com a oração das laudes, rezada na capela às 7 horas da manhã, sob a coordenação dos coirmãos do regional dois.

Após o café, os Capitulares iniciaram os trabalhos propostos para o dia ouvindo a apresentação do relatório econômico da Província, produzido e apresentado pelo Pe. Edenilso de Costa, ecônomo provincial, em parceria com o Pe. Deoclésio Danielli, ecônomo emérito.

Em seu relatório, Pe. Edenilso apresentou de maneira completa e objetiva a situação econômica de cada Instituição guanelliana presente em terras brasileiras. No período vespertino, os Capitulares se reuniram em três grupos para analisar os dados e informações contidos no relatório econômico, emitindo um parecer global. Em seguida, ainda reunidos em grupo, os Capitulares prepararam as moções e propostas para o Capítulo.

Após o coffee-break da tarde, houve a apresentação de um CD multimídia sobre a vida do Pe. Luís Guanella, por meio de animação em 2D (duas dimensões), feita pela empresa Prisma e OZ Multimídia, de Porto Alegre/RS. A idéia é que a Província elabore um projeto infantil sobre a vida do Pe. Guanella destinado às escolas (educação infantil) e às paróquias (para a catequese de primeira eucaristia), incluindo também a animação vocacional.

Logo em seguida, Ir. Arilson Bordignon apresentou aos Capitulares o projeto e o site da Província Santa Cruz, que está em fase de conclusão.

Às 18h15min houve a celebração eucarística presidida pelo Pe. Edenilso, e concelebrada pelos padres Sérgio Rojas e Adelmo Luiz Maldaner. Em seguida a janta foi servida, num clima de fraternidade e descontração, e a noite os Capitulares não tiveram atividades, ou seja, ficaram livres para confraternizar, conversar e conviver.

Às 7 horas da manhã de dia 27 de novembro com a presença dos leigos, foi celebrada a Santa Missa, no dia Nacional de Ação de Graças, presidida pelo Pe. Mauro Vogt. A homilia foi sobre o dar continuamente graças a Deus, pelos inúmeros benefícios que Deus nos concede.

Após breves exortações do Pe. Gelsi Fiorentin, Moderador do, dia iniciou-se, às 8:45 h, na Sala Capitular as atividades do dia com uma oração de invocação ao Divino Espírito Santo. Participam conosco representantes leigos de todas as nossas Paróquias, obras e Cooperadores, num total de 25.

O tema: Discípulos Missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida com o Evangelho da Vida e da Caridade.

A conferencista é a Irmã Maria Alcídia Guareschi, das irmãs de Notre Dame. Já foi presidente da Conferência Regional dos Religiosos (as) do Estado do Rio Grande do Sul.

O Pe. Ciro diz que o Carisma foi dado para todos nós para se colocado a serviço da Igreja inteira. As nossas paróquias devem ser tornar sempre mais Samaritanas, assim como nossas escolas e entidades assistenciais. Em sintonia com A CELAM queremos nos reconhecer como discípulos enviados por Jesus. Pe. Ciro exorta para caminhar com a Igreja toda com o carisma específico. O Evangelho da Vida e da Caridade.

A Ir. Alcídia apresenta uma síntese do Documento *Deus Charitas est* e fala que o Papa coloca uma pérola nas mãos dos cristãos e que somos chamados a corresponder, quando nos dá tal documento. Ela diz que o Carisma da Caridade não é reservado somente para os padres, irmãos e irmãs religiosos, mas também para os leigos para levarmos esta mensagem e proposta de Deus para o mundo de hoje.

Os Capitulares, com os leigos, se integram em 6 grupos de reflexão sobre o documento DC.

À tarde a Ir. Alcídia apresenta umas partes do documento *Evangelium Vitae*. No que concerne à promoção da vida, o cuidado da vida.

De novo foram feitos trabalhos em grupo e à noite foram partilhados em plenário.

Dia 28 de novembro:

7:00 h - Oração de Laudes com os Leigos na Capela Grande.

8:15 h - Assembléia Capitular no auditório com a presença dos mesmos 25 leigos e duas Irmãs Guanellianas, começa as atividades do último dia de Capítulo.

Pe. Gelsi lê a mensagem da Ir. Neli Bordignon, Provincial das Irmãs Filhas de Santa Maria da Providência. A Provincial exorta a viver o vínculo da caridade que provém do nosso carisma comum e a estarmos abertos para os caminhos que a Divina Providência nos indica.

Ir. Alcídia começa a tratar do tema principal «*Discípulos Missionários de Jesus Cristo com o Evangelho da Vida e da Caridade*», a partir do Documento de Aparecida.

Tema específico: «*Discípulos Missionários a Serviço do Reino da Vida*».

O olhar de Aparecida se coloca sobre toda a humanidade.

Vamos ao mundo anunciando a Boa Nova de Deus.

Não podemos cruzar os braços diante de uma realidade tão desafiadora.

Discípulos Missionários a Serviço do Reino da Vida.

Discípulo é aquele que dobra os joelhos diante de Deus.

Quem se enche de Deus não pode ficar parado. Ele vai com toda a unção e comunhão, com a intimidade com Deus para levá-lo ao mundo.

Quem reza e cala diante das injustiças ainda reza muito pouco. Estar com Deus, com o Senhor da misericórdia faz nascer o desejo de levar a vida de Deus ao mundo.

O tema Discípulos Missionários perpassa o DA como um fundo de sustentação e de apoio a toda a ação da Igreja, como um fio de esperança.

Hoje a missão nos desafia “a passar para o outro lado da margem”, “a avançar para águas mais profundas” (Lc 5, 1ss) para anunciar a Boa Nova do Reino:

- onde a vida é maltratada;
- onde a dignidade humana não é reconhecida;
- onde a injustiça continua criando diferenças e separações;
- onde falta solidariedade;
- onde se produzem excluídos, descartáveis... (Da 65).

Na parte da tarde somente os Capitulares continuam os trabalhos.

Alguns coirmãos apresentam a realidade dos nossos seminários e dizem que em Carazinho temos 6 seminaristas menores, em São Paulo temos 4 e em Porto Alegre, na etapa da Filosofia são 12.

Após um momento de oração passou-se para a aprovação das moções e propostas, que ocupou toda a parte da tarde.

Às 18:15 horas celebrou-se a Santa Missa conclusiva do Capítulo presidida pelo Pe. Carlos Blanchoud que falou da importância de vivermos sempre com muita simplicidade e gratidão o dom de Deus, o Carisma, mas com grande criatividade inventiva, com a fantasia da Caridade.

O Superior provincial agradece a todos os Capitulares e declara concluído o Capítulo.

2. A nova Província Nossa Senhora de Guadalupe

Em data de 02 de fevereiro de 2008, através do “prot. N. 937/02-08”, o Superior geral criou a nova Província Nossa Senhora de Guadalupe, constituída pelas nações a seguir: Espanha, México, Colômbia e Guatemala.

Essa é a sua sede: PROVINCIA NUESTRA SEÑORA DE GUADALUPE, Calle Pino Y Arrayán s/n - Colônia S. Miguel Teotongo - 09510 México D.F.

Além disso, por ocasião da reunião do Conselho em data de 22 de abril de 2008, o Superior – após a aprovação oficial do *Pe. Enrico Colafemina* a título de Superior provincial e do *Pe. Alfonso Martinez como Vigário e Primeiro conselheiro* –, nomeou os padres *Cosimo Pedagna e Carlos Staper* como Conselheiros.



Deste modo, o Conselho provincial da Província Nossa Senhora de Guadalupe é assim constituído:

- Pe. Enrico Colafemina, *Superior provincial*;
- Pe. Alfonso Martinez, *I Conselheiro e Vigário Provincial*;
- Pe. Cosme Pedagna, *II Conselheiro*;
- Pe. Carlos Staper, *III Conselheiro*.

Em seguida houve a nomeação do Secretário e do Ecônomo da nova Província. *Pe. Carlos Staper* foi nomeado Secretário e *Pe. Angel*, Ecônomo.

3. Encontro dos dois Conselhos gerais - SdC e FSMP

O encontro se realizou no dia 17 de julho de 2008 em “San Pancrazio”.

Diversos os temas abordados. Primeiramente, troca de comunicações, impressões e relativas projeções em base a algumas experiências realizadas em conjunto, ou agendadas, tais como: peregrinações a Terra Santa e Lourdes, Con-

gressos históricos do centenário, Museus guanellianos, Mostra dos povos no “econtro” de Rimini, material de divulgação que está sendo preparado, Centro integrado de comunicação.

A seguir, aspectos de maior abrangência a serem discutidos e confrontados: Centro de Estudos de Roma, MLG, algumas presenças missionárias nossas necessitadas de maior atenção, preparação da reunião dos cinco Conselhos das Províncias dos Servos da Caridade e Filhas de Santa Maria da Providência da América Latina, em São Paulo (fevereiro de 2009), tópicos para a segunda carta de comunhão entre as duas Congregações.

Como sempre um clima cordial e construtivo. E também a oportunidade de rezarmos juntos por ocasião do onomástico da Irmã Marcellina Bosatta e apresentarmos ao Bom Deus as expectativas e as esperanças que cultivamos no coração.

4. Celebrações do Centenário 1908-2008

Em data de 24 de março de 2008, segunda-feira, no Santuário do “Sacro Cuore”, em Como, abertura oficial do Centenário da Primeira Profissão do Fundador, emitida, há 100 anos exatos, no mesmo Santuário. Pe. Alfonso Crippa, Superior Geral, presidiu a solene concelebração, circundado por 75 coirmãos, vindos de diversas localidades da Itália e, também, do exterior. Junto aos coirmãos, numerosas Irmãs, lideradas pela Madre geral e o seu Conselho, numerosos Cooperadores, muitos leigos do MLG, jovens do M2G e destinatários de nossa missão caritativa. Tudo indicava ser esse um dos momentos mais importantes e solenes da nossa vida religiosa, todos compenetrados no grande evento de cem anos atrás, que deu vida e reconhecimento à nossa Congregação. Com certeza veio à mente de cada um o que Pe. Mazzucchi escreve, no tocante a este aspecto, na vida de Pe. Guanella, à página 182-183: *“A nós, congregados, pareceu-nos oportuno destacar a emoção, a grandeza e a suntuosidade daquele evento. Nossa percepção era exatamente a de estarmos diante de Deus, um Deus presente que acolhia nossos sentimentos e nossos propósitos por meio da profissão dos votos sagrados; e diante, também, do mundo, conscientes de sermos o pequeno rebanho, os infirma mundi, os instrumentos irrelevantes que o bom Deus convoca para atuar na Igreja e na sociedade bem no início de uma obra perene e gloriosa, sempre em proporção à fidelidade e ao cumprimento do plano de Deus para salvar o mundo em nome de Cristo, por meio da caridade de suas respectivas obras. Naquela hora tardia – enquanto o misterioso silêncio da noite impulsionava mais fortemente as batidas do nosso coração e os anjos do céu aglomravam-se no templo, bem felizes e rezando –, Pe. Luís dirigiu a palavra aos demais, uma palavra humilde, boa e simples. Todavia, não tanto a boca, mas seu*

coração e sua santa alma eram os que deixavam aflorar afetos e pensamentos de rara sublimidade. Quando o ouvimos agradecer, ele, o mártir de tantas labutas e sofrimentos passados e futuros, o pai sempre generoso no compartilhar de seu amor, sua imensa ternura, não obstante as nossas limitações... Quando o escutamos agradecer por termos acolhido seu convite, acompanhando-o no seguimento a Cristo, e perante Deus termos reatado vínculos tão sagrados e assim poder ele encerrar sua vida no esquecimento, na pobreza e na santa tranquilidade da vida religiosa... Oh! Foi então que nosso coração não aguentou mais e deramamos copiosas lágrimas: lágrimas de amor, de santa emoção, de arrependimento e de reconhecimento; e abriram-se sulcos indeléveis em nossa alma”.

Na homilia o Superior Geral quis oferecer à grande família de Pe. Guanella diretrizes concretas, aspectos articulares a serem revistos e reavivados neste ano jubilar, convidando a todos a viver o espírito das origens. “*As celebrações jubilares* conclui Pe. Alfonso, *não se limitam, apenas, a uma mera lembrança suscitando admiração, mas querem ser, graças ao empenho de todos, fermento e estímulo para progredir no caminho da santidade e dar continuidade às obras caritativas, recebidas em herança”.*

Deste modo – à semelhança do que aconteceu em como e em todas as Províncias do mundo guanelliano –, iniciam-se solenes celebrações centenárias. Para sermos breves publicamos, tão somente, a comemoração da Índia.

A comunidade da Índia, – por ocasião deste acontecimento –, marcou um encontro no seminário Saint Joseph, na Casa Mãe, em clima de festa e intensa alegria. A celebração teve início na paróquia de Cuddalore, Sahaya Matha, primeira pedra da missão guanelliana. O pároco, Pe. Roosevelt acolheu, entusiasta, o reverendíssimo Antony Samy (Vigário geral da arquidiocese de Pondy Cuddalore), numerosos sacerdotes, religiosos e sacerdotes, vindos para a comemoração. A explicação da indulgência plenária e de seus frutos e um momento intenso de oração precederam o início da procissão. E foi conduzida solenemente pelas ruas de Cuddalore uma relíquia do Fundador, num lindo testemunho de fé, acompanhado de orações, cânticos e danças tradicionais até o seminário, local da celebração eucarística. A comunidade de Chennai teve a incumbência de animar a liturgia e o coral ficou a cargo de Bangalore. No decorrer da celebração seis estudantes do Pe. Guanella Boys Home fizeram a primeira comunhão. Ao término, os Servos da Caridade renovaram os votos.

Um grande aplauso, no encerramento, ao ser anunciada a venerabilidade de D. Aurélio Bacciarini. E foram distribuídos os impressos do centenário com a indicação das diversas realidades e missões marcando presença na Índia a fim de serem levadas às diversas paróquias e comunidades.

Toda a cerimônia transcorreu em meio a um clima de grande solenidade, perante numerosos sacerdotes, religiosos de diversas dioceses e congregações, coirmãos, seminaristas, paroquianos, benfeitores e amigos da Obra.

A programação do centenário prevê outros eventos, diversos daqueles já efetivados.

Recordamos, antes de tudo, *a peregrinação guanelliana à Terra Santa*, animada pelo Pe. Umberto Brugnoli, vigário geral. Ela aconteceu de 24 de abril a 03 de maio com a participação de 31 peregrinos entre coirmãos e coirmãs. A programação previa, igualmente, além da visita aos lugares sacros, diversas palestras, intensos momentos de oração e de reflexão pessoal. Fraterna a acolhida dos nossos coirmãos que trabalham na Holy Family School Center, em Nazaré. Todos se sentiram à vontade, em família, e viveram momentos inesquecíveis de alegria e comunhão.

Uma outra grande peregrinação é aquela de *Lourdes* realizada em conjunto pela Diocese de Como e a Unitalsi de 12 a 18 de outubro de 2008. A presença guanelliana era de 200 pessoas entre Sacerdotes, Irmãs, Cooperadores e amigos do MLG. Todos perceberam a presença de Maria, presença a perdurar no coração.

No mais, *os dois Congressos históricos*. Deles se falará em outro momento.

Foram encaminhados os *Retiros mensais* para os Servos da Caridade e as Filhas de Santa Maria da Providência, contando com uma boa participação.

Por último, em data de 07 de junho de 2008, inauguração do *Museu Don Guanella* na Casa Divina Provvidenza, em Como, rua Tommaso Grossi, 18. Ele se situa no local onde Pe. Guanella passou a residir quando morou em Como de 1886 a 1915. O museu foi ampliado e reestruturado a partir dos pertences do Fundador e de seus colaboradores mais achegados.

O museu é um comum desejo das duas Congregações guanellianas (as Filhas de Santa Maria da Providência e dos Servos da Caridade). É bem como salienta o Pe. Remigio Oprandi, Superior da Província “Sacro Cuore” dos SdC. O museu guanelliano *se propõe de representar um centro de apelo religioso e cultural, que não apenas recolha, conserve e organize os testemunhos referentes ao Pe. Luís Guanella, mas, também, que seja um instrumento de divulgação do carisma, da espiritualidade, da ação. A filosofia que inspirou e conduziu a estruturação do museu foi justamente essa de criar um percurso temático para oferecer ao visitante motivos de reflexão relacionada com a rica humanidade e a profunda espiritualidade de Pe. Guanella, sua generosa caridade, sua paternidade espiritual que ainda continua com as suas Congregações e os grupos laicais que nele se inspiram e – por que não? – oferecer, inclusive, a possibilidade de uma confrontação e um enriquecimento pessoal em prol da própria vida.*

A cerimônia de inauguração teve início às 15 horas, presentes os Superiores gerais das duas Congregações guanellianas: Madre Giustina Valicenti e Pe. Alfonso Crippa, o Presidente nacional do Movimento Laical Guanelliano, senhor Vittore Mariani, bem como das autoridades civis e religiosas da cidade, dentre as

quais o Bispo de Como, D. Diego Coletti, o Prefeito Sante Frantellizzi, o Prefeito de Como, Stefano Bruni, e a senhora Erica Rivolta. Numerosa e alegre a participação dos Servos da Caridade e das FSMP, dos leigos guanellianos que – atraídos pelo carisma do Bem-aventurado fundador –, seguem os seus passos no caminho da santidade e da caridade.

Em sua globalidade, o Museu oferece ao visitante um quadro completo de Luís Guanella qual homem de caridade operosa, homem de estudo, homem de relação com os outros e com Deus. Há, também, o enfoque do fundador sacerdote, dos lugares históricos e da grande família guanelliana marcando presença em todo o mundo.

Outro grande acontecimento no contexto do Centenário foi o da *Mostra no tocante ao Pe. Luís Guanella por ocasião da XXIX edição do Encontro para a amizade entre os povos* (Rimini 24 a 30 de agosto de 2008). Essa Mostra se realizou graças ao diligente empenho e à coordenação do coirmão, Mario Mapelli. Ele, em pessoa, a descreve:

A Mostra, voltada para a figura do Bem-aventurado Luís Guanella quer ser um itinerário, um percurso de conhecimento de sua vida, de seu carisma, de sua obra, de seu método educativo vivenciado e ensinado pelo próprio Pe. Guanella, pela presença de seus religiosos e Irmãs em vários lugares do mundo. A Mostra é constituída por tres seções diversas, mas profundamente unitárias, que desenvolvem o itinerário do conhecimento da experiência educativa e caritativa, ainda hoje atuais:

1. O encontro com Luís Guanella. A visão de um DVD que possibilita o conhecimento da vida e dos lugares nos quais viveu e trabalhou;
2. O conhecimento do seu carisma, de suas instituições, de seus religiosos e Irmãs. Diversos painéis facilitam a compreensão.
3. O testemunho. Contou-se com a presença de alguns coirmãos, atuando nos diversos setores: educação das crianças, inserção dos portadores de deficiência, assistência dos idosos, ação pastoral nas paróquias, anúncio e crescimento nas missões.

Duas as idéias em torno às quais se move todo o percurso da Mostra: a educação e a resposta às necessidades dos irmãos pobres, daqueles sem ninguém por eles. A educação e o crescimento, o desenvolvimento e a aprendizagem se direcionam a todas as faixas etárias da vida da pessoa, mas as suas deficiências podem, parcialmente, ser supridas através da contínua solicitude em abrir-se à realidade e intensificar a própria auto-estima. O cuidado com a educação e a instrução teve continuidade, mesmo após Pe. Guanella tornar-se fundador, convicto que a educação da pessoa fosse o seu crescimento cômico e consciente para se inteirar da beleza de sua vida e do que de grandioso pudesse nela realizar.

As obras caritativas não nascem de uma elaboração teórica, mas da constatação de uma precisão, de uma necessidade: uma vez constatada a necessi-

dade de intervir, age-se segundo o ensinamento do Evangelho e o modo de agir de Jesus, Bom Samaritano e Bom Pastor.

A Mostra contou, também, com a exposição de alguns textos, particularmente escritos do Pe. Luís: cartas, livros, artigos... ; todos enfocando a educação e a identidade guanelliana.

Numerosos os visitantes. Todos apreciaram o trabalho e muitos deles manifestaram grande satisfação pelo conhecimento do nosso Fundador.

5. Congressos históricos do Centenário

Dois os Congressos históricos do Centenário. O primeiro celebrou-se em Como, Casa Divina Providência, em data de 07 de junho de 2008, com este tema: “Votati alla carità”. O segundo Congresso realizou-se em Roma, Casa S. José no dia 21 de setembro de 2008. Tema: “La desiderata approvazione”. Ambos os Congressos foram organizados pelo Centro de Estudos guanellianos de Roma. Mesmo com temáticas diversas, os dois Congressos tiveram aspectos em comum, tais como: os relatores, alguns temas e a boa participação de coirmãos, coirmãs e leigos. Seguem alguns aspectos do primeiro Congresso:

Introduzido com a saudação dos Superiores gerais, o encontro se iniciou com *um olhar dirigido à Igreja de Como* numa época de profundas transformações, particularmente em 1908. Depois de apresentar algumas figuras significativas do laicato e do clero, idéias e iniciativas, Pe. Saverio Xeres, diretor do Centro Nicolò Rusca e profundo conhecedor da Igreja “Iariana”, fez menção do relacionamento nem sempre “amigável” entre D. Alfonso Archi – Bispo de Como, a partir de 1906 –, e o Pe. Guanella. Privilegiando os “últimos” a sua instituição com toda certeza era insólita e não lhe permitia participar regularmente à vida da diocese pelo próprio fato da expansão de sua Obra, seja na Itália como na Suíça. Por isso mesmo, ela precisava de uma autonomia própria que parecia excessiva aos olhos do Bispo, pois em sua sede estavam situadas as duas instituições: a masculina e a feminina... Com o transcorrer do tempo, D. Archi entendeu que justamente essa instituição tão singular, capaz de socorrer as mais escondidas pobreza, desenvolvia uma função que Xeres define como sendo de “providencial complementação quanto às tradicionais atividades caritativas, não sendo apenas útil, mas, também, prestigiosa para a Igreja de Como; tanto assim que, em 1910 o Bispo a recomendará a todos os diocesanos elogiando Pe. Guanella como um homem de “coração grande” [...] que se abre e sempre mais se dilata para acolher e mitigar, indistintamente, todas as misérias da humanidade”.

Após a apresentação do contexto eclesial faz-se menção do *quadro de referência jurídica* com a apresentação do Pe. Giancarlo Rocca, conhecedor histórico de renome da vida religiosa, diretor do DIP “Dizionario degli Istituti di Perfezione” e presidente do CSR “Coordinamento Storici Religiosi. Pe. Rocca destacou de que modo, no início do século XIX (Ottocento) chegaram ao Vaticano os pedidos de aprovação dos “novos Institutos”, assim cognominados, ou seja, as congregações modernas. E a “lei da Igreja” ainda não estava estruturada para

acolher o novo “sopro do Espírito” a revolucionar a vida religiosa. A Santa Sé não equiparava às Ordens antigas os novos Institutos que surgiam, numerosos. Tão somente no início do século XX (Novecento) são publicados os primeiros documentos específicos para serem regularizados, se bem que seria necessário aguardar o Código do Direito Canônico de 1917 para vê-los reconhecidos como religiosos. Neste contexto, os votos guanellianos de 24 de março de 1908 não podiam ser “públicos”, porque os Servos da Caridade ainda não tinham sido aprovados. Contudo, a comum profissão foi, seguramente, o princípio de um novo modo de entender a Congregação, o primeiro passo decisivo no caminho que conduziria ao Decretum laudis de 15 de agosto de 1912, primeiro reconhecimento oficial concedido, pela Santa Sé, aos religiosos guanellianos”.

Pe. Nino Minetti, Superior geral emérito e histórico guanelliano de longa data, reconstruiu com precisão e paixão as *circunstâncias daquele evento* fundamental para o Instituto e leu o início da Ata autografada pelo Pe. Guanella.

De modo especial, 1908 foi um ano rico em iniciativas, um “*bom ano*” *guanelliano* como recordou a Irmã Michela Carrozzino, diretora do Centro de Estudos Guanellianos (CSG) em sua intervenção conclusiva. Naquele ano transcorria o dúplice jubileu (sacerdotal e episcopal) do pontífice. Todas as Casas guanellianas o celebraram com múltiplas manifestações, iniciadas em 17 de janeiro com a inauguração oficial, em Roma, da nova sede do asilo feminino, junto ao convento contíguo à Basílica de “San Pancrazio”, onde ainda se encontra com o nome de Pio X. Em seguida, Pe. Guanella adquiriu o terreno para a construção de “San Giuseppe al Trionfale” e foi em busca de projetos, orçamentos e benfeitores. A esta altura dos acontecimentos as suas instituições vinham sendo apreciadas inclusive por eclesiásticos importantes do Vaticano. A sua participação ao Congresso eucarístico de Londres, em setembro, possibilitou-lhe ampliar e alimentar aqueles relacionamentos pessoais, culminando na sincera amizade com Pio X que o recebeu por seis vezes em 1908. Todavia, 1908 é, de modo especial, o ano em que ele viu a aprovação das Filhas de Santa Maria da Providência. Em data de 27 de setembro a Congregação dos Bispos e Regulares reconhecia as Irmãs guanellianas, acolhendo-as oficialmente na Igreja. Assim, transcorridos 30 anos na condição de fundador, aos 66 anos Pe. Guanella recebia uma primeira e confiável confirmação da bondade do que estava realizando e continuava a edificar, em obras e pessoas, sustentado pela convicção que, “a partir da aprovação da Santa Igreja, as Instituições tem vida e prosperidade, como afirmara em 1896”.

Graças a esta singular e plena inserção na Igreja, os Servos da Caridade e as filhas de Santa Maria da Providência, irmanados, também, pelo duplo centenário continuam dando o seu testemunho da caridade evangélica. “O conhecimento da própria história é determinante para salvaguardar a própria identidade e atuar com segurança” afirmou o Superior geral, Pe. Alfonso Crippa: “Ao efetivar, externamente, o nosso relacionamento e as nossas obras devemos ter presente que elas são autênticas, oriundas de uma experiência de fato fundante, que constitui a razão mais forte para as nossas atividades. Quando se retorna às origens deve continuar vigilante, em cada um, a exigência de ser hoje fiel à história, sempre de modo criativo, para nos tornarmos, também nós, autores de uma nova história”.

6. Cooperadores guanellianos

O caminho da Associação, na Itália, continua caracterizado pela fidelidade e pela boa vontade; mas ocorrem dificuldades. Lamenta-se, sobretudo, a falta de forças novas juvenis que inculquem, na Associação, o entusiasmo específico dos jovens. O Conselho Geral, juntamente com os Provinciais, colocou em pauta diversos itens a fim de favorecer o crescimento da nossa terceira família guanelliana.

Com base nisso, vamos aqui reportar as iniciativas mais relevantes, já ativas, pelos Cooperadores do Norte e do Centro-Sul da Itália.

Cooperadores do Norte da Itália

Domingo, 12 de outubro de 2008, abertura do ano social 2008-2009 junto ao Santuário do Sagrado Coração, em Como. Para este dia o Conselho provincial, no ano Paulino, propôs uma experiência de caridade. Em vista deste objetivo convidou-se o Pe. Leonello Bigelli, responsável pela “Casa Gastone” com o Instituto S. Gaetano de Milão. Após a saudação do Presidente, Pe. Leonello Bigelli relatou a sua experiência. Ao término, celebração eucarística no Santuário com a renovação da Promessa. Após o almoço os participantes se puseram a rezar junto às urnas do Bem-aventurado Luís Guanella e da Bem-aventurada Clara Bosatta para obter a indulgência jubilar na comemoração do “Centenário da Congregação dos Servos da Caridade”.

Ainda para este ano o Conselho provincial programou o *Retiro do Advento* em preparação ao Santo Natal. Esse retiro aconteceu no domingo 14 de dezembro de 2008 nas dependências do Centro Pastoral Juvenil, Rua Don L. Guanella, nº 13, em Como. Pregador do Retiro, Pe. Giovanni Ceriotti, Capelão do Instituto Beato Luigi Guanella de “S. Ambrogio ad Nemus”, Milão, e teve a seguinte programação: 14:30 – Acolhida; 15:00 Meditação; 16:00 Adoração na Capela: Confissões. 17 – Santa Missa.

Deste modo nos encontramos na oração e em fraternidade; na ocasião apresentamos as felicitações, já próxima a festa do Natal.

Cooperadores Centro-Sul da Itália

Em 3 de outubro de 2008, junto à sede da Província Romana “San Giuseppe” reuniu-se o Conselho Provincial dos Cooperadores do Centro-Sul da Itália. Para este encontro convidaram-se, também, os delegados religiosos e os Presidentes dos grupos locais.

O encontro, por sinal fecundo pela reflexão e troca de idéias iniciou-se às 8 horas com a oração das Laudes. Em seguida, início dos Trabalhos do Conselho. Às 12 horas interrompeu-se a reunião a fim de participar da Santa Missa, presidida pelo Pe. Pino Venerito, Superior provincial. Às 15 horas retomada dos trabalhos do Conselho que se encerraram às 18 horas.

Na ocasião *elaborou-se o calendário de 2008-2009.*

- ***A proposta formativa dos Grupos locais***

Tema: “*Um ano com São Paulo e Pe. Guanella*”, com aprofundamentos;

a) a Palavra de Deus: “*Como e porque ler a Bíblia*”;

b) Livro de Mario Sgarbossa (*edições paulinas*): “*Don Guanella Voglia di bene*”

- ***Retiros espirituais***

Os Retiros espirituais que podem ser realizados por um ou mais grupos são subdivididos em dois períodos: Advento e Quaresma.

As datas, os locais e as temáticas devem ser combinados com os Religiosos que animam os grupos locais e o delegado SdC da região.

- ***Exercícios espirituais provinciais***

Os Exercícios, momento de silêncio e meditação, terão como Tema: “*Pão e Senhor*”. Data: 1ª semana de julho (*O local e as modalidades serão comunicadas mais tarde*).

- ***A promessa***

Para a Promessa dos Cooperadores permanece inalterada a data de 24 de outubro, festa do Bem-aventurado.

- ***Encontro de avaliação e programação***

O encontro de avaliação e programação, já de praxe alguns anos faz e ampliado aos Presidentes e aos Religiosos delegados para a formação dos Grupos locais, se realizará na 1ª semana do mês de outubro de 2009.

Cooperadores da Província Santa Cruz

Nesta Província a Associação tem um crescimento acentuado. Há 383 membros entre Cooperadores e aspirantes a Cooperador, divididos em 33 grupos

e 2 Províncias, que se reúnem mensalmente para a oração, a formação e a programação das atividades.

No decurso de 2008 se realizaram duas assembléias dos Cooperadores: uma em Anchieta, Rio de Janeiro, nos dias 23 e 24 de agosto de 2008 e a outra em Capão da Canoa nos dias 13 e 14 de setembro de 2008. Em ambas as assembléias houve grande participação, presentes mais de 200 Cooperadores e aspirantes a Cooperador, as Filhas de Santa Maria da Providência e os Servos da Caridade.

O tema “*Discípulos missionários de Jesus Cristo*” e o lema “*Caridade e Vida*” tinham em vista dar novo impulso aos membros das duas Associações para viver, com maior entusiasmo, a própria vocação de discípulos missionários de Jesus Cristo, promovendo a vida, impelidos pela caridade.

7. Movimento Laical Guanelliano

A) Movimento Laical Guanelliano Italiano

- ***Roma - Cúria Geral Servos da Caridade, 2 e 3 de fevereiro de 2008: 3º Encontro do Conselho Nacional do MLG da Itália***

Os Conselheiros nacionais do Movimento Laical Guanelliano da Itália realizaram o terceiro encontro em seu primeiro ano de mandato. Foi na sede acolhedora do Conselho Geral dos Servos da Caridade, onde fomos acolhidos pelo Superior Geral, Pe. Alfonso, e os seus Conselheiros. A eles o nosso agradecimento e reconhecimento.

Foram dois dias de intenso trabalho, vista a importância dos assuntos a serem abordados. O presidente, senhor Vítor Mariani fez a abertura. Após a costumeira saudação externou seu apreço pela intensa atuação do Conselho neste espaço de tempo – um pouco mais de um ano – do início de seu mandato. Manifestou, outrossim, otimismo quando ao futuro do Movimento agradecendo a Deus, Pai Providente, pela intercessão do fundador, Pe. Luís Guanella.

A seguir apresentamos, em síntese, um relatório dos temas, reflexões e deliberações que, ao nosso ver, parecem ser as mais significativas a serem propostas aos leitores.

– A Irmã Franca Vendramin procedeu à leitura de uma síntese do MLG. Extraída da Ata compilada por ocasião do encontro dos dois Conselhos gerais – FSMP e SdC –, realizado em Roma no dia 13 de dezembro p.p.

– Em seguida, o Conselho analisou de que modo o MLG está criando raízes e também o aprofundamento do Manual, ainda *ad experimentum*.

– Pe. Wladimiro apresentou a programação do I Centenário de Consagração do Pe. Guanella. Ano Centenário 2008-2009.

Por ocasião da celebração da Profissão do fundador e dos primeiros coirmãos, o Conselho Geral dos Servos da caridade promoveu um biênio de reflexão no tocante aos valores da consagração religiosa e elaborou um calendário de atividades, que envolverá toda a Família guanelliana e que, quanto antes, será impresso e nós faremos todo o possível para divulgá-lo.

No desfecho da reunião, o Conselho elaborou o calendário e as atividades:

• ***Barza d’Ispra, 30-31 de agosto de 2008: IV Encontro do Conselho Nacional do MLG da Itália***

O quarto encontro deste Conselho nacional italiano do Movimento Laical Guanelliano realizou-se em Barza d’Ispra (Varese). Foi na Casa Don Guanella em data de 30 e 31 de agosto de 2008. Os trabalhos incluíram momentos de oração e a Celebração Eucarística. Fomos acolhidos pelo Superior, Pe. Giancarlo Schievano, pelos seus coirmãos e colaboradores, sempre com a proverbial e fraterna hospitalidade. A eles o nosso agradecimento e o nosso afeto. Em nosso encontro analisamos três temas: *exame do esboço do Documento do MLG* (na prática, a terceira tentativa); *a preparação do encontro do Conselho com os Conselhos gerais das FSMP e dos SdC e com quatro Superiores (as) das Províncias italianas*; *a programação e organização da Assembléia nacional em dezembro de 2008*.

• ***Roma Casa Santa Rosa, 4 e 5 de outubro de 2008. Encontro dos dois Conselhos gerais, dos 4 Superiores (as) provinciais e do Conselho Nacional do MLG da Itália.***

Após a linda e fecunda experiência de duas jornadas de reflexão e confrontação comunitária, eis as decisões, unânimes, a respeito do Movimento Laical Guanelliano:

– até Natal de 2008 envio (ao Secretário MLG, Dino Stella, via correio eletrônico: mlg.italia@guanelliani.it) da parte dos religiosos e das religiosas [Conselhos gerais e Superiores (as) provinciais] das contribuições escritas inerentes ao Documento MLG;

– antes do verão de 2009, em data a se fixar, encontro do Conselho Nacional MLG dos Conselhos gerais SdC e FSMP, dos superiores (as) provinciais SDC e FSMP italianos (as) para a inscrição do Documento;

- enquanto isso, visita ao Pontifício Conselho dos Leigos para inteirar-se dos critérios de eclesialidade de um Movimento;
- e, também, encontrar um referencial leigo MLG em cada Casa guanelliana.
- 6-7-8 de dezembro de 2009, Assembleia nacional do MLG.

B) Em Bogotá (Colombia) 24-25 de maio de 2008

• *III Congresso Nacional do Movimento Laical Colombiano e I Congresso Nacional dos Grupos Juvenis Guanellianos*

Em âmbito de Movimento Laical Guanelliano celebraram-se dois Congressos unificados num só:

- O III Congresso Nacional do MLG;
- O I Congresso Nacional dos Grupos Juvenis Guanellianos.

Há mais tempo os Grupos do MLG tinham em mente oferecer grande apoio aos grupos de jovens guanellianos onde já existiam e, principalmente, de fazer surgir – junto ou ao interno de cada grupo do MLG –, um Grupo Juvenil guanelliano.

Constatou-se, com intensa alegria, que os quatro grupos do MLG fundaram e desenvolveram o próprio grupo juvenil. Foi o suficiente para que surgisse a idéia de se unirem aos adultos para a celebração do III Congresso do MLG, mais antigo, sendo os Grupos Juvenis Guanellianos, mais recentes.

A experiência foi das melhores como salienta o Pe. Cosimo Pedagna. Nós nos reunimos na Casa Santa Maria das Irmãs Guanellianas. Éramos em torno de 130 pessoas. Dentre elas 50 jovens. Os grupos do MLG abordaram três temas (Paróquia, Formação e Leigos), com base no Documento Final de Aparecida e um sobre o Documento do MLG. Os grupos juvenis, por sua vez, apresentaram os seus relatórios, narrando o início dos respectivos grupos, a formação recebida, os membros, as diretrizes, a programação e as perspectivas. Houve, também, apresentações artísticas de suas regiões, arrancando aplausos da assembleia.

Intensa e criativa a participação à celebração eucarística. Os momentos do almoço e da janta transcorreram em meio a uma grande fraternidade, servidos, impecavelmente, pelo grupo do MLG de Bogotá.

As Irmãs foram estupendas na acolhida e muito atenciosas no decorrer do encontro.

Com certeza uma linda experiência de Família Carismática Guanelliana, tanto da parte dos grupos do MLG, como daqueles Juvenis, apresentando pro-

posta de desenvolvimento, propostas essas a serem analisadas nos próximos meses.

C) Em Elverson (Pennsylvania), U.S.A, 10-12 de outubro de 2008: Terceiro Encontro Nacional do MLG - USA

Os membros da família guanelliana se reuniram em Elverson (Pennsylvania) para escutar uma mensagem de esperança durante o *Terceiro Encontro nacional do Movimento Laical Guanelliano*.

Os participantes – trinta ao todo – se reuniram para rezar, receber e oferecer encorajamento e para sentir-se em comunhão com os Padres guanellianos e as Irmãs guanellianas dos Estados Unidos.

Pe. Luigi De Giambatista, Superior da Província “Divine Providence” abordou o tema da esperança por todos nós recebida em Cristo. A fé, segundo ele, não se pode limitá-la a um conjunto de normas. Antes de tudo, e acima de tudo, a fé é encontro com Deus, um encontro que concede alegria e esperança. A nossa missão, como Guanellianos, é essa de enxergar em todas as pessoas – particularmente, em nossos portadores de deficiência –, a formosura, onde os outros vêem a fealdade. Estes são os nossos verdadeiros e específicos tesouros. Na esperança fomos salvos; essa mensagem de esperança, portanto, devemos comunicá-la aos outros.

8. Movimento Juvenil Guanelliano

VII Encontro Nacional do Movimento Juvenil Guanelliano

(Nápoles - Centro Don Guanella - 24-27 de abril de 2008)

“O empenho, o trabalho e a” relazionalità “no tempo livre e na festa. Eis o tema que nós, jovens do Movimento, escolhemos para refletir no decorrer do VII Encontro Nacional, ocorrido no” Centro Don Guanella”, de 24 a 27 de abril p.p.

Muitas as intervenções dos jovens para aprofundar este tema que, há anos, discute-se no Movimento. Jovens vindos do Sul, do Centro e do Norte da Itália: Agrigento, Messina, Laureana di Borrello (RC), S. Ferdinando (RC) S. Giovanni in Fiore (CS) Bari, Nápoles, Roma, Como.

Os nossos dias foram animados por diversos momentos de oração – por exemplo, aquele da manhã e da tarde –, o Rosário meditado guanelliano; momentos de lazer, de festa e de fraternidade.

De modo particular houve expressivos encontros de reflexão e debate em relação ao tema proposto e apresentado, competentemente, por vários relatores

que se sucederam: o prof. Luigi Caramiello (docente de sociologia), o prof. Silvio Lugnano (docente de criminalística), a professora Mirella Giovene (docente de sociologia) e o testemunho do Pe. Cesare Riva (sacerdote guanelliano).

Um momento forte foi o do concerto de Pe. Giosy Cento: quem, como eu, teve a oportunidade de escutá-lo pela primeira vez, creio que tenha se admirado com a riqueza humana e espiritual ao apresentar seus cânticos. Cânticos que testemunham valores elevados, tais como o amor, a solidariedade, a vida e a fé no Senhor Jesus.

Houve, portanto, o tempo do empenho. Eu me refiro, sobretudo, ao trabalho realizado com generosidade e com entusiasmo pelos jovens e pelos voluntários de Nápoles ao organizar o Econtro.

No mais, significativa a “fiacollata” realizada pelas ruas do bairro na sexta-feira, dia 25 de abril. Quis ser um chamado de atenção, bem forte, sobre o tema da droga e do crime organizado. Procurou-se demonstrar, também desta maneira, a sensibilidade dos jovens no tocante a estes problemas que, sempre mais, são do interesse da nossa sociedade e, particularmente, da juventude.

Obviamente, todo o Econtro transcorreu num clima festivo e familiar: a grande e bela família guanelliana.

Com o intuito de compartilhar conosco, jovens, esta etapa do caminho contamos com a presença de diversos sacerdotes e duas Irmãs dirigentes dos grupos locais do M2G, o Superior geral, Pe. Alfonso Crippa (que presidiu a celebração eucarística no encerramento), o Superior provincial, Pe. Pino Venerito, a conselheira geral das Filhas de Santa Maria da Providência, Irmã Franca Vendramin, alguns jovens do seminário teológico internacional guanelliano de Roma, acompanhados pelo Pe Nico, os dois noviços guanellianos, Salvatore e Michele, os jovens coirmãos responsáveis pela nova Comunidade de acolhida vocacional de Bari, uma representação do Conselho Nacional do Movimento Laical Guanelliano.

A todos eles e à comunidade religiosa de Nápoles o nosso “agradecimento” pelo aconchego e a presença que nos proporcionaram no decurso destes dias.

Como de costume, também neste Econtro, não faltaram os tópicos a partir dos quais retomar o caminho. Conscientes nós estamos da grande tarefa a ser realizada, ou seja: “sempre manifestar a esperança que se encontra em nós”. É essa, deveras, a certeza que, mais vezes, se manifestou na assembléia através dos depoimentos que se sucederam.

Jovens que possuem, de modo bem claro, a própria identidade cristã, exigem-na com veemência e, através de sua pertença a Cristo querem construir um novo humanismo!

Almejo a todos interiorizar aquilo que recebemos para dar visibilidade ao nosso “ser jovens guanellianos” no trabalho, no esporte, no tempo livre e na festa.

Rosanna Furci

9. Formação

Curso para os formadores (II ano)

O curso realizou-se em Roma de 31 de agosto a 21 de setembro de 2008 para aqueles que participaram do primeiro encontro. Estiveram presentes 27 coirmãos, vindos da Ásia, África, América Latina, Estados Unidos e Europa. Dois os principais objetivos:

- 1) Possibilitar aos formadores guanellianos poder aprimorar o próprio trabalho com elementos das Ciências para a Formação, na ótica da antropologia cristã e da guanellianidade, provenientes da *Ratio Formationis* dos Servos da Caridade.
- 2) Analisar e melhor orientar as próprias atitudes formativas, em vista de um maior bem-estar individual e, sobretudo, de uma maior eficácia formativa no serviço à Igreja, ao Instituto e às pessoas a serem acompanhadas.

Temas: *personalidade, desenvolvimento e patologia; patologias e imaturidade no desenvolvimento afetivo-sexual; discernimento; influência da família no caminho vocacional e dinâmicas de vocações matrimoniais; diretrizes de psicologia social e dinâmicas comunitárias; acompanhamento vocacional e revisão, conduzida por um acompanhamento vocacional.*

Muito apreciada uma mesa redonda com temas particularmente relevantes na formação: Inculturação (Pe. Alfonso Crippa), economia (Pe. Mário Nava), espiritualidade apostólica (Pe. Fabio Lorenzetti)

Intensa e frutuosa a semana dedicada ao conhecimento e aprofundamento dos conteúdos da nossa *ratio Formationis*, tema abordado pelos padres. Alessandro Allegra e Nico Rutigliano.

Os participantes tiveram a oportunidade de visitar duas comunidades nossas (Perugia e Nápoles), vivendo momentos de fraternidade com os coirmãos e com os hóspedes.

Curso da Ratio na Cúria geral

De 14 a 20 de maio de 2008 reuniram-se na Cúria geral os coirmãos a seguir: Pe. Mauro Vogt, do Brasil – Pe. Gustavo de Bonis, da Argentina – Pe. Carlos Stapper Vargas, da Colômbia, Pe. Charles Makanka, do Congo e Pe. Uche Desmond, da Nigéria.

Qual o nosso objetivo? Conhecer de perto a nova “Ratio Formationis” dos Servos da Caridade. Qual o significado deste termo, em latim, *Ratio Formationis*?

Poder-se-ia defini-la, mais ou menos, com estas palavras: a motivação, aquilo que impulsiona a formar os religiosos Servos da Caridade. Com certeza, ela contém o projeto de vida de um guanelliano, com objetivos, metas, critérios, dinamismos, etc., e não apenas para a primeira formação: postulado, noviciado, juniorado, mas ela engloba o que vem a ser a formação permanente até atingir a plena realização Naquele que nos criou e nos escolheu por amor. Quais os nossos guias neste curso?

Os nossos guias foram os coirmãos: Pe. Alessandro Allegra e Pe. Nico Rutiliano. Eles, com muita paciência e experiência dividiram entre si os temas a serem abordados em duas grandes seções: o que enfocava o quadro de referência, as mediações e os dinamismos pedagógicos ficou a cargo do Pe. Alessandro e aquilo concernente às etapas formativas, inclusa a formação permanente, ao Pe. Nico.

Abertos às nossas intervenções e sugestões, eles nos possibilitaram “saborar” o conteúdo da Ratio, transmitindo-nos a experiência da Congregação que, nestes últimos anos, se prodigalizou em defini-la após as diversas sugestões e observações dos ulteriores capítulos e aprofundamento das diversas comissões, designadas para redigi-la.

Essa Ratio, aprovada pelo último Capítulo geral faz parte dos três textos mais importantes da nossa família religiosa: Constituição, Projeto Educativo Guanelliano e a Ratio, supra citada. É um texto oficial, não apenas a ser aceito, mas também amado e aprofundado. Eis o motivo do nosso encontro: conhecê-la ainda mais para poder difundi-la em meio aos coirmãos e – direi – para amá-la e apreciar essa obra prima.

Nós nos sentimos felizes ao saber que temos em mãos um texto seguro, trans-cultural, que é ponto de partida e ponto de chegada, um instrumento adequado e prático que recolhe a experiência da Igreja e da Congregação, impregnado de sabor guanelliano.

A presença paterna e fraterna do Pe. Umberto e do Pe. Piero Lippoli, além de nos sentirmos em casa, motivou-nos para atingir o objetivo pelo qual nos encontrávamos reunidos. Ou seja: torná-la conhecida, senti-la nossa, irradiar a nossa vida, analisar o caminho percorrido estabelecer – em consonância com outras culturas – os pontos de partida de nossa formação, as razões do nosso ser guanellianos consagrados a Deus.

Significativo o título: Pelos caminhos do coração. Segundo o meu ponto de vista é o ponto forte deste trabalho conjunto da formação, permeado pela pedagogia guanelliana, que é a pedagogia do coração.

Esperamos poder transmitir a cada coirmão não apenas os conteúdos, mas poderemos estar todos sintonizados com este texto trans-cultural.

Que do céu os nossos santos nos conduzam a essa meta.

Pe. GUSTAVO DE BONIS

10. Novas e próximas aberturas de atividade

A Congregação não cessa em avançar. Apesar da crise vocacional, particularmente no velho mundo, apesar do envelhecimento de muitos coirmãos até ontem valiosas testemunhas do nosso carisma no campo da missão, o nosso olhar volta-se ao futuro e novos horizontes se abrem diante de nós, encorajados pela afluência de forças juvenis, oriundas da Ásia e da África e, em parte, também, da América Latina.

Por este motivo acolheu-se com alegria a notícia, já próxima, *da nossa primeira Casa na Polônia*. Intensificam-se os trabalhos e a inauguração se pensa em meados de 2009.

Já comunicamos a respeito da *ereção de uma segunda Casa e nova comunidade em Kinshasa* na sofrida e tão necessitada República Democrática do Congo.

Na Índia (Divine Providence Province) abriu-se uma *nova casa de formação para o postulante* em Sivagangai (T.N). Esta comunidade será ponto de partida de um trabalho domiciliar em favor dos pobres e portadores de deficiência dos lugarejos daquela região.

Sempre na Divine Providence Province programa-se, para o mês de junho de 2009, o início de *uma outra atividade em Thalavadi na diocese de Ootacamund (Oothi)*. Mesmo sem dispor de uma sede já estão sendo atendidos 300 portadores de deficiência naquela localidade.

Na diocese de Balanga, limítrofe de Manila, Filipinas, está para ser viabilizado um atendimento aos idosos e crianças pobres, já encaminhado pela Diocese.

No Vietnam os contatos com as autoridades religiosas são positivos e se pensa enviar dois coirmãos indianos em junho ou julho para uma primeira averiguação e o aprendizado da língua.

11. 25 anos de presença no México

Em data de 07 de dezembro encerraram-se os festejos pelos 25 anos de presença guanelliana no México. A abertura oficial ocorreu no dia 12 de novembro com a celebração eucarística na casa das FSMP. Sábado, dia 15, apresentação dos diversos projetos viabilizados: “Infância, Techo Fraternal e Centro Comunitário Domingo Frantellizzi”. Dia 29 debates e aprofundamento, culminando com a apresentação de grupos musicais. Sexta-feira, dia 05, celebração para os operadores e voluntários, presididas por D. Victor Sanchez, circundado por quinze sacerdotes guanellianos, dentre eles o secretário geral da Obra, Pe. Piero Lippoli e o ecônomo geral, Pe. Maria Nava, representando o Conselho Geral. A seguir, ceia comunitária. Sábado, dia 06 celebração eucarística para os benfeitores, presidida pelo Pe. Cosimo Pedagna – um dos primeiros guanellianos chegados ao

México –, pelos 16 anos dedicados à missão. Domingo, dia 07, Santa Missa solene, presidida por Dom Pierre Christophe, Núncio Apostólico no México, com a participação de todas as realidades guanellianas e as comunidades. A seguir, almoço compartilhado, apresentações e muita festa.

“Uma missão – salientou Pe. Piero Lippoli, secretário geral dos SdC –, desejada por Deus e vivida na oração”, recordando o dia 02 de dezembro de 1983 quando em Roma, na Igreja do Bom Pastor, celebrava-se uma Missa para felicitar e desejar bom êxito aos padres Pietro Scano e Giacomo Panaro, os primeiros coirmãos a partir.

Chamado oriundo de Deus através da Igreja local; “uma viagem repleta de confiança porque – como Pe. Guanella sempre repetia –, é ”Deus quem faz”. “Preparai-vos a serdes imersos numa grande pobreza bastante difundida em meio ao povo que encontrareis; mas é, também, a condição dos amigos de Deus, daqueles que Deus ama”. Foram essas as palavras proferidas por D. Carlos Talavera Ramirez na homilia aos dois missionários.

Muitos os coirmãos que se uniram à missão. Junto a eles se achegaram outros tantos jovens mexicanos e colombianos que ingressaram no seminário se tornaram sacerdotes guanellianos.

“Estamos aqui para agradecer – enfatizou Pe Piero – a todos os coirmãos de hoje e de ontem pela dedicação, entusiasmo e tenacidade, dando sempre o melhor de si próprio. Agradecer às autoridades religiosas que tão amavelmente nos acolheram, auxiliaram, encorajaram o orientaram. Agradecer às autoridades civis com que nos auxiliaram, em momentos difíceis de se encontrar os lugares apropriados para construir as obras em prol dos nossos pobres. Agradecer a tantas pessoas bondosas que se achegaram através do conselho, de seu trabalho, muitas vezes voluntário, e, também, com ajuda financeira. Por último um profundo agradecimento ao povo de Deus que nos circunda, um povo pobre, mas por isso mesmo amigo de Deus e amigo nosso. Talvez os nossos coirmãos, vindos aqui, pensavam de trazer alguma coisa e isso de fato aconteceu, mas é bem maior o que eles e toda a Congregação de Pe. Guanella receberam. E acima de todos agradecer a Deus, Pai de Providência. Obrigado, Senhor porque a vossa Providência jamais faltou nestes 25 anos. Sempre estivestes ao nosso lado. Sim, a Obra é vossa – e mesmo que seja através de nossas mãos – sois vós quem fazeis”.

12. Encontro das Superiores e Superiores Provinciais guanellianos da América Latina

O encontro latino americano dos Provinciais (Servos da Caridade e filhas de S. Maria da Providência) realizou-se em Canela de 20 a 22 de fevereiro de

2008. Estavam presentes: Pe. Carlos Blanchoud, conselheiro geral, Irmã Georgina Alves da Costa, conselheira geral, Pe. Enrico Colafemina, Superior da Delegação Nossa Senhora de Guadalupe, Pe. Sérgio Rojas, Superior da Província Cruz del Sur, Pe. Ciro Attanasio, Superior da Província Santa Cruz, Irmã Neli Bordignon, Superiora da Província Nossa Senhora Aparecida, Irmã Antonina Sanchez, Superior da Província San José e Irmã Sara Rodriguez, Delegada da Colombia.

Temas abordados: Documento da V Conferência de Aparecida; relator: Pe. Geraldo Hackmann, professor de teologia da Puc de Porto Alegre e membro da comissão teológica permanente do Vaticano. Padre Mauro Vogt fez um paralelo entre alguns aspectos do Documento de Aparecida e o carisma guanelliano.

No segundo e terceiro dia analisaram-se temas de interesse comum, tais como: a reunião anual dos Provinciais, a reunião bienal dos Conselhos provinciais e a organização de encontro de “Juniore” em julho de 2008.

Entre os assuntos tratados, salientou-se a importância de organizar, em cada Casa, o Movimento Laical Guanelliano. Discutiui-se de como proceder para se intensificarem as relações entre os Servos da Caridade e as Filhas de Santa Maria da Providência; como incentivar a pastoral juvenil e vocacional; por último, sugestões para a organização da reunião dos Conselhos Provinciais da América Latina em fevereiro de 2009.

13. Encontro sobre a “arte de acompanhamento ao encontro da morte”

Ao todo 300 inscritos, mas os ouvintes das palestras foram em torno de 600. O Encontro aconteceu em Roma, na Basílica San Giuseppe al Trionfale (25 e 26 de janeiro), promovido pela “Primaria Pia União do Transito de São José”, preparando-se para festejar, em 2009, cem anos de fundação. A Pia União conta com milhares e milhares de inscritos em todos os continentes. Luís Guanella a criou com esse carisma de “acompanhar a pessoa até o extremo momento”.

Um acontecimento continuamente transferido

O encontro – como afirmou Pe Mário Carreira, diretor da Pia União e presidente do “Comitato scientifico” – “convida a morte a sair de rosto descoberto do esconderijo onde a cultura contemporânea a colocou, para ser vista como ela é”. Na opinião de Pe. Carrera devemos “retomar a naturalidade da morte para encontrar o sentido da vida. Desde o nascimento, o homem se locomove rumo a essa última meta da existência, que é o momento de realização da vida e do encon-

tro com Deus”. “Vive-se como se nunca tivéssemos que morrer, afirma o cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado do Vaticano, na missa de encerramento. Recorrem-se a tantos meios para exorcizar a morte. Mas não deve ser assim: é preciso aprender a olhá-la com serenidade e, sobretudo, devemos preparar-nos a encontrá-la”. Os cristãos devem, de modo particular, ser “testemunhas da bela notícia” que é “Ele, o Cristo, que se proclamará luz que afugenta as trevas, vida que vence a morte”. A morte, portanto, “mesmo que continue sendo um enigma, não pode ser causa de desânimo, ou, pior ainda, de terror”, mas “devemos viver voltados para a vida que não morre, cultivando a esperança da eternidade”.

Educar à morte para educar à vida

A morte é um “tema sacro” e a nossa cultura necessita de sacralidade”. Essa a afirmação de Vittorino Andreoli ao término da primeira jornada ao abordar o tema: “Educar à morte para educar à vida”. A nossa sociedade – continuou o psiquiatra – “expulsou a idéia da morte e, até mesmo a experiência da morte”. “O homem de hoje esquece o passado se não servisse a uma sociedade demasiadamente acelerada e não entende o futuro, porque tudo acontece em tempo real, no instante imediato”. Deste modo “não há tempo para pensar na morte, para preparar-se a morrer, não há tempo de se dedicar a quem morre”. Assim “se morre sozinho pelo fato de viver sozinho”. A morte natural não existe mais. Não existe mais a morte. Em contrapartida, há tantas mortes-espetáculo”. A morte é “estilizada” em filmes, na TV. Existe uma espécie de vídeo games, denominada Killers, destacou Andreoli: “Acumulam-se pontos matando figuras humanas. O mais aguerrido é aquele que conseguiu matar mais, virtualmente. E assim “as crianças aprendem em considerar a morte do outro como diversão, ou, mesmo, como um ato heróico”. Também os adultos não conseguem se relacionar, de modo sadio, com a morte. “Ela, a morte, é considerada uma doença. O moribundo é um doente. Não queremos morrer. Quem obteve sucesso não quer perdê-lo, que não o tem quer conquistá-lo. A morte é um obstáculo ao poder”. Ao invés, a doença do poder, que devasta na nossa sociedade, pode ser curada, unicamente, através de uma educação para a morte”. É preciso aprender a morrer – afirma Andreoli – e conhecer as necessidades do quem está morrendo para chegar, devidamente preparados, ao encontro com a morte, que chega para todos, por sermos mortais”.

Confiança em quem não nos abandona ao sepulcro

“O nível de civilização de uma sociedade mede-se pela atenção reservada aos seus mortos e à morte. A nossa é decadente, intervém o teólogo jesuíta Mas-

simo Pampaloni. Recorremos a tentativas inúmeras de remoção: de um lado, escondendo-a; e, por outro lado, expondo-a despididamente, de modo torpe, em imagens e curiosidade mórbidas. A raiz é uma só: “o medo”. O pensamento da morte “paralisa” porque questiona o não-sentido da vida! O “gesto interrompido” da morte é “ícone da dissonância entre a realidade do mundo e as nossas expectativas a seu respeito”. De fato, qualquer agitação do homem, debaixo do sol é vão, porque, seja como for, a morte colocará a palavra fim”, destacou Pampaloni. É a percepção do “absurdo da vida perante a morte”, que origina resultados dramáticos” de “revolta, como afirma Albert Camus”, ou mesmo, “um precipitar rumo ao abismo do absurdo, como diz Dürrenmatt”. E “existem outros modos para tentar sobreviver ao absurdo: o erotismo obsessivo em qualquer momento da vida, o direito à diversão custe o que custar, a proibição de envelhecer, a busca da imortalidade e da perfeição da carne através da cirurgia estética”. Para os cristãos a morte perde o controle mortífero da vida ao sabermos que a nossa existência encontra-se nas mãos de quem não nos deixará no sepulcro”. “O funeral que, em tempos passados, parava a vida de uma aldeia está desaparecendo, quase se reduzindo a um translado” afirmou Carlos Lapucci. “Rejeitada a transcendência e a visão cristã, o abismo que se abre no mais profundo de cada existência continua sendo um nada”.

Emanuela Bambara

14. O nosso SITE e o Correio eletrônico

Caríssimos coirmãos, como percebestes estamos insistindo até quase nos enjoarmos sobre a necessidade em usar os modernos meios telemáticos em vista de comunicações mais rápidas, diretas e eficazes. Se o fazemos é porque convictos estamos que, para muitos coirmãos, o computador é um instrumento eletrônico ainda estranho ou mesmo usado para escrever alguma carta ou homilia.

No *Charitas* anterior apresentei um importante documento – e, para ser verídico – nem muito recente do Pontifício Conselho das Comunicações sociais que convida e entrar no mundo da rede telemática (Internet) per importantes informações no campo cultural e religioso. Neste *Charitas* quis reportar a voz do Papa em sua recentíssima mensagem pela XLIII jornada mundial das Comunicações sociais.

Se nossa parte se faz o possível, através do nosso site www.guanelliani.org. para vos manter atualizados no tocante aos principais acontecimentos da Congregação e não só dela. Os Capítulos provinciais, por exemplo, foram acompanhados, em tempo real, por numerosos coirmãos e muitos agradeceram por essa possibilidade. Neste momento estamos envolvidos em relação à área reservada

do nosso Site. Nela podereis encontrar a documentação nossa, seja em campo formativo como naquele informativo. Até os diversos “Informativos” provinciais, ótimo meio de comunhão e de informação estarão à disposição na área reservada.

Uma coisa é certa. É preciso adquirir o bom hábito de abrir, cotidianamente, seja o correio eletrônico como também o nosso Site e adquirir uma certa habilidade para entrar na área reservada; mas nada de complicado.

Faz tempo que enviei a todos os coirmãos de votos perpétuos o próprio “account”, ou seja, o nome eletrônico com a “password”. Com ele podeis entrar na web mail do nosso Site e na área reservada.

Repito como se faz:

- Para entrar na **web mail** do nosso Site é preciso escrever o próprio account completo (exemplo: lippoli.piero@guenelliani.it) e depois a password.
- Para entrar na área reservada, ao invés, basta a primeira parte (exemplo: piero.lippoli) e depois a password.
- Se aparecer uma mensagem *onde se diz que ainda não sois registrados*, deveis preencher a ficha solicitada e tudo se fará automaticamente.
- Se em vista de uma maior segurança quereis trocar a password do correio eletrônico, podeis fazê-lo seguindo estes passos:
 1. Abrir o SITE [guenelliani.org](http://www.guenelliani.org) e clicar em **mail**.
 2. Se houver um aviso de “sicurezza”: **clique em *continuare con il sito web (mesmo se estiver escrito scelta non consigliata)***.
 3. Nas solicitações que aparecerem insira seu account completo como supra citado e depois sua atual password.
 4. Uma vez acessado selecionar do menu da esquerda a penúltima voz (PREFERENZE). Aparecerão dois itens (due voci), sendo um deles: **“Cambia password”**.
 5. Digitar duas vezes a nova password prestando atenção para clicar a tecla certa “MEMORIZZA PASSWORD”.

Essa nova password será conhecida unicamente por vocês e garante o máximo sigilo para o correio eletrônico.

Para entrar na área reservada, visto não ser necessário nenhum sigilo aconselho vocês a sempre usar o password que enviei. Caso contrário deve-se refazer a ficha e um novo registro.

Pe. PIERO LIPPOLI

DECRETOS

1. FECHAMENTO DEFINITIVO DE ATIVIDADES EM GAETA E VENDA DA ESTRUTURA

Prot. n. 938/01-08

Ao Rev.do Superior Provincial
Pe. Pino Venerito
e Conselho
Via Aurelia Antica, 446
ROMA

O Superior Geral, na reunião de Conselho de 21 de janeiro de 2008, na presença do Conselho da Província Romana, tomou ato do fechamento, enfim, definitivo da Casa “*Obra Don Guanella*” de Gaeta.

Desde, que no final de 2003 foi suspensa a atividade com os idosos, a Província tentou de várias formas dar um destino à Casa, mas todas as iniciativas se mostravam vãs. Chegou-se, portanto, à decisão de vender o imóvel e tudo o que nos pertence. Tendo-se apresentado uma oportunidade considerada boa, também pelos técnicos da Província, estão se encaminhado as práticas para a venda.

Portanto o Superior Geral, tendo recebido o parecer positivo dos seus conselheiros, *declara definitivamente fechada a atividade da nossa Congregação em Gaeta, localidade Conca* e autoriza a alienação de tudo o que se refere a nós, feitas ressalvas aos procedimentos do Direito Canônico.

Por esta ocasião queirais aceitar as nossas saudações fraternas.

Don PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 28 de janeiro de 2008

2. EREÇÃO DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Prot. n. 937/02-08

O Superior Geral, fazendo referência às indicações do 18º Capítulo Geral dos Servos da Caridade, Moção n. 47, referente à reorganização dos Órgãos de Governo da Congregação,

tendo realizado ampla consulta junto a todos os coirmãos da Delegação Nossa Senhora de Guadalupe e São Tiago Apóstolo, em norma do n. 309 do Regulamento,

tendo acolhido parecer positivo dos dois Superiores e respectivos Conselhos das duas Delegações,

tendo recebo o voto positivo colegial dos seus Conselheiros, na reunião de e 8 de janeiro de 2008

erige

segundo norma da Constituição n. 124, a nova Província religiosa, co o nome de PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE.

Ela, atualmente, é constituída pelos seguintes países: Espanha, México, Colômbia e Guatemala.

A sua sede legal é a seguinte: PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, Calle Pino y Arrayán s/n - Colonia S. Miguel Teotongo - 09510 México D. F.

P. ALFONSO CRIPPA
Superior Geral

Don PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 2 de fevereiro de 2008, Apresentação de Jesus Cristo no Templo

3. EREÇÃO DE UMA NOVA CASA RELIGIOSA

Prot. n. 966/05-08

To the Rev. Superior
Ao Pe. Luigi De Giambattista
e seu Conselho
Divina Providência Província
Samupillai Nagar
CUDDALORE

O Conselho Geral se reuniu no dia 5 de maio, leu o seu pedido de ereção de uma nova Casa Religiosa em Legazpi. Levando em consideração as motivações e o adequado número de coirmãos que pertencem à essa comunidade,

O Superior Geral erige

como Casa Religiosa a Comunidade de HARONG KAN SAGRADA FAMILIA em Legazpi.

Não houve objeções por parte do Pe. Battista Omodei que foi apontado como Superior local pelo Conselho Provincial. Desejando ao Pe. Battista e a todos os coirmãos dessa Comunidade um bom trabalho em fraterna união e alegre entusiasmo, asseguramos a nossa lembrança ao Senhor e a Maria, Mãe da Divina Providência.

Don PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 7 de maio de 2008

4. EREÇÃO DE UMA NOVA COMUNIDADE

Prot. n. 989/07-08

Ao Rev. Superior
Pe. Luigi De Giambattista
e seu Conselho
Divina Providência Província
Samuplai Nagar
CUDDALORE

O Conselho Geral, na reunião de 15 de julho, leu seu pedido de ereção de uma nova Comunidade Religiosa em Sivagangai. Levando em consideração as boas motivações

O Superior Geral erige

a Comunidade “*YESUVANAM*” - *Puliyadethammam (P.O.) - Kalaiyarko (Via) Sivagangai - 630405, como residência*, sob as dependências do Superior Provincial.

Implorando especiais graças e bênçãos de Deus sobre esta nova fundação de amor e caridade, nós desejamos um ótimo trabalho no campo da formação e da nossa missão.

DON ALFONSO CRIPPA
Superior geral

DON PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 16 de julho de 2008, Memória de Nossa Senhora do Carmo

5. EREÇÃO DE CASA RELIGIOSA DA COMUNIDADE PASTORAL/FORMATIVA DE COMO

Prot. n. 997/07-08

Ao Rev.do Superior Provincial
Don Remigio Oprandi
e Conselho
Província Sacro Cuore
Via Tommaso Grossi, 18
COMO

O Superior Geral, na reunião do Conselho de 14-16 de julho de 2008, tendo lido o vosso pedido de constituir a comunidade em questão como Casa Religiosa, lidas e discutidas as motivações, tendo recebido o voto favorável dos seus conselheiros,

erige

como CASA RELIGIOSA a *Comunidade Pastoral/formativa “Beato Luigi Guanella”* que reside em Como na Via Luigi Guanella, 13 e exprime o seu consentimento a favor de Don Domenico Schibetta como Superior da mesma.

Desejando um profícuo trabalho no dedicado campo desta comunidade está levando adiante com dedicação e entusiasmo, asseguramos fraternas orações.

P. ALFONSO CRIPPA
Superior Geral

DON PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 19 de julho de 2008

6. APROVAÇÃO DA COMUNIDADE DE CAMPODOLCINO

Prot. n. 998/07-08

Ao Rev.do Superior Provincial
Don Remigio Oprandi
e Conselho
Província Sacro Cuore
Via Tommaso Grossi, 18
COMO

O Superior Geral, na reunião de Conselho de 14-16 de julho de 2008, tendo lido o vosso pedido de constituir uma nova comunidade em Campodolcino, na sede da Paróquia recentemente confiada à Congregação, recebido o parecer positivo, **aprova a nova comunidade como Residência dependente do Superior Provincial.**

Desejando um sereno e profícuo trabalho aos coirmãos que deram a sua disponibilidade na animação desta paróquia tão querida a toda a Congregação, asseguramos uma constante lembrança no Senhor.

DON PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 19 de julho de 2008

7. ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DA ESCOLA PATRONATO NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

Prot. n. 999/07-08

Ao Rev.do Superior Provincial
Pe. Ciro Attanasio
e Conselho
Província Santa Cruz
PORTO ALEGRE

O Superior Geral, na reunião do conselho de 14-16 de julho de 2008, examinou a vossa carta, datada de 14 de julho a assinada pelo Provincial, Pe. Ciro Attanasio, na qual pede a autorização para proceder ao encerramento da atividade da Escola Nossa Senhora de Nazaré. O Conselho examinou as razões que vos levaram a este passo e as considerou justificadas e motivadas.

O Superior Geral, portanto, tendo tido o consentimento dos seus Conselheiros, concede o seu *nihil obstat* para esse fechamento de atividades, exprimindo votos para que seja incentivada tanto a escola materna quanto o semi-internato para as crianças pobres de rua.

Colho a ocasião para desejar a todos um bom procedimento de trabalho nos vários campos da nossa missão de caridade, assegurando uma fraterna lembrança ao Senhor.

Don PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 19 de julho de 2008

8. ENCERRAMENTO DA NOSSA PRESENÇA EM CEGLIE MESSAPICA

Prot. n. 1002/09-08

Ao Rev.do Superior Provincial
Don Pino Venerito
e Conselho
Via Aurelia Antica, 446
ROMA

O Superior Geral, na reunião de Conselho de 15-17 de setembro de 2008,

Tendo tomado ato da assinatura por parte do Superior Provincial de uma carta de intenções com o Ordinário da Diocese de Oria, com a qual a Congregação se compromete em doar à Diocese a estrutura referente à sala litúrgica e à parte do edifício reservada para escritórios paroquiais, salas de catequese e tudo o mais, tendo igualmente tomado ato da retirada definitiva dos nossos coirmãos de Ceglie Messapica;

Tendo recebido o voto favorável do seu Conselho, a norma do n. 345 do Regulamento,

declara definitivamente encerrada a nossa presença em Ceglie Messapica.

É sempre doloroso fechar uma Casa ou atividades, mas ainda mais no caso de Ceglie, depois de tantos anos de fecundo trabalho no meio do povo de Deus e sobretudo para com milhares de menores que receberam juntamente com a formação humana e intelectual, também a espiritual. Muitos destes meninos foram e são ainda hoje nossos coirmãos. A eles e a todos os que de algum modo se sentiram e ainda se sentem ligados à nossa Obra de Ceglie o nosso agradecimento, as nossas desculpas, a nossa oração.

Pe. ALFONSO CRIPPA
Superior Geral

Don PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 18 de setembro de 2008

9. NOMINE

- **Prot. n. 934 del 6 gennaio 2008**
 - Suor Michela Carrozzino, Direttrice del Centro Studi a Roma

- **Prot. n. 958 del 24 aprile 2008**
 - P. Cosimo Pedagna, II Consigliere provinciale (Provincia N.S. Guadalupe)

- **Prot. n. 959 del 24 aprile 2008**
 - P. Carlos Staper, III Consigliere provinciale (Provincia N.S. Guadalupe)

- **Prot. 961 del 24 aprile 2008**
 - P. Enrico Colafemina, Superiore provinciale (Provincia N.S. Guadalupe)

- **Prot. n. 962 del 24 aprile 2008**
 - P. Alfonso Martinez, Vicario e I Consigliere (Provincia N.S. Guadalupe)

- **Prot. n. 967 del 7 maggio 2008**
 - Fr. Eduardo Cerbito, Superiore della comunità di Quezon City (Filippine)

- **Prot. n. 984 del 16 luglio 2008**
 - Don Marco Grega, Superiore della comunità di Genova (Provincia Sacro Cuore)

- **Prot. n. 990 del 18 luglio 2008**
 - P. Juan Mauel Arija, Superiore della comunità di Chapas (Guatemala)

- **Prot. n. 993 del 18 luglio 2008**
 - P. José Angel Villegas, Economo provinciale (Provincia N.S. Guadalupe)

- **Prot. n. 996 del 19 luglio 2008**
 - Don Fernando Giudici, Economo provinciale e Procuratore (Provincia Sacro Cuore)

- **Prot. n. 1001 del 27 luglio 2008**
 - P. Bruno Tremolada, Superiore della comunità di Citta del Messico
- **Prot. n. 1015 del 15 dicembre 2008**
 - Don Angelo Gottardi, Superiore della comunità di Como

10. PASSAGGIO DI PROVINCIA

- **Prot. n. 948 del 10 marzo 2008**
 - Don Giovanni Case rientra nella Provincia Sacro Cuore
- **Prot. n. 968 del 8 maggio 2008**
 - Don Angelo Gottardi, dalla Provincia Cruz del Sur alla Provincia Sacro Cuore
- **Prot. n. 978 del 6 giugno 2008**
 - Don Domenico Saginario, dalla Provincia Romana S. Giuseppe alla Divine Providence Province

11. USCITE - ESCLAUSTRAZIONI - PERMESSI

- **Assenza con permesso**
 - P. Enrique Lopez Messina (Provincia Cruz del Sur), il 22 marzo 2008
 - Victor Troncoso (Provincia Cruz del Sur), il 10 giugno 2008 per due anni
 - Fr. M. Thanaskar (Divine Providence Province), il 26 settembre 2008
- **Hanno lasciato definitivamente la Congregazione**
 - Morales Rodriguez Ch. Oscar (Cruz del Sur) il 7 marzo 2008
 - Songa Lazar Ch. Ravi Kumar (Divine Providence Province) il 15 aprile 2008
 - Bakomba Kakala Ch. Blaise Donatine (Del. N.S. della Speranza) il 22 aprile 2008

- Joseph Thomas Ch. Rembert Fernando (Divine Providence Province) il 26 maggio 2008
- Antony Samy Ch. Soul Raj (Divine Providence Province) il 30 maggio 2008
- Belobakadja Lessaka Ch. François (Del. N.S. della Speranza) il 10 giugno 2008
- Rozo Rodriguez P. Gabriel Omar (Provincia N.S. Guadalupe), il 4 giugno 2008
- Oldani Fr. Sergio Juan (Cruz del Sur) il 19 giugno 2008
- Mabaya Fr. Nakasila Ghislain (Del. N.S. della Speranza) il 1° agosto 2008
- Iorlaha Chia Ch. Raphael (Del. N.S. della Speranza) il 14 agosto 2008
- Nsiala Ngemba Ch. Jean Pierre (Del. N.S. della Speranza) il 14 agosto 2008
- Vargas Torres Ch. Luis (Cruz del Sur) il 25 novembre 2008

12. RIENTRI

- Fr. Robert Vicor Raj (Divine Providence Province), il 9 giugno 2008

DOCUMENTOS

1. Encontro de janeiro de 2009 com todos os Superiores de Província e Delegações

Aos Rev.dos Superiores
de Províncias e Delegação
Suas Sedes

OBJETO: Pontos relevantes de decisões do Encontro com os Superiores de Províncias e Delegação (Roma, 12-17 janeiro de 2009)

Caríssimos,

como sempre, no final do nosso importante encontro de janeiro, o Conselho Geral se reuniu para exprimir as impressões sobre o encontro tido com todos vós e para destacar os pontos mais importantes e as decisões que temos amadurecido juntos. Foram dias intenso de trabalho em que, juntamente com muita e linda fraternidade e partilha, temos tocado os argumentos que mais nos eram queridos, buscando detectar linhas de ação para aplicar em cada Província. Em seguido serão todos reportados, subdivididos por temas, conforme foram tratados.

1. O Serviço da autoridade

A nossa experiência, confrontada com os documentos da Igreja e especialmente com aquele importantíssimo da Sagrada Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida apostólica de 11 de maio de 2008 “O



Serviço da autoridade e a obediência “ nos levou a constatar que na Congregação existe a necessidade de uma retomada tanto no “comandar” quanto no obedecer, mesmo que graves anomalias, felizmente, não apareceram em nenhuma Província. As conclusões das vossas colocações evidenciaram estes pontos:

- Necessidade de iniciar um curso para melhorar o serviço da autoridade por parte dos coirmãos:
 - este curso de liderança deverá ser obrigatório para todos os Superiores.
 - poderá ser aberto também para outros coirmãos que o pedirem ou que sejam convidados pelos Superior Provincial;
 - a primeira parte do curso deveria ser em Roma, possivelmente no período da possível Canonização do Fundador, com uma duração de 20 dias;
 - a segunda parte do curso deveria ser realizada na própria Província/Delegação:
- Incentivar a integração entre as Províncias Latino-americanas, com encontros periódicos e programados.

- Necessidade de intercâmbio de coirmãos entre as várias Províncias/Delegação:
 - nas Províncias Jovens e Delegação, pela necessidade de coirmãos de uma certa idade que transmitam a nossa tradição e o modo de viver o nosso carisma;
 - na Províncias mais avançada em idade para um fluxo de forças e de entusiasmo juvenil;
 - recomendou-se, porém, prudência e discernimento em enviar e prudência e tempos mais longos em confiar encargos de uma certa responsabilidade.
- Referindo-se ao pedido de algum pároco que gostaria que fosse dado por ele um papel específico do coirmão que será enviado a trabalhar na paróquia, se acordou de destacar a nossa tradição: ou seja, concordar com o pároco e com o superior da comunidade, antes de falar com o coirmão ou de qualquer modo antes da obediência formal, o papel que deverá desenvolver na paróquia.

2. A próxima Consulta Geral

Em referência a este segundo ponto não se empregou muito tempo, mesmo porque o compromisso da preparação cabe ao Conselho Geral. Todavia vos expressastes claramente sobre estes pontos:

- Seja uma consulta rápida, simples, com a duração de uma semana.
- O relatório do Superior deverá apresentar o caminho feito pela Congregação na realização de tudo o que foi deliberado com as Moções e as Propostas no XVIII Capítulo Geral.
- Tratar-se-ão, pois, de alguns temas específicos e foram escolhidos dois:
 - aprofundamento da colocação da comunidade como núcleo animador;
 - o caminho realizado em relação aos leigos desde o Capítulo Geral até hoje, para individuar as linhas de ação para os próximos três anos.

3. Formação

Este foi o argumento tratado mais longamente e com muito interesse. Por fim, por todos vós é considerado, e justamente, um setor a ser privilegiado no compromisso e na dedicação, porque aqui se coloca o futuro da Congregação. Decidimos, portanto:

- A necessidade de continuar na própria região o Curso para formadores que por dois anos se realizou em Roma.

- A *Ratio Formationis* seja entrega a cada coirmão de cada Província e Delegação com uma apresentação prévia de modo que facilite a abordagem deste importantíssimo documento.
- Importância do *Tutorado* e compromisso por parte dos Superiores que ele seja bem conduzido em cada Província/Delegação ao menos para os coirmãos dos cinco primeiros anos de sacerdócio.
- Ficou-se de acordo que o Seminário Teológico de Bogotá (Colômbia) seja aberto para o ano escolar 2011-2012, tendo presente que os atuais noviços de Luján, após a primeira Profissão, serão excepcionalmente enviados para o *Tirocínio* até novembro de 2010. Depois irão a Bogotá para iniciar as práticas de inscrição para ano acadêmico 2011-2012.
- A Filosofia, onde possível, tendo presente a necessidade de formadores preparados e o número dos próprios filósofos, seja feita na própria Província.
- Confirma-se o *Noviciado* em comum em Luján para as três Províncias Latino-americanas.
- Reafirmou-se a importância do *Postulado* e a necessidade de procurar bons formadores para este delicado momento formativo.
- Em mérito ao Seminário Teológico Internacional de Roma se dialogou com ao equipe que respondeu às perguntas propostas por alguns Provinciais. Finalmente se recomendou de intensificar a comunicação entre Provinciais e Superior do Teológico.

4. O Plano Pastoral 2009-10

Foi aceito por todos com gratidão e com expressões de comprazer pelos planos dos anos anteriores. Sugeriram-se, pois, algumas modificações sobretudo no campo operativo: alguma referência a mais no PEG e no ensinamento do Magistério Local: (Ex.: Documento de Aparecida para a América Latina). Cada Província assumiu, pois, o compromisso de integrar o texto com essas referências próprias.

5. Os Leigos

Também este foi um argumento que nos interessou muito. Estamos convictos que a Congregação está caminhando para a abertura aos leigos, mas, ao mesmo tempo não podemos esconder as dificuldades e às vezes a preocupação e o desinteresse, expressos ainda por vários coirmãos. Por isso se acordou de:

- Continuar a atuar em cada Província/Delegação mais empenho para fazer crescer os coirmãos na sensibilização, animação e colaboração com os leigos.
- Incentivar e acompanhar com maior empenho a Associação dos Cooperadores Guanellianos segundo as indicações do XVIII CG.
- Aproveitar da eventual ocasião da Canonização do Fundador para promover um Encontro mundial em Roma do MLG.

6. Centro integrado de comunicação

Foi elogiado por todos o empenho que a Congregação está fazendo no campo da comunicação. O site está ficando cada vez mais interessante e a sua tradução nas várias línguas oferece um rico material de reflexão e de confronto sobretudo no campo da caridade. Aquilo que ainda falta é o costume, por parte dos coirmãos, para abri-lo cotidianamente e portanto a boa parte do trabalho é feita em vão. De qualquer modo:

- Todos os Superiores das Províncias/Delegação declararam a própria disponibilidade em colaborar, mediante coirmãos e leigos como pontos de referência para incentivar a comunicação com os responsáveis do Centro.

7. Economia

- O esboço do “*Manual econômico-administrativo*”, apresentado pelo Ecônomo Geral foi aceito por todos. Elogiou-se o trabalho e se assegurou, por parte de todos, o compromisso para fazer completar o que toca a cada país.

Com o desejo de um bom trabalho, especialmente o dos países onde está para começar o novo ano social, vos asseguramos a nossa proximidade e contínua lembrança diante do Senhor.

DON PIERO LIPPOLI
Secretário Geral

Roma, 4 de fevereiro de 2009

2. Missa Intercontinental

1842 – 19 de dezembro – 2008: 166º aniversário do nascimento de Don Luís Guanella

Caríssimos Coirmãos, Coirmãs, Cooperadores e Leigos Guanellianos,

aproxima-se um dos encontros que a Família Guanelliana desde há alguns anos celebra em comunhão com todos os coirmãos, coirmãs e leigos espalhados pelo mundo: o dia do aniversário do Bem-aventurado Fundador. Este ano teremos a feliz memória do 166º aniversário do nascimento à vida humana de Don Guanella.

O caracterizar o dia natal do Fundador, com a Celebração Eucarística na mesma hora em todas as partes do mundo e com alguns pedidos particulares de oração que nos envolvem a todos na súplica, entra a fazer parte daquela experiência simples, mas importante que favoreçam com consciência ser de grande e única Família que tem raízes de caridade em todo o mundo e que sente quanto mais urgente o deverá reforçar estas relações e de continuar a dar espaço para outros a fazer parte do Carisma do seu Bem-aventurado Pai Fundador.

Neste ano gostaríamos de intensificar ainda mais o nosso coral na oração porque estamos nos dando conta do quanto Deus Pai sempre Bondoso nos está preparando em referência à santidade do nosso Beato Pai Fundador.

Repetidamente as mensagens do Magistério e o agir do Santo Padre e da Igreja, em propor-nos modelos de santidade, remarcam um aspecto particular e encorajante da santidade de vida: ela é possível a todos; ela é a meta mais natural para quem quiser viver dignamente a sua existência.

Também o Fundador era deste parecer a ponto de propor aos seus filhos (as) espirituais o empenho moral de santidade ordinária: “Embora eu não exija de cada cristão tal perfeição, que os faça todos santos dignos da veneração dos altares, nenhum de vocês pode se desculpar do teor de vida mortificada e santa, não afetada por algum vício grave, a ponto de que tudo ao nosso redor aconteça com um suavíssimo odor de belas virtudes cristãs e cidadãs” (*Ensaio de Admoestações cristãs*).

Os dois Conselhos Gerais dos SdC e da FSMP convidam os Superiores Provinciais e as Superiores Provinciais, os Cooperadores e os Leigos Guanellianos a promover em todas as nossas realidades a Santa Missa intercontinental celebrada na mesma hora em todas as partes do mundo. Não seja de obstáculo o horário incomum. Uma vez por ano pode-se superar esta dificuldade.

Relançamos conjuntamente esta iniciativa animados pela convicção evangélica: “Asseguro-vos que se dois de vós, sobre a terra, vos encontrardes de

acordo sobre o que devem fazer e pedirem ajuda na oração, o meu Pai que está no Céu vos concederá” (Mt 18, 19).

Os nosso Cooperadores Guanellianos de Roma numa carta endereçada anos nos confiam uma proposta de lançar para toda a Família Guanelliana e nós somos bem contentes de o fazê-lo. Eles se exprimem assim: “Com amargura vemos se delongar o tempo para a canonização do nosso amado Bem-aventurado Fundador; sinal talvez de que as orações de todo o mundo guanelliano está elevando ao Senhor não são o suficientemente fervorosas. Perguntamos-nos: não seria bom oferecer a Deus, juntamente com as orações, também um dia inteiro de jejum e de reflexão por parte de todo o mundo guanelliano, a ser celebrado na iminência do dia 19 de dezembro, recorrência do nascimento do Beato?”

Deixamos para cada comunidade e família acolher esta provocação e concretizá-la.

Desejamos, como todo ano, sugerir algumas intenções gerais a esta jornada Guanelliana:

- 1) Para que neste ano centenário da consagração do Fundador e dos primeiros coirmãos cresça e instaure em cada um de nós a exigência de celebrar no cotidiano da vida a nossa pertença a Cristo através dos Conselhos Evangélicos, a caridade fraterna, a ascese espiritual e o desejo de doar “mão, mente e coração até o ponto de fazer-se vítima pelos pobres de Jesus Cristo, porque está escrito que o Bom Pastor dá a vida pela suas ovelhas” (R 1905).
- 2) Para que neste ano em que celebramos os 100 anos de aprovação por parte da Igreja da Congregação das Filhas de Santa Maria da Providência possamos continuar a exprimir com a vida a ação de graças a Deus pela sua benevolência para cada uma de nós.
- 3) Para que cresça e se firme em cada um de nós a exigência da colaboração e da corresponsabilidade em viver com fidelidade e alegria o carisma e a missão primeiro entre os religiosa e depois com os nossos leigos.
- 4) Para que a situação internacional que nos coloca cada dia em contato com os focos de guerra por motivo de religião diferente, ou com a finalidade de destruir as diferentes posições étnica, políticas, econômicas, faça própria a mensagem de paz, de fraternidade e de solidariedade anunciada a todos os homens da terra pelos anjos no nascimento do Senhor.
- 5) Para que doe à nossa Família a alegria de celebrar logo ainda na terra a santidade do nosso Beato Fundador.

A seguir evidenciamos o horário da Celebração da S. Missa por país.

Ao dizer-vos obrigado por tudo o que a vossa criatividade e o vosso afeto pelo Fundador colocarão em campo para viver bem e juntos esta jornada, vos desejamos as felicitações de um Santo Natal de alegria e de serenidade interior, aberto à grande esperança que nasce no coração quando nele habita Deus.
Afetuosamente.

Roma, 12 de dezembro de 2008.

Padre ALFONSO CRIPPA e Madre GIUSTINA VALICENTI

3. Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Mons. Aurélio Bacciarini

(omissis)

... Em virtude desta fama de santidade, a 1º de julho de 1946, junto à Cúria da Diocese de Lugano, se abriu o Processo Informativo que se fechou a 25 de março de 1964, a que se seguiram os Processos Rogatoriais. A sua validade foi reconhecida pela Congregação da Causa dos Santos com Decreto de 9 de julho de 1982. Preparada a *Positio*, se discutiu, segundo o habitual procedimento, se o Servo de Deus tenha exercido em grau heróico as virtudes. Com êxito positivo, aconteceu a 30 de março de 2007 o Congresso Peculiar dos Consultores Teológicos. Os Padres Cardeais e Bispos na Sessão Ordinária de 22 de janeiro de 2008, ouvido o relatório do Expositor da Causa, o Ex.mo Cardeal Mons. Andrea Maria Erba, Bispo emérito de Velletri-Segni, reconheceram que o Servo de Deus Aurélio Bacciarini exercitou em grau heróico as virtudes teológicas, cardeais e anexas.

Apresentada, portanto, um relatório atento de todas estas fases ao Sumo Pontífice Bento XVI por parte do subscrito Cardeal Prefeito, o Beatíssimo Padre, acolhendo e ratificando os votos da Congregação da Causa dos Santos, no subscrito dia solenemente declarou: Constam as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade quer para com Deus quer para com o próximo, e as Cardeais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e aquelas anexas, em grau heróico, do Servo de Deus Aurélio Bacciarini da Congregação dos Servos da Caridade, Administrador Apostólico de Lugano, no caso e para, o fim de que se trata.

O Beatíssimo Padre deu ordem de tornar público este Decreto e de transcrevê-lo nos Atos da Congregação da Causa dos Santos.

Dado em Roma no dia 15 do mês de março do Ano do Senhor de 2008.

JOSÉ Card. SARAIVA MARTINS
Prefeito

✠ MICHELE DI RUPERTO
Arcebispo tit. de Biccari

4. A autoridade na vida religiosa guanelliana

Introdução

Parece-me útil introduzir o tema da autoridade nas suas valências espirituais reportando o que Don Nino Minetti propunha aos coirmãos no último Capítulo Geral dos Servos da Caridade.

Uma Congregação Religiosa é uma realidade espiritual antes de ser um grupo simplesmente humano. A imagem mais adequada para definir uma Congregação religiosa é aquela utilizada por São Paulo para descrever a Igreja, isto é, a imagem do corpo vivente.

Uma Congregação é um corpo vivo.

Um corpo vivo é totalmente diferente de um monte de pedras, ou de um conjunto de pedras que formam uma parede. A unidade de um corpo é bem outra coisa pela coesão completamente estática de um edifício, mesmo que seja elegante.

Para que uma parede dê sustentação basta que as pedras que a compõem sejam bem cimentadas umas contra as outras (a força da gravidade).

Um corpo vivo não pode se contentar de uma coesão estática. Num corpo há um princípio organizador, regulador, há um sistema central, um coração que assegura a conservação da vida e a sua circulação por tudo; recebem impulsos e sinais dos diferentes órgãos e de todos os membros e por sua vez asseguram a irrigação e o bom funcionamento deles. A vida necessita ser regulada e conservada (o sistema circulatório e nervoso).

A mesma coisa acontece numa Congregação religiosa: e pode se chamar “governo” tudo aquilo que assegura a regulação do corpo inteiro, a sua manutenção e a boa saúde.

Antes de ser um “organograma”, uma estrutura, o governo de uma Congregação religiosa é um conjunto de relações, dos movimentos de vai-vem graças aos quais a vida existe e circula (Documentos Capitulares 126).

Neste escrito não considero, portanto, o organograma dos diferentes tipos de autoridades nos vários níveis e também não me interesso pelas normas jurídicas que regulam o exercício da autoridade.

A autoridade nasce no seio da comunhão fraterna e está a serviço da própria comunhão.

Para falar de modo simples, é preciso lembrar que a autoridade não está num planeta diferente daquele dos outros.

Além disso, o próprio código de Direito Canônico, falando da autoridade não se limita a declarar que é tarefa da autoridade decidir e comandar, mas se detém em descrever a longo os outros deveres que não são secundários para quem tem o dever da autoridade (vide Can. 618 e 619).

Tratarei, portanto:

1) Do sentido evangélico da autoridade, entendida como serviço que tem origem e se modela sobre Jesus Cristo;

2) Das sugestões da Igreja sobre o papel do Superior na comunidade religiosa;

3) Do estilo guanelliano que deve animar e orientar a quem na comunidade tem o dever de dirigir e governar.

Desenvolvendo cada um dos pontos me referirei principalmente a um único texto com a finalidade de desenvolver o tema de modo mais unitário. Na prática citarei:

* *Mc* 10, 45

* Vida fraterna em Comunidade n. 49-50

* Regulamento SdC 1910: das casas sucursais e dos seus assistentes (isto é o superior local, o seu conselho e os coirmãos).

1) O sentido evangélico da autoridade

a) A diaconia da autoridade

É sempre oportuno lembrar que autoridade dentro de uma comunidade religiosa nasce e age com modalidades bem diferentes da autoridade puramente humana. É significativo que todos os Evangelhos relatem o ensinamento de Jesus e o seu modelo de vida para contrastar também nos apóstolos a busca de querer ser o primeiro, de dominar. Podem-se citar:

1) *Mc* 10, 35-45

2) *Lc* 22, 24-27

3) *Jo* 13, 1-7

No NT. O termo “autoridade” é indicado com a “diaconia”, isto é, serviço. Este “serviço” exprime o segredo da vida de Jesus: toda a sua vida foi um dom. Nada se reserva para si mesmo, mas tudo fez por obediência ao Pai e para o bem dos homens, seus irmãos.

A sua morte na cruz é o seu supremo dom, o seu total serviço.

Por isso Jesus não quer que na sua Igreja valham os critérios humanos da autoridade entendido como domínio, como poder; por isso exige que o maior seja o servo de todos.

A própria Igreja é “diaconia”, serviço da humanidade e toda autoridade na Igreja, enquanto nasce do dom de Deus deve sempre inspirar-se no exemplo e no ensinamento do Senhor.

b) O sentido do serviço segundo o Evangelho

Hoje a palavra “serviço” é tão usada que se chegou ao ponto de esvaziá-la do seu sentido verdadeiro. Servir se tornou uma honra, um negócio, um modo elegante para se impor e sujeitar os outros.

Por isso é bom refletir sobre o verdadeiro sentido desta palavra e fazer dela uma qualidade da nossa vida.

Serve-nos de guia a passagem de *Mc 10, 45*: “*Quem quiser ser o primeiro entre vós seja o servo de todos. O Filho do homem de fato não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate por muitos*”.

Uma primeira característica evangélica do “servir” é esta: “servir” não indica gestos a cumprir periodicamente; o Evangelho diz que deve ser uma modalidade da própria vida. “Estou no meio de vós como aquele que serve”, diz Jesus (*Lc*). É esta a convicção radicada no coração, é uma disponibilidade que envolve toda a pessoa, porque qualifica toda a ação. Daí a importância de verificar se verdadeiramente pensamos assim e se esta é a marca que pretendemos dar ao nosso viver ao nosso agir.

Uma segunda nota: o estilo do serviço está claramente em contraste com a lógica do fazer-se servir ou do servir-se dos outros. O Evangelho o revela: Jesus veio para servir, mas não para ser servido.

Trata-se de duas lógicas opostas entre elas e inconciliáveis: não se pode servir a dois padrões, o próprio eu e o próximo!

Para o Evangelho, se um homem é egoísta, o será em todo lugar, na vida particular e na vida pública. Isto significa que não se podem ter alguns espaços como serviço e outros como busca de si.

O estilo – que é sempre um nó do ser antes do fazer – acompanha a pessoa em qualquer lugar. Se isto não acontece significa que o serviço não se tornou ainda qualidade de vida, é algo de postiço, de frágil, um que não modificou o centro da pessoa (BRUNO MAGGIORNI, *Elogia do serviço em Revista do clero Italiano*, 1995).

Um terceiro destaque: servir concretamente quer dizer viver tomando sobre si a responsabilidade dos outros. “É o sentido da palavra “resgate”, que alude à solidariedade entre parentes estritos; quando estás em dificuldade, seja qual for, teu irmão não pode fazer conta de nada: aquilo que te aconteceu se refere a ti. Assim se deve vier. Sentir-se responsáveis não é somente questão de generosidade, mas de um olhar atento e cuidadoso, capaz de viver e de entender, como o olhar do samaritano que se deu conta do ferido. A generosidade não é ainda o serviço, tanto menos o impulso de um momento, mesmo que sincero. O serviço não se improvisa, mas se constrói. Exige uma consciência certa e um postura moral. É fácil o risco de uma generosidade imediata, confusa, desrespeitosa, que inventa formas de serviço que agradam a quem serve, mas totalmente inúteis para quem se quer servir” (*ibid.*).

Há por fim, uma característica: o autêntico serviço não visa somente a vir ao encontro à necessidades do outro, mas se abre à pessoa.

Acontece algumas vezes que se está preparado e eficazes no que se refere às necessidades, mas se ignoram as pessoas. É um pouco a crítica que frequentemente se dirige ao sistema de saúde: ao passo que o evoluir da ciência e da técnica se enfrenta a doença, mas se descuida da pessoa do doente (não é por nada que se diz “paciente”)

Nas obras de caridade a que se refere Jesus no juízo final não é somente “dar de comer” ou “dar de beber”, mas é também “hospedar” o estrangeiro e visitar os doentes e encarcerados.

“Hospedar” quer dizer acolher o outro na própria vida, nas próprias preocupações, na própria casa.

“Visitar” exige perceber o outro, preocupar-se por ele, sentir-se envolvido com ele e partícipe da sua situação. Neste sentido o Evangelho afirma que “Deus visitou o seu povo”.

Estas indicações do Evangelho valem para todos os crentes, também porque cada um de certa forma influi sobre os outros, mas se referem em particular àqueles que têm autoridade e que mais do que os outros estão expostos à tentação de se fazer valer e usar da autoridade para os próprios projetos ou os próprios interesses.

Também os superiores devem obedecer, antes, devem obedecer mais do que os coirmãos.

A quem devem obedecer?

Antes de mais nada à vontade de Deus referente à própria comunidade, depois ao carisma e ao projeto espiritual e apostólico confiado por Deus à Congregação, além da Constituição e do Regulamento em vigor e às orientações dos Superiores Maiores. Devem fazer isto precedendo a comunidade e ajudando os coirmãos a viver na obediência.

2) O pensamento da Igreja

Os textos mais recentes do Magistério da Igreja referentes à autoridade nas comunidades religiosas são:

a) O decreto “*Perfectae Charitatis*” do Concílio Vaticano II, números 11 a 14 (ano de 1965);

b) *A vida fraterna em comunidade*: nos números 47-53 trata a fundo da autoridade a serviço da fraternidade (1994);

c) A exortação apostólica “*Vita Consecrata*” n. 43 precisa a tarefa da autoridade (1996);

d) O documento “*A partir de Cristo*” dedica à função dos superiores e das superiores o n. 14 (2002);

e) Suas sugestões:

- estes documentos repensam e reapresentam o papel e as tarefas da autoridade, atualizando-os no contexto da vida da Igreja e também levando em conta a particular sensibilidade da sociedade hodierna;
- o modo e comandar como o de obedecer podem variar de acordo com os tempos e as culturas.

A este respeito relato uma afirmação do documento “*Vida fraterna em comunidade*”. “As novas estruturas de governo, que aparecem na Constituição renovada, exigem muito mais participação dos religiosos e das religiosas. Daí o emergir de um modo diferente de afrontar os problemas, através do diálogo comunitário, a corresponsabilidade e subsidiariedade. Os problemas da comunidade interessam a todos os membros.

Isto muda consideravelmente as relações interpessoais com conseqüências no modo de ver a autoridade. Em não poucos casos a autoridade encontra dificuldades de encontrar um lugar no novo contexto” (n. 6).

Um válido conselho é o de reler estes documentos com frequência, tanto para interiorizar as reflexões e as propostas, quanto para fazer uma periódica avaliação do próprio comportamento.

Algumas notas sobre os números 49 e 50 da VFC

Evidentemente tomo deste texto somente algumas indicações úteis para a nossa reflexão.

O texto antes de tudo precisa as tarefas e o estilo da autoridade ligando-as mais estritamente às raízes evangélicas.

As tarefas:

a) *O serviço do progresso espiritual do indivíduo,*

b) *A edificação da vida fraterna em comunidade,*

c) *A missão particular a ser desenvolvida de acordo com o carisma do Instituto (cf. n. 49).*

Talvez do que tarefas estão indicadas as áreas nas quais o serviço da autoridade intervém.

O documento pois, apresenta alguns aspectos da autoridade afirmados no contexto atual.

São três:

- I. Uma autoridade espiritual;
- II. Uma autoridade operadora de unidade;
- III. Uma autoridade que sabe tomar a decisão final e assegura a execução dela (n. 50).

I. Autoridade espiritual: “sua finalidade primária é a de construir comunidade fraterna na qual se busca Deus e o se ama sobre todas as coisas. Portanto a sua tarefa fundamental é a animação espiritual, comunitária e apostólica da comunidade”.

É uma perspectiva muito linda, talvez seja um objetivo a ser alcançado. Quem tem a autoridade deve ser uma pessoa carismática, isto é, rica de dons de Deus, uma pessoa que assimilou a simplicidade e a missão da Congregação, capaz de ser guia segura para os coirmãos.

Tais pessoas são um dom inestimável a ser pedido junto a Deus na oração. Se além de tudo isto, o superior tiver também a capacidade de se agir na maré de exigências, normas, relações queridas pela sociedade, tanto melhor!

De qualquer modo tenhamos presente que é preciso confiança no Senhor e humildade na relação com Ele e com o próximo. É já um bom resultado!

II. Autoridade operadora de unidade. O texto exige o compromisso de criar um clima favorável para a partilha e a corresponsabilidade. “Uma autoridade que encoraje os irmãos a assumir as responsabilidades e as sabe respeitar, que suscita a obediência dos religiosos no respeito da pessoa humana, que as escuta de boa vontade..., que pratica o diálogo e oferece oportunos momentos de encontro, que sabe infundir coragem e esperança nos momentos difíceis, que sabe olhar para frente para indicar novos horizontes na missão” (n. 50).

Aqui também é indicada uma meta esplêndida; também aqui não faltam atrasos, cansaços, dificuldades tanto por parte da autoridade quanto por aquele que deve obedecer.

Todos temos um pouco a convicção frequentemente radicada nos anos longínquos da formação: a obediência cega, entendida como inapelável já de saída e passiva em fazer tudo e somente aquilo que é comandado.

Mas a obediência, se quiser ser um ato digno da pessoa e meritório, deve ser livre, capaz de diálogo verdadeiro com a autoridade, ativa em assumir as res-

ponsabilidades que dela derivam, desejosa de dar a própria colaboração, ágil em saber orientar-se diante dos imprevistos.

Será sempre bom estimular a contribuição também das pessoas idosas que talvez se isolam e se consideram à margem da comunidade.

III. Uma autoridade que sabe tomar a decisão final e assegura a sua execução. O Documento Vaticano fala antes de tudo do discernimento comunitário prévio às escolhas importantes que se referem à vida religiosa.

Esse é “um procedimento muito útil, mesmo se não fácil e automático”, ele envolve competências humanas, sabedoria espiritual e desapego pessoal.

Segue pois o apelo a quem tem autoridade de executar e fazer executar com constância e fortaleza as decisões tomadas, respeitando as competências dos vários conselhos e as normas do direito.

Don Guanella nos seus regulamentos fala mais vezes do discernimento comunitário. Por exemplo, o Regulamento das FSMP de 1911 tem um capítulo dedicado às conferências. “Conferência – escreve – quer dizer o ato de levar as próprias expressões à pessoa amiga para confrontar o vosso modo de ver com o das vossas coirmãs e assim deduzir as suas consequências boas” (IV, 704).

No Regulamento dos SdC de 1910 fala dos deveres dos conselheiros.

Primeiro dever é o de “estudar atentamente a Regra e o Regulamento e o espírito dos mesmos” (IV, 1332); em outras palavras é preciso ter assimilado o carisma da congregação nos documentos que o propõem e nos acontecimentos históricos através dos quais se exprime.

Ouros deveres ser referem ao ânimo de quem participa de palestras: “ajudará, também, a ter um espírito tranquilo, sério, atento, de observação, caritativo” (IV, 1332). Não deverá faltar a ninguém “o espírito de oração e de caridade” (IV, 1332) porque o dom do conselho é dom de Deus, mais do que faculdade adquirida (IV, 1332).

A propósito das conselheiras gerais anota: “[da conferência] não saiam sem ter proferido o próprio sentimento...; falem sem espírito de adulação que seria defeito, sem espírito de tremor ou de medo que seria espírito não bom, sem o desejo de ser acompanhadas no seu conselho, que de outra forma poderiam pecar de presunção ou de amor próprio” (IV, 702).

Como vocês podem constatar não faltam sugestões práticas para que haja um verdadeiro discernimento referente à vontade de Deus sobre as escolher importantes que interessam o espírito e a missão da Congregação.

No que se refere à direção das reuniões em que acontece o discernimento é muito útil a ajuda de pessoas de fé e especialistas no setor.

Evidentemente é preciso observar as normas jurídicas que regulamentam as competências em diferentes níveis; por exemplo, algumas se referem ao Capítulo Geral (ou Provincial), além dos vários Conselhos nos quais o voto exigido pode ser somente consultivo ou também colegial.

Concluo este segundo ponto, lembram aquilo que João Paulo II escreveu, falando da espiritualidade da comunhão, a propósito dos conselhos presbiterais e pastorais. Por analogia e as suas considerações valem também para os conselhos dos religiosos e por outras reuniões semelhantes: “A teologia e a espiritualidade da comunhão inspiram uma recíproca e eficaz escuta entre pastores e fiéis, em buscar a unidade no essencial e a convergir normalmente também no opinável rumo a escolhas prudentes e partilhadas”.

É preciso, para esta finalidade, fazer nossa a antiga sabedoria que, sem levar qualquer preconceito ao papel da autoridade, encorajava à mais ampla escuta de todo o povo de Deus. Significativo foi o que São Bento lembra ao Abade do mosteiro, convidando-o a consultar também os mais jovens: “Frequentemente Deus inspira um parecer melhor a um mais jovem” (*Novo Millennio Ineunte*, n. 45).

3. Estilo guanelliano de autoridade

a) Como Don Guanella viveu a sua relação com a autoridade

Dentro da família dos anos 1800 a autoridade era sagrada. Normalmente tudo estava nas mãos do pai. Papai Lourenço “era um homem sério e venerando, todavia de caráter um tanto ardoroso, absoluto nas suas ordens, de poucas palavras, ágil nas suas coisas” (L. GUANELLA, *Os anos da infância*, p. 125). O próprio Don Guanella reconheceu que o papai Lourenço era de caráter forte e inconcusso como as rochas do Calcagnolo (*ibid.*).

Queria bem os seus filhos, mas era, melhor dizendo, autoritário. Don Guanella não se lamenta da educação severa e operosa recebida na família; não faltavam nele traços do caráter paterno (“nasci perto da Rabbiosa”), mesmo que, com o passar dos anos, teve que abrandar alguns aspectos do seu temperamento e da sua formação afastando-se um tanto do modelo de autoridade em uso nas famílias de então.

Don Guanella com 12 anos, em 1854, entrou no colégio Gallio de Como. O impacto do menino com o novo ambiente foi chocante ainda que contrabalançado por pessoas valiosas. Don Guanella escreve “de noite se entra na gaiola do Colégio. O colégio é um lugar de toda bênção, mas o pássaro de bosque entrou na gaiola. Que peso para um pequeno montanhês se a disciplina do sino, os gritos demasiado frequentes e ameaçadores dos superiores e dos responsáveis de disciplina...”. O rapaz, embocar acostumado a obedecer, não consegue convencer-se da validade de tal estilo de autoridade. O declarou abertamente: “era naqueles tempos em todas as casas educativas um sistema muito rígido que educava os corações mais para o temor que para o amor” (*Le Vie della Provvidenza*, p. 6).

Dois anos depois, em 1856, Luís passa para o Seminário Diocesano. G. Martina assim fala da disciplina em uso nos seminários italianos da metade dos

anos 1800: “nos institutos de formação acontecia uma disciplina muito rígida, às vezes até sufocante. Ao reitor eram concedidos amplos poderes, o vigiar sobre os alunos era contínua, a frequência aos sacramentos controlada, as punições... eram sempre muito severas” (G. MARTINA, *Il Pontificato de Pio IX*, vol. II, 706). Don Guanella, escrevendo a sua autobiografia, lembra: “no seminário custa a disciplina da regra” (*Le Vie della Provvidenza*, p. 31).

Por dois anos (1862-64) foi enviado como responsável da disciplina no Colégio Gallio. Ele mesmo avalia o seu modo de comportar-se: “O Guanella não se sentia de ser rigoroso e os superiores do colégio não se sentia em adaptar-se à sua benignidade que diziam, ultrapassava os limites” (*Le Vie della Provvidenza*, p. 26).

Don Piero Pellegrini, depois de ter analisado a relação entre Don Guanella e o seu bispo, Dom Carsana, nos anos em que estava na busca de como atuar os projetos que Deus lhe tinha colocado no coração, comenta: “a promessa de obedecer feita ao bispo ordinário se torna verdadeiramente uma história viva, forte e talvez também áspera para obedecer a Deus e à missão que ele lhe confia (a voz interior do coração, purificada através do sofrimento, da oração, da espera) e para obedecer ao superior ao qual cabe provar e dirigir para uma atuação. Esta obediência não exclui contrastes de opiniões e dificuldades de decisões, alguma aspereza de palavra pode também ser considerada: quando estão em questão coisas grandes é justo também apaixonar-se e inflamar-se, mas refletir também: escrever duas vezes se for preciso para atenuar as expressões, como fez Don Guanella, ou para acentuá-las, como fez o bispo em Campodolcino. É a difícil escola da obediência. Cada um cumpre a sua parte; Don Guanella segue, o bispo freia; os dois sofrem... ambos estão cientes do risco. Don Guanella, repensando a própria experiência concluía, já idoso: “falamos o que Deus inspira, contanto que a autoridade não o impeça” (*Don Guanella Inedito*, p. 307).

Sempre Don Piero Pellegrini evidencia o estilo com que Don Guanella exercia a sua autoridade dentro da Congregação. É deduzido pelas cartas com as quais ele se reportava com os seus coirmãos. Coloca em evidência duas: “a familiaridade do tratamento e da relação, o tom discursivo, sereno, encorajador... frequentemente brincalhão, não dramatizador, a ajuda ao crescimento da pessoa concedendo uma notável autonomia de ação; mas não faltam a seriedade no chamar a atenção, a ordem taxativa, a exigência de uma obediência pronta para prazos estritos, também além de possíveis objeções” (*Don Guanella inedito*, p. 308).

b) O que ensina Don Guanella a respeito da autoridade

Aquilo que Don Guanella pensa da autoridade e que modos sugere em exercitá-la se o encontra abundantemente nos escritos para as duas Congregações.

I. Autoridade e carisma. A primeira reflexão a ser feita a respeito é a seguinte: a autoridade provém do carisma e é a serviço deste.

O dom de Deus, para inserir-se na história humana e incidir na realidade deve num certo sentido, encarnar-se em pessoas concretas, em estruturas adequadas, servindo-se de oportunas mediações humanas. Assim aconteceu para Jesus Cristo, Filho de Deus, mas também do seu povo (com a lógica, a mentalidade, as tradições, a religiosidade do povo do seu tempo). Assim acontece para a Igreja, interiormente depositária do projeto de Deus para humanidade, mas também dotada de instrumentos, de estruturas, de normas que lhe permitem dialogar com as realidades do mundo.

O carisma, sem exaurir as suas potencialidades, vive e se exprime através de regras, regulamentos, comunidades fraternas e autoridade.

É lógico então pensar que a Regra, a comunidade, a missão e a autoridade se diferenciam segundo o carisma próprio de cada Instituto.

Em particular é diferente a autoridade do abade beneditino, do guardião franciscano, do superior jesuíta ou guanelliano.

No documento *Vida fraterna em comunidade* se diz: “O Serviço da autoridade está voltado a uma comunidade que deve desempenhar uma missão recebida e qualificada pelo Instituto e pelo seu Carisma.

Assim como existem diferentes missões, haverá diferentes tipos de comunidade e portanto diferentes tipos de exercício da autoridade. É também por isso que a Vida Religiosa tem no seu seio diferentes modos de conceber e de exercer a autoridade definidos pelo direito próprio” (n. 49).

Além de se referir de forma vinculante ao carisma, o exercício da autoridade deve levar em conta as indicações da Igreja que precisa os sinais dos tempos e das sadias tradições dos diferentes povos!

Pelo carisma guanelliano, dado em primeiro lugar ao Fundador, por ele vivido e transmitido, deriva um particular tipo de autoridade e modalidades de execução. Don Guanella exprime o seu pensamento sobre a autoridade não somente quanto, dela trata expressamente, mas também discorrendo da comunidade e da obediência; de fato o superior está dentro da comunidade, mesmo que com funções próprias; e explica a sua ação na relação com os coirmãos a ele confiados.

No ato prático se pode desenvolver o tema do estrilo guanelliano de autoridade pelo menos de dois modos:

- Pesquisar o pensamento do Fundador relendo, na ordem devida, os seus escritos,
- Ou também escolher alguns textos mais significativos e por eles fazer emergir o seu pensamento.

O primeiro modo exige uma análise acurada e completa dos textos e requer estudo e tempo; o segundo, embora sem poder ser exaustivo, faz captar as linhas essenciais do seu pensamento.

Para as finalidades desta conferência o segundo modo tem a vantagem de apontar somente sobre um texto significativo através do qual se pode melhor

afirmar os entendimentos de Don Guanella, seguindo também um certo caminho lógico.

O texto que proponho e sobre o qual vou me deter se acha no Regulamento dos SdC de 1910. Trata-se do capítulo 8º da terceira parte e tem como título “das Casas filiais e dos seus assistentes” (IV, 1342-45).

Para superar equívocos lembro, porém aquilo que Don Guanella diz a respeito do superior ainda no mesmo Regulamento: Assim como o Senhor dispôs sobre a terra os que devem ter o seu lugar e comandar em seu nome, assim ele disse dos Superiores: “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza despreza a mim mesmo” (Lc 10, 16): tocar os superiores seria como colocar os dedos nos olhos para ferir a pupila dos próprios olhos de Deus. É preciso portanto obedecer ao superior como ao tenente de Deus e obedecer-lhe de coração por amor do próprio Deus. Neste sentido os Servos da Caridade serão filhos obedientes do Pai comum” (IV 1285).

II. Das casas filiais e dos seus assistentes. Faço agora um breve aceno sobre este Regulamento. Como Don Guanella usava cada texto da Regra ou da Constituição foi bem logo ladeado por um Regulamento que evidenciava os valores e sugeria devidas explicações.

Ao texto jurídico segue o comentário doutrinal, ascético e prático.

O Regulamento de 1910 usa como pistas a Constituição de 1907, que é o ponto de referência para a profissão perpétua do Fundador e dos primeiros coirmãos em 1908.

Assistentes e conselho. 1) “Aquilo que atrapalha geralmente nas fundações não é a economia material, mas a moral, ou seja a disponibilidade das pessoas. Muitas vezes, a dificuldade está na escolha de um pessoal dirigente adequado”.

Logo depois fala a respeito do porquê e se detém a descrever os dotes ou as capacidades que deve ter quem tem a tarefa da direção. Quais são? Ei-las:

“Um bom diretor deve ter reta a intenção, para que se possa merecer a ajuda de Deus. Deve ter uma prudência pelo menos suficiente para o andar das obras e pela direção pessoal que lhe depende. Precisa ser forte em superar as dificuldades, que seja enérgico em iniciar e prosseguir as obras de desenvolvimento das casas...”.

Como se nota, os dotes do superior são em síntese três: reta intenção, prudência, fortaleza: a reta intenção o apresenta como “homem de Deus”; a prudência é a virtude que medeia entre o projeto a ser realizado e a condições apta para traduzi-lo na prática, evitando a esperteza, o calar estéril, o capricho o sossego; a fortaleza ajuda a superar os obstáculos que, em medida e modos diferentes, sempre tornam árdua a vida do bem. Para ulteriores acenos se veja o Regulamento interno de 1899 (IV, 970-72).

2) Com o seu Conselho: “O diretor se faça ajudar pelo Conselho que lhe depende. Neste argumento podem acontecer três casos.

** O diretor pode possuir força de iniciativa, clareza de direção, experiência iluminada, e então poderá se valer delas com discrição para si e com útil recíproco dos superiores dependentes (como chefe de ala), os quais muito aprenderão da sua escola.

** Ou seja as luzes e as energias são proporcionais e ainda é preciso aceitar o provérbio que diz: “mais veem quatro olhos que dois”.

** Pode acontecer que a cada modo e até que cada membro do Conselho sejam perfeitamente capazes dirija, sobretudo a mente do diretor. Neste caso use a discrição para não exceder em autoridade. Cuide para considerar sempre os seus dependentes como verdadeiros irmãos, para não ferir a caridade religiosa.

Como se vê, é uma relação respeitosa da pessoa e dos dons de cada um; uma relação reavivada pela caridade e temperada pela discrição, uma relação capaz de fazer crescer as pessoas e prepará-las para novas tarefas. Aqui nenhuma norma jurídica: já se encontram na Constituição.

Assistentes e pessoa. Trata-se da relação entre os superiores e os coirmãos.

“Toca aos superiores formar os seus irmãos dependentes e de deles valer-se eficazmente. Formar os indivíduos segundo o espírito e a direção da obra é algo essencial, como é essencial um bom fermento para cozer uma massa de pasta em bom e substancioso pão. Nesta obra de zelo, de paciência, de aplicação assídua devem os superiores repor cada cuidado próprio”.

A atenção de Don Guanella se detém sobre esta importante e decisiva tarefa: preparar um pessoal capaz de assumir responsabilidades.

Por isso exige empenho paciente e assíduo porque cada pessoa tem os seus tempos e os seus ritmos de crescimento. Com que critérios desenvolver esta tarefa?

Pouco a pouco se aprende a arte, a ciência e pouco a pouco se chega aos compromissos elevados na sociedade. É preciso que não transcorra um dia sequer que o dependente se exercite em trabalhos úteis e o superior o deve dirigir a isso, àqueles também de cometer alguma falha, porque existe um provérbio que diz que quem faz falha, mas quem não faz falha hoje, aprende a fazer melhor para o amanhã.

Nas obras da Casa da Providência quando se percebe que um servo tenha reta intenção, é bom e piedoso e capaz de se desenvolver, então basta olhá-lo a longo e não impedi-lo no seu trabalho, mas conceder-lhe espontânea e quase plena a liberdade, no âmbito da qual o servo da caridade deve desenvolver a própria energia e realizar o seu papel que em nome de Deus lhe foi confiado.

Os critérios a serem usados para com os dependentes são os de ter confiança neles, mesmo aceitando eventuais erros e conceder uma justa autonomia a quantos se julguem preparados como religiosos e como operadores.

O educador esta ao lado do educando com respeito, estimulando, oferecendo-lhe oportunidades de agir, retirando-se à medida que este último alcance os objetivos prefixados.

Modo de tratamento para com os dependentes. É evidente que o superior estimule e aceite a colaboração do Conselho e que é necessário preparar o pessoal nas diferentes tarefas, mas como inserir os coirmãos nesta proffuca colaboração?

“Aqui se poderá objetar: quando poderão se aceitar os conselhos de um coirmão e quando com segurança colocá-lo na atividade?

E se responde que naturalmente quando, como o filhote de pássaro do ninho, desenvolveu as asas e que é capaz, enfim, de voar.

Tal capacidade pois, é relativa à pessoa, às condições de lugar, de ofício e semelhantes. Certo é também que, quando se vê claro o caminho da providência em começar a prosseguir uma obra de bem, muito será preciso confiar na ajuda da graça, como na fé simples e viva do Servo da Caridade que é chamado às obras de bem.

Uma Congregação nascente é congregação menina, que o Senhor quer ajudar, que o próximo dos irmãos tende a ter compaixão.

Que fará o superior local?

Faça quando segue e o se ponha em ação bem logo.

Como Moisés, considera somente e absoluta a autoridade do inventor (também a Igreja lembra que o exercício da autoridade é pessoal); mas uma autoridade mansa, humilde e benévola.

Seja autoridade desejosa do comando em partes iguais aos setenta anciãos do povo.

Os coirmãos, quando percebem isso, se apressam ansiosos, trabalharão em confiança de irmãos, interessados na grande obra da santificação própria e das almas do próximo, aprenderão a viver cada hora mais da vida do Instituto e a sacrificar-se de bom ânimo para a prosperidade do mesmo, como o filhinho se sacrifica pela prosperidade do seu ótimo pai”.

Autoridade sim, mas “mansa, humilde, benévola”: sobre o modelo da Família de Nazaré, com particular referência a São José.

O Superior não é um “pai eterno” que sabe tudo e tudo pode: a sua autoridade deve ser “participada também com outros”; deve suscitar colaboração, solidificar a comunhão, animar a todos para colaboração a ser dada na missão.

Conclusão

Tive entre as mãos um caderno que reporta as reflexões para um curso de formação permanente reservados, penso, às superiores FSMP.

Dele apresento um trecho muito simples, mas também pertinente na situação que estamos vivendo.

“Antes da escolha ou nomeação se podem fazer todas as objeções que parecem válidas. Depois, se deve aceitar com humildade, realismo e serenidade o querer de Deus. A todos aqueles que o senhor escolhe e envia, Ele diz sempre: não tenhais medo, Eu estarei convosco. Não poderá ser uma animadora válida

uma superiora que tem atitudes de medo, de angústia, de nervosismo, que dá a impressão de se querer perdoar de ser superiora o que se lamenta sempre de não ser à altura e de não saber aquilo que a comunidade pede.

Deve ao invés sentir e saber demonstrar de ter aceitado com simplicidade o seu encargo, porque a considera como possível, com a ajuda de Deus e das Irmãs; e, além disso, como uma bela oportunidade de servir a Igreja e a Congregação para a realização do projeto de Deus no mundo. Gostaria de dizer ainda uma vez mais: a superiora deveria partilhar o seu ministério como uma oportunidade providencial de realizar a própria personalidade.

Não deve desenvolver externamente o seu papel, mas deve entrar profundamente no seu próprio papel, assumi-lo com todos os seus dons pessoais, colocando-se em consonância interior com ele e depois encontrar momentos de crescer através de coisas novas a serem aprendidas e a serem inventadas. O amor é sempre criativo se sempre novo, sabe descobrir em cada pessoa e em cada acontecimento motivos de alegria”.

Don PIETRO PASQUALI

5. Que tipo de Vida Religiosa tem futuro? Que tipo de Vida Religiosa merece futuro?

Sobre que traços insistir afim de que a Vida Religiosa tenha também hoje um sentido?

Leitura:

“Digo-vos desde agora, antes que aconteça, para que quando terá acontecido, creiais que Eu Sou (...). Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não como o mundo a dá, eu a dou a vós. Não se perturbe o vosso coração e não tenhais medo (...). Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais (...) Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi do meu Pai vos dei a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos constitui para que vades e produzais fruto e que o vosso furto permaneça (...). Se o mundo vos odeia, sabeí que antes de vós odiou a mim. Se fostes deste mundo o mundo vos amaria; porque não sois deste mundo, mas porque eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: “Um servo não pode ser maior do que o seu senhor”. Se perseguiram a mim, perseguirão também a vós; se observaram a minha palavra, observação também a vossa (...). Disse-vos estas coisas para que, quando chegará a hora, dela vos recordeis, por-

que eu vos a tenho dito (...). Disse-vos isto para tenhais a paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas coragem, eu venci o mundo!” (Jl 13, 19; 14, 27.29; 15, 15-10; 16, 4.33).

“Homem de pouca fé, porque duvidaste? (*Mt 14, 31*).

1) Estamos em uma bifurcação

Faz anos que falamos de “crises” da VR (vida religiosa) sobretudo em certas áreas do mundo; mas, acontece em qualquer lugar nestes tempos de globalização. Falando a verdade, pois, a crise atual na é de fato monopólio da VR. Esta múltipla forma de vida cristã entrou em crise porque está em crise o nosso momento histórico, sobretudo ocidental. Não é portanto uma crise dos religiosos, mas *também* deles. De fato, também o matrimônio e o sacerdócio (inclusive o casado), o que demonstra que não é por si uma crise de celibato, mas de cultura, à qual se acrescenta nestes últimos meses também uma forte crise econômica mundial. Isto quer dizer que nós somos parte deste mundo e do momento atual.

Uma crise cultural que, dito em poucas palavras, mudou ou está mudando a visão, a escala de valores e os interesses do homem hodierno. Interesses e valores que não tem mais como ponto de referência o passado (“sempre é belo!”); não a tradição, mas o projeto (pessoal, comunitário...); não a fidelidade a um passado, mas a emergência contínua. Conceitos como “para sempre”, “definitivo”, “perpétuo” (sobre os quais se apóiam tantos aspectos da nossa vida: valores imutáveis, dogmas eternos, moral objetiva, votos perpétuos, compromisso para sempre...), desapareceram. A única coisa “estável” é o fato que tudo muda e pode, ou até mesmo deve mudar. Estamos na assim chamada “vida líquida”, ao “consumo, portanto sou” (Z. Bauman). “Tudo é possível, nada é certo”; portanto, melhor contar com as forças do homem do que sobre a fé em Deus: o que leva à secularização radical da sociedade, à falta de raízes não somente religiosas mas também culturais claras, ao novo paganismo de tanta gente que não é nem mesmo atea, mas simplesmente indiferente, desinteressada de tudo o que não seja imediato e possivelmente prazeroso. O resultado de tudo isto é a fragmentação da mentalidade precedente e a desintegração da atual, ao pluralismo total; o que pode levar como reação, tanto aos vários fundamentalismos, quanto à instabilidade da pessoa, a sua superficialidade e conseguinte fragilidade e vulnerabilidade, ao prolongar-se da imaturidade humana, a fuga no individualismo e no relativismo... Uma verdadeira crise ou “revolução cultural”, seguramente mais radical e sobretudo mais rápida de tudo o que significou a Revolução Francesa (1789).

De qualquer forma, isto não quer dizer absolutamente que neste momento histórico tudo seja negativo, antes, esta situação nos impele ao encontro com o

outro, ao respeito recíproco, ao diálogo, à tolerância, ao sentido de fraternidade universal, à amizade, à festa, à superação de tantas ditaduras ideológicas ou políticas, tantos mitos e falsos ídolos, uma nova consciência social; à avaliação do valor das pequenas coisas, simples, cotidianas...

Não esqueçamos pois, que a palavra “crise” etimologicamente não tem um sentido negativo. Vem do verbo grego “krinein” que significa “discernir”; portanto, “crises” quer dizer “discernimento”, que uma situação mudou e ainda precisa discernir o que é positivo e aquilo sobre o que poder insistir, e o que é negativo e procurar evitá-lo. Em chinês, a palavra “crises” é representada por dois ideogramas que significam “perigo” e “oportunidade”. Um momento de passagem, uma bifurcação que, claro, supõe um risco, mas também uma oferta de crescimento: como a crise adolescencial é chamada a desembocar na maturidade, e a crise da meia idade na sabedoria da terceira idade.

2) Nesta situação, como está evoluindo a VR?

É difícil, para não dizer impossível, querer simplificar: se risca muito a parcialidade e, portanto, a inexatidão. Mas, tanto para nos entender, podemos dividir a situação da VR mundial em três grandes blocos: o mundo ocidental, o mundo ex-comunista e o chamado terceiro mundo.

1. Com referência ao *mundo ocidental*, podemos dizer com uma imagem bíblica que nos encontramos *entre o deserto e a nova criação*. Em particular na Europa, mas mais generalizado no mundo ocidental (América do Norte, Austrália, Nova Zelândia), nos encontramos imersos no secularismo, a busca frenética de felicidade-edonismo e de liberdade a todo custo (cf. VC 85-92). A situação atual, pois, de crise econômica e por sinal de recessão pode levar a graves tensões sociais mas também a um repensar a situação precedente, feita de desenfreado consumismo, em favor de uma maior sobriedade e retorno a certos valores como a família, o altruísmo...

No âmbito da VR ocidental temos um progressivo envelhecimento dos consagrados e poucas novas vocações. Diante desta situação, três interesses estão surgindo há alguns anos entre os jovens e também entre os adultos:

1) Em favor da dimensão contemplativa da VR, seja nos Institutos propriamente contemplativos, seja naqueles apostólicos e não poucas novas fundações; superação do ativismo e renovado interesse para a oração, se bem – no que se refere a esta última – frequentemente é um interesse que resta teórico (desejos, leituras, conferências...), porque raramente se torna homens ou mulheres de profunda oração (como aquelas pessoas que querem emagrecer, se informam sobre todas as dietas imagináveis, mas perseveram somente por alguns dias ou nada mesmo);

2) A inserção no meio do povo, viver em meio ao povo, se bem que à vezes mais que de imersão se trata de quere se fundir e desaparecer no meio dele;

3) O desejo de servir os últimos, não obstante que mais de uma vez se resume em alguma coisa de teórico (a sua vida pessoal continua a ser de pequeno burguês) ou em experiências pontuais e a breve tempo (alguma semana ou mês durante o verão...).

Interessante justíssimos e preciosos, se evitem o perigo de cair no intimismo, no individualismo e no desejo, mais ou menos inconsciente ou manifesto, não tanto de se encarnar quanto – diziam – de se dissolver na massa, de desaparecer.

Como consequência destas tendências, não poucos jovens religiosos não têm interesse nas grandes obras herdadas dos seus predecessores e no eficientismo dos outros temos; mas, antes, nos grupos pequenos, em ser sinal e testemunho, fermento na massa, próximos a pessoas concretas, mais interessados no *ser* do que no *fazer*. É preciso ter presente quando se busca rever as obras do Instituto: quais fechar, quais renovar ou potencializar e quais criar.

De vez em quando se encontram também jovens (em meio a tantos que são maduros de cheios de entusiasmo) ricos, de condição econômica boa, com personalidade humanamente pobre, frágil e uma ainda mais frágil e inconstante vida espiritual; ou aqueles que encontram ideias fascinantes e atitudes pré-conciliares (de hábitos estranhos – e em Roma, onde existe de tudo, os vemos bem freqüentes – fiquem certos que são novas fundações). Mas, tudo isso acontece também entre os adultos e os idosos, como entre religiosos não ocidentais.

Enfim, devido à crise destes anos, há em não poucas Congregações um grande vazio geracional: falta a geração de meio, os de quarenta a cinquenta anos. O que significa que se encontram em comunidade “avôs” e “netos”, sem “pais”, mas, não algum avô e muitos netos, como nas famílias, antes, algum neto e muitos avôs, o que torna a situação mais um tanto “inatural”. Esta realidade torna particularmente difícil o caso dos jovens deixados sós ou quase em uma comunidade de religiosos mais ou menos idoso: o buscam de colocar-se de alguma forma, em contato com outros coetâneos ou se torna para eles muito difícil perseverar. Há, enfim, religiosos de trinta, quarenta ou cinquenta anos (ou também mais) que continuam a ser os “jovens” da Província ou do Instituto, falsificando a realidade, visto que os jovens enfim não existem mais, pelo menos do ponto de vista cronológico.

2. No *mundo ex-comunista* ou no que o poder comunista está evoluindo (partido único, falta de liberdade de expressão, uma economia capitalista), podemos dizer que *depois do martírio, apareceram ambiguidades e a vontade de ser e de contar*.

Os religiosos que reapareceram lá, depois do desmoronamento da URSS (1989ss), levavam consigo uma carga de sofrimento e até de martírio que foi um exemplo para todos os outros. Mas, tiveram que se atualizar depressa, procuran-

do não perder os próprios valores e as próprias raízes e sem pretender imitar os defeitos do Ocidente que os estava invadindo com prepotência. Trabalho não fácil porque os idosos queriam, talvez retornar à mentalidade e às grandes obras de antes do comunismo; aqueles que tinham vivido sempre sob o comunismo não tinham nunca experimentado a vida em comum, a economia única, etc.; e os novos que entravam, pensavam e queriam agir simplesmente como os seus coetâneos ocidentais. Foi, e é ainda agora, o momento do diálogo e da ajuda recíproca, porque todos temos que aprender dos outros. Ninguém tem “o” modelo válido para todos. Certos “messianismos”, de um lado ou de outro, se demonstraram, com a prova dos fatos, errados.

Neste contexto, é importante não esquecer que as gerações, nascidas ou vividas sob o comunismo, estão desaparecendo, e está se impondo cada vez mais a geração que não conheceu aqueles dramas; uma geração filha da realidade pós-comunista e neo-liberal, que tem outras aspirações e outros problemas, muito semelhante de fato ao resto do mundo; mas que nos chegou ou está chegando muito depressa, sem aquele processo lento e progressivo tido em outros lugares.

3. No que se refere ao *terceiro mundo*, as situações são extremamente variadas e ainda mais difícil falar em geral, visto que encontramos em tantos lugares uma situação semelhante àquela ocidental e em outros, muito diferente. De qualquer modo, podemos dizer que aí nos encontramos geralmente entre *vitalidade, criatividade e necessidade de solidariedade*.

Com efeito, aqueles que nas grandes cidades correm riscos muito semelhantes, se não propriamente iguais, àqueles do mundo ocidental. Os outros (mas, não poucas vezes nos grandes núcleos urbanos) vivem uma realidade de grande inserção entre o povo simples e de verdadeira preocupação e serviço aos pobres, com algumas exceções. Às vezes, de fato, se encontram religiosos, sacerdotes e formandos (da América Latina, África ou Ásia), que vivem segundo um nível de vida e de pretensões plenamente burguesas, esquecidos dos pobres dos seus países de origem. Pensa-se àqueles a quem não falta nenhum dos encontrados mais sofisticados da técnica moderna, ou que fazem longas e repetidas viagens turísticas pelo mundo, graças às esmolas dos seus fiéis pobres ou de algum rico da sua paróquia ou do primeiro mundo (em Roma – e não somente! – se vê de tudo!). Tem alguém destes que fala dos seus pobres e critica os ocidentais de serem desfrutadores. Há, porém, no terceiro mundo, tantos religiosos que estão dando a sua vida pelos outros em zonas pobres, sem fazer propaganda e sem grandes ajudas externas, porque a imprensa ou a televisão não fala disso; verdadeiros heróis e santos (algumas vezes também o martírio!) dos nossos tempos.

Enfim, seja no terceiro mundo, seja no ex-comunista e ocidental, é muito urgente cuidar bem da formação inicial e permanente dos candidatos, e cuidar de enrobustecer as pessoas para ajudá-las a perseverar. Não são poucos, infelizmente, os que, depois de alguns anos às vezes de grande e generoso empenho apostó-

lico, abandonam tudo. Fica claro que é preciso dedicar tempo e pessoas para as pessoas, e sem se deixar levar pela pressa devida à urgência de preencher algum vazio nas obras apostólicas!, se não queremos perder o maior tesouro que temos: as pessoas; sem elas, todos os planos apostólicos ficam na teoria, papel impresso. Como dizia sabiamente o documento PdC 18f, num tempo apressado como o nosso, precisamos mais do que nunca de tempo; num tempo escravo da rapidez e superficialidade, precisamos de serenidade e profundidade, porque na realidade se constrói muito lentamente: eis a contraditoriedade da situação social e cultural em meio à qual nos movemos.

Tudo isto comporta que, no processo formativo, é preciso ser pacientes mas também exigentes, sobretudo no que se refere a certos valores fundamentais, como: o sentido de responsabilidade, o altruísmo que faz sentir mais felizes em dar do que receber, a constância, a simplicidade e até mesmo uma certa austeridade de vida, a disponibilidade à renúncia, o espírito de oração, a capacidade de fraternidade, de estar juntos e de acolher o que a comunidade (local, provincial, geral) e quem a preside legitimamente decidem, disponibilidade à missão do Instituto (e não somente da Província de origem), não último o necessário – sobretudo (não unicamente) nos anos da formação inicial – acompanhamento espiritual... Em conseqüência, em nível de planos e projetos do Instituto, tem uma importância decisiva a formação dos formadores (“a construção dos construtores”, como dizia Paulo VI); religiosos, humanamente e espiritualmente suficientemente maduros (o que não quer dizer, perfeitos), na medida do possível preparados, também nas ciências humanas (pedagogia, psicologia...), mas sobretudo em nível de conteúdos carismáticos que devem transmitir; formadores, além disso, que sejam disponíveis aos formandos, não sobrecarregados por outros compromissos: numa Província, ser formador é um cargo-missão fundamental (entre os mais importantes, se não a mais importante), porque é aquele que tem dia após dia nas suas mãos os novos candidatos, isto é, o futuro da Província e do Instituto.

3) Os traços da VR sobre os quais insistir porte seguramente têm um futuro

Como a VR deve ser hoje testemunha de Cristo, olhando para um futuro no qual já estamos? Podemos assinalar alguns pontos sobre os quais meditar e nos examinar, sem a pretensão de querer sermos exaustivos.

3.1. Não se volta para trás. O novo já está entre nós

Devemos convencer-nos que, conosco ou sem nós, a história continua andando. Isto faz experimental cada vez mais a progressiva internacionalização, mundialização e a conseqüente interculturalização da VR, que continuará em rit-

mo até mais acelerado. A consequência é que cada vez mais os problemas devem ser enquadrados e resolvidos tendo presente o aspecto mundial e as várias situações culturais, e não tanto segundo o país de origem do Instituto.

Em muitos Institutos estamos diminuindo de número, do ponto de vista global. Em algumas áreas se prevê um progressivo e decisivo envelhecimento que as novas levas não conseguem fazer diminuir; atenção!, porém, infelizmente, também em alguns países do terceiro mundo nos quais pouco tempo atrás existiam e ainda existem suficientes vocações iniciou uma curva descendente, seja porque diminuem os que entram, seja pelos problemas de perseverança entre os que já tinham se comprometido.

Isto nos fará (nos faz já!) descobrir ou redescobrir alguns valores que tínhamos perdido ou esquecido: a escuta dos jovens (como já recomendava São Bento na Regra) porque menos condicionados por histórias passadas; o dom que supõe a sabedoria e a experiência dos idosos, que não são de por nada inúteis ou incômodo peso econômico; a capacidade de discernir e decidir entre as obras a serem fechadas, as a serem renovadas e/ou potencializadas, e aquelas a serem iniciadas, levando em conta as possibilidades e os sinais dos tempos; em consequência também, a importância crescente da colaboração com os leigos, que enriquece os religiosos, os livra da burocracia, e os impele a preocupar-se pela formação desses leigos, em particular daqueles que desejam colaborar, não somente materialmente, mas sobretudo, carismaticamente com o Instituto, ampliando o horizonte do mesmo para um conceito de “Família carismática”, do qual o Instituto se torna o coração, não o todo.

3.2. O risco hoje: não a diminuição numérica, mas a mediocridade

É verdade que na VR atual existe tanto heroísmo, religiosos que vivem coeherentemente e alegremente a sua vocação, e por isso devemos agradecer a Deus, porque é verdadeiro! Mas, em meio a esta consoladora realidade, é também verdadeiro que o grande perigo da VR hoje, como nos lembrava João Paulo II, não é tanto a diminuição numérica, mas depende de deus e de tantos fatores históricos e humanos, quanto a qualidade. Em outras palavras, a verdadeira espada de Dâmocles é a mediocridade (cf. PdC 12d), a falta de radicalismo evangélico, o emburguesamento, a mentalidade consumista (não poucos religiosos, também entre os jovens, seja no primeiro ou no terceiro mundo, vivem segundo um nível de vida e com pretensões que tem pouco a ver com a pobreza professada ou a situação de voa parte dos seus conacionais), o individualismo (o novo ídolo da “minha” realização pessoal), a ambiguidade... existe mais diálogo do que antes, mais formação (embora às vezes é mais informação sobre tantas coisas secundárias que formação), mas também uma vida de oração frequentemente carente, tanta atividade além do fato que alguns não fazem nada ou muito menos do que poderiam fazer (embora não devemos confundir o “apóstolo” com aquele que

simplesmente se move ou gira muito!); existe, além disso, um vírus que circula na vida de alguns indivíduos e até da comunidade: o da falta de alegria pela própria vocação, um vírus mortal quanto encontra jovens entusiastas e generosos; indivíduos tristes, resignados (para onde iriam se não fossem embora?)

É hora de não perder o tempo em questões secundárias, de olhar o essencial, aquilo que é verdadeiramente importante. Sabemos como dever sermos sal da terra (cf. *Mt 5, 13*); mas, não se serve tanto para dar sabor ao alimento, o importante é que não seja insosso. Devemos ser fermento na massa (cf. *Mt 13, 33*); mas, basta uma pitadinha de fermento para fermentar, se é aquele certo. Somos uma semente (cf. *Mt 13, 31-32*); basta uma pequenina e boa que poder fazer nascer e crescer uma árvore grande. Querendo agora sintetizar as características sobre os quais insistir a VR para ser fiel ao hoje e ter (merecer) um futuro, levando em conta as necessidades da igreja e da sociedade, poderíamos assinalar os seguintes, sob forma de uma espécie de “decálogo”:

1) A primeira e fonte de todas as outras: a insistência sobre a primazia de Deus, a busca apaixonada do Absoluto na vida do homem e do cristão, testemunhas que arriscam o sentido da sua própria vida em favor da saudade de Deus, como *resposta* as secularismo, à preguiça intelectual, à cômoda indiferença, o ceticismo e a superficialidade; a afirmação do ser sobre o fazer, testemunhando que o homem vale mais do que pode produzir, porque vale por si mesmo, porque é filho de Deus. Portanto, a vida de fé, como consequência inevitável, a vida de oração: *homens e mulheres de Deus*.

2) A fraternidade e solidariedade, sendo construtores pacientes, incansáveis, de comunhão, como *resposta* ao individualismo, ao egoísmo, à violência, a toda injustiça e massificação, à escravidão da super-estruturação social, à passividade e ao comodismo. Portanto, *a vida fraterna* (cf. VC 91-92).

3) A simplicidade e até mesmo a frugalidade de vida, no respeito à criação, como *resposta* à tendência louco para um consumismo desenfreado, destruidor da criação e fator de desequilíbrio econômico-sociais (cf. VC 89-90). Portanto *a austeridade de vida*.

4) A humildade juntamente com a coragem: a humilde coragem e o espírito de serviço, como *resposta* ao desejo de poder econômico e de domínio político sobre os outros, e às não raras tentações do triunfalismo e de poder também no âmbito eclesial (em particular, o eclesiástico). Portanto não ter medo, e tanto menos vergonha, de *ser aquilo que somos*, interiormente livres: “homens livres..., servos de Deus” (*I Pd 2, 16*), “prontos sempre para responder a quem quer que peça razões da esperança que está em vós; todavia isto seja feito com doçura e respeito...” (*I Pd 3, 15-16*).

5) A gratuidade, longanimidade, como *resposta* ao implacável e frio, sem piedade espírito de contrato (*do ut des*) e de desfrute do outro. Portanto, *si-*

nais do perfume superabundante de Betânia, em uma sociedade que corre o risco de se sufocar no efêmero (cf. *Jo* 12, 1-8; VC 104-105).

6) A cordialidade, magnanimidade e misericórdia, como *resposta* à oficialidade, às relações tecnicistas, despersonalizadas, convencionais, “computadorizadas”, frias e distantes. Portanto, *bons samaritanos* (cf. *Lc* 10, 25-37; 6, 36), *modelos de proximidade e ternura*.

7) O espírito de reconciliação sempre possível, sempre oferta, como *resposta* às tensões e às odes velhas e novas (entre famílias, povos, etnias, classes sociais, tribos, castas, grupos e regiões, culturas e religiões). Portanto, *espírito de abertura universal, de diálogo a todo campo*.

8) A humanidade, a acolhida, a atitude de disponibilidade para com todos, a começar pelo “pequeno” (cf. *Mt* 25, 31-46) e daquele da porta ao lado; convictos de que é mais importante construir pontes do que muros. Como *respostas* à despersonalização econômica, tecnológica e tecnocrata. Portanto, *testemunhas de humanidade*.

9) A alegria de viver, a alegria pela própria vocação, fruto da fé na esperança e na força do amor, com *resposta* à insatisfação, ao espírito de resignação, à tristeza e a um certo “*taedium vitae*” que pode levar, entre outras coisas, a buscar refúgio no álcool, na droga, na dupla vida (também entre os religiosos e as religiosas), consequência de uma sociedade imanentista, e edonista (cf. VC 88). Portanto, *testemunhas do amor à vida* como dom do Deus da vida (cf. Gn 1-2; Dt 30, 19-20; Sl 11, 23-26), malgrado as dificuldades; amor à vida que nos torna *testemunhas da alegria simples e madura* (cf. VFC 28), porque Deus está conosco todos os dias até o fim dos tempos (cf. *Mt* 28, 20); porque sabemos que onde abunda o pecado, superabunda a graça (cf. *Rm* 5, 20). E se Ele está conosco, que poderá contra nós (cf. *Rm* 8, 31)? Por isso temos medo (cf. Sl 27).

10) A profundidade, mãe da sabedoria e fruto da maturidade humana e espiritual; e, na medida do possível, a preparação e a qualificação cultural, com uma vida unificada por dentro, como *resposta* à superficialidade, a uma atitude acrítica e banal, feito por slogans publicitários, modos, navegação na internet e televisão. Portanto, *modelos de seriedade e competência nos próprios campos*.

Em poucas palavras, o religioso hoje, deve ser, mais do que nunca cristão que coloca o acento em particular: 1) na centralidade de Deus, na sua Palavra e na vida de oração, 2) a fraternidade, 3) a simplicidade, a autenticidade e também pela austeridade de vida, que o leva instintivamente à proximidade para com os pobres e os necessitados de todo tipo no nosso mundo. Homem/mulher de Deus, rica/a em humanidade. Com uma identidade humana, crista e carismática, clara e bem definida, uma vida bem centrada, alegre de existir e de se abrir para os outros (cf. *At* 20, 37; *2 Cor* 9, 7; *Rm* 12, 8). E, a sorrir sempre o tar feito quem sabe que estudos e alcançado que graus; mas, que sabe o que diz e o que pensa: se é preparado, quem pensou, o entende (até mesmo com uma certa profundidade

cultural), e sobretudo que se esforça de vê-lo. Se pois, pôde se preparar, também cientificamente, tanto de ganho; de qualquer modo, sabe muito bem que não serão as láureas ma a sua vida a convencer os outros. Testemunha, não de não ter dificuldades, mas serenidade no profundo, pacificado, sério, positivo, alegre, profundo e simples ao mesmo tempo. Um religiosos assim não pode não atrair a atenção no mundo de hoje, e ser apóstolo também sem se dar conta porque dele tem necessidade o mundo; e não precisa fazer propaganda: serão os outros a fazer isso para a gente! (VC 63d, 64c, 93f).

3.3. A responsabilidade recíproca

Nestes últimos decênios, depois do concílio, devido também ao fato da queda de certas estruturas, cresceu a relação interpessoal em comunidade. Às vezes antes, se duas pessoas não queriam conversar, o recolhimento e o silêncio podiam dissimular ou quase “justificar”, hoje, se percebe logo e se torna injustificável.

Como consequência, não podemos esquecer que, sendo parte de uma comunidade, cada dum deve se sentir responsável pelo outro. Isto significa que a fidelidade do coirmão à sua vocação e missão depende também dos outros membros da comunidade. Fomos chamados por Deus para estarmos juntos, para crescermos juntos, para seguir Cristo juntos; eis a origem desta recíproca responsabilidade: se meu irmão tem dificuldades, tem o direito de ser ajudado pelos outros, e nós a obrigação de lhe dar uma mão; assim como eu tenho o direito de ser ajudado e os outros a obrigação de me dar uma mão. A profissão religiosa é um compromisso entre Deus, a Igreja e a Congregação representada pela comunidade local e o próprio religioso; ninguém está dispensado desta atitude de fraternidade.

Num tempo em que tantas pessoas, incluindo os religiosos, vivem uma situação humana e espiritual de fragilidade, somos impelidos a viver mais intensamente do que nunca esta disponibilidade mútua. Se dizemos aos esposos, às famílias, à sociedade, de estarmos abertos a ajudar-nos uns aos outros, devemos ser os primeiros a dar o exemplo disso. Se, pois, um coirmão vive um período de crise e abandona o Instituto, precisa que cada um examine a si mesmo, se tinha oferecido ao coirmão a ajuda e o amor necessários, ou ao invés, o tinha marginalizado, isolado, abandonado; e aquele que está em dificuldade, ou se vai, deve perguntar se deixou-se ajudar. Deus nos confiou uns aos outros: é uma maravilhosa e grande responsabilidade. Dizia sabiamente a este respeito um texto recente:

“A qualidade da vida fraterna tem uma forte incidência também sobre a perseverança de cada religioso. Como a escassa qualidade de vida fraterna foi frequentemente a vilã da motivação de não poucos abandonos, assim a fraternidade vivida constituiu e ainda constitui um válido suporte à perseverança de muitos.

Numa comunidade verdadeiramente fraterna, cada um se sente corresponsável da fidelidade do outro; cada um dá a sua contribuição para um clima sereno de partilha de vida, de compreensão, de ajuda recíproca; cada um está atento aos momentos de cansaço, de sofrimento, de isolamento, de desmotivação do irmão, cada um oferece o seu apoio a quem está entristecido pelas dificuldades e pelas provações.

Assim a comunidade religiosa, que sustenta a perseverança dos seus componentes, adquire também a força de sinal da perene fidelidade de Deus e portanto de sustentação à fé e à fidelidade dos cristãos, imersos nos acontecimentos deste mundo, que sempre menos parece reconhecer os caminhos da fidelidade” (VFC 57).

Deus se torna presente no irmão que uma mão. Lembremos que tanto Judas quanto Pedro foram tentados, ambos traíram o Mestre, ambos se arrependeram; mas, enquanto Judas ficou sozinho e se enforcou (cf. *Mt* 27, 3-5), Pedro voltou à comunidade e foi salvo pelos irmãos que o acolheram; e depois da ressurreição Jesus lhe confirmou o ministério de chefe da comunidade, malgrado a sua traição (cf. *Jo* 21.15-17). Tomé não encontrou Jesus ressuscitado porque não estava com os irmãos; o viu oito dias depois, estando com eles (cf. *Jo* 20, 19-29). A Saulo, no caminho de Damasco, foi dito pelo Senhor para ir aos irmãos para saber o que fazer (cf. *At* 9, 5-6; 22, 10). Aquele que nos chamou para segui-lo com os irmãos, não nos dará a perseverança sem a comunidade.

3.4. A atitude certa a ser tomada diante das dificuldades atuais

Qual é, então, a atitude certa a ser tomada diante das dificuldades e possibilidades atuais? Seguramente não o medo, mas a confiança, a coragem, a humildade e a pobreza evangélica, o abandono em Deus Pai sempre providente. Certo, fácil é dizer, difícil é viver quando talvez se constate que, não obstante todos os esforços e renovações, tanto sinceridade e fidelidade, não se consegue ter mais tantas vocações. O que demonstra, orem, que se um Instituto, Província ou comunidade, não tem vocações ou tem poucas, não é sempre devido à falta de oração e fidelidade!

A Igreja, o Instituto, não são uma empresa, mesmo se depois acrescentamos “apostólica”, não são um espécie de multinacional do produto cristão...; mas, uma comunidade de fé cujo “dono” é Deus, e cujo “capital” responde aos Seus planos, não aos nossos, e não é obrigado a fazê-los conhecidos de antemão (cf. *Is* 55, 9-11; *Jo* 3, 8; *Rm* 11, 33-35). Não nos permite de programar a Sua liberdade, mas sim de estar de qualquer modo à Sua disposição. Tentemos sempre de espiar Deus, as Suas intenções, e possivelmente reprogramar-lhe a nosso modo... a fonte inesgotável, ao invés, da nossa paz (não importa como andam as coisas humanas) é que sabemos que Ele está sobre o barco, mesmo que não saibamos até que ponto deixará

que a água entre, e quando finalmente se levantará para acalmar os ventos e a tempestade, se o fará (cf. *Mt* 8, 23-27). Sabemos que ao longo do caminho para Emaús, ele está conosco; mas, às vezes fica difícil para nós reconhecê-lo (cf. *Lc* 24, 13-35). Sabemos que onde estão dois ou três (não são necessariamente muitos!) reunidos no Seu nome, Ele está no meio deles (cf. *Mt* 18, 20), também quando não o vemos e temos a impressão que a cadeira reservada a Ele tenha ficado vazia. Algumas vezes o esperamos no vento impetuoso ou no terremoto, e em vez disso, prefere passar no momento de um vento leve (cf. *1 Re* 19, 9-14). Gostaríamos de ser muitos, Ele, em vez, querendo, bastam poucos (cf. *Jz* 7, 1-8). Deve bastar para nós saber que Ele está conosco “todos os dias, até o fim do mundo” (*Mt* 28, 20); e que o último responsável de como vão as coisas não somos nós, mas sempre Ele.

3.5. Ampliar os horizontes

Como dizíamos há pouco, Deus não é obrigado a seguir os nossos planos, projetos e programas. Ele espera, claro, que façamos a nossa parte; mas que depois nos deixemos serenamente surpreender! Deus age onde quer, quando quer e como quer. Respeitemos a Sua liberdade!

Isto significa (e devemos tirar as consequências) que é mais importante o Reino de Deus que a Igreja, a Igreja que o Instituto, o meu Instituto que a minha Província ou comunidade. A exortação “*Vita Consecrata*” tem afirmado e repetido que a vida consagrada existirá sempre na Igreja, mas não necessariamente em cada uma das suas formas (cf. VC 3b, 29b, 63c). Por fim, a história o demonstra continuamente. Muitas formas, de fato, não desapareceram, algumas pela degeneração e perda do espírito, outras não obstante a santidade e heroicidade de tantos dos seus membros. Também aqui é válido o princípio evangélico: “Não julgueis!” (*Mt* 7 1), “não fazei justiça por vós mesmos, caríssimos, mas deixai que Deus faça” (*Rm* 12, 19). Se existe alguém que está crescendo na Igreja, alegremo-nos sinceramente (cf. *Rm* 12, 15; *1 Cor* 12, 26), o resto é inveja; talvez Deus quer (e isto é o que verdadeiramente nos deve interessar) que um cresça e outro diminua (cf. *Jo* 3, 30). Paulo se alegra quando alguns, movidos pela inveja, proclamam o Evangelho; gostariam com isto de fazer despeito ao apóstolo, e ele, em vez, se regozija disso porque não quer outra coisa senão que o Senhor seja anunciado (cf. *Fl* 1, 12-18). O que importa é que, quer vivamos, quer morramos somos do Senhor, porque ninguém vive por si mesmo e ninguém morre por si mesmo (cf. *Rm* 14, 7-9).

3.6. A assim chamada “*ars moriendi carismática*”

Para o cristão é fundamental aprender a morrer segundo o Espírito. Também este é um sinal de maturidade humana, não menos que um carisma, um dom de Deus, não uma tragédia. A história nos ensina que os grupos, como os indivíduos, nascem, crescem e mais tarde ou mais cedo morrem. O Espírito não nos suscitou na

Igreja para sobreviver, mas para levar a termo uma missão. E não esqueçamos que, na família, o fato que venham os filhos depende da vontade humana dos pais, são eles a decidir de transmitir a vida física; a vocação religiosa, ao invés, é um dom do Espírito que podemos testemunhar, mas nenhum pode transmitir a um outro.

O problema, pois, não é morrer, mas se é chegada verdadeiramente a hora segundo Deus. Seguindo o exemplo físico, eu diria, que o problema não é a morte “natural”, mas o “suicídio”, o acidente que se podia evitar (os quatro jovens mortos no carro no sábado à noite porque motorista tinha álcool demais no sangue). Não esqueçamos que a comunidade, as Províncias e até mesmo os Institutos, não foram fundados para a autoconservação, mas para o Reino. A nossa fidelidade (se tivemos cuidado a nossa saúde “espiritual”) nos poderá dar a segurança que a nossa morte foi “natural”. Depois de que, saber morrer é um sinal de confiança em Deus, de abandono na Sua vontade Providente, sinal de unidade e verdadeira pobreza evangélica. Aconteceu sempre no passado; está acontecendo a alguns grupos (não somente comunidades ou Províncias) hoje; acontecerá também no futuro: não é nenhuma novidade! O desconcerto é devido ao fato que não somos habituais a morrer; a experiência nos diz que no máximo é sempre os outros que morrem sempre os outros, mas a nós nunca aconteceu até agora...

Esta “ars moriendi” exige evidentemente, com impulso, também uma certa “ars vivendi”: aquela atitude de espírito diante da possibilidade do desaparecimento comporta um certo modo de afrontar a vida e reforça seguramente a nossa fidelidade atual. Quando buscamos dar o melhor de nós e, não obstante isso, se prevê a “morte”, nos deve bastar o sentido da história, a humildade e a fé e o abandono no Pai, Senhor da história e Doador dos carismas (cf. VC 3, 29, 63, 70g) a dar-nos a serenidade e até a alegria necessária. Será um sinal da nossa boa saúde espiritual. Como dizia o ancião Simeone: “Agora pois deixai, o Senhor, que o teu servo vá em paz...” (*Lc 2, 29*); o apóstolo Paulo: “Combati o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé. Agora me resta somente a cora de justiça que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia...” (*2 Tm 4, 7-8*). Não tinha convertido o Império Romano, nem sequer Roma, nem a maior parte dos seus irmãos hebreus; mas, tinha combatido lealmente a sua batalha, aquilo que ele podia fazer.

Por fim, função da Vida Religiosa, nesta peregrinação da Igreja e da humanidade no tempo, não é aquela de querer tudo ou de se crer imprescindível; mas, com humildade e amor, almejar – segundo as próprias características –, lembrar, insistir, sobre Deus, origem, lar e pátria final de todos e de tudo (cf. VC 17-19), ser testemunha profética, em meio aos desafios do nosso momento histórico, da paternidade de Deus e do amor fraterno (cf. VC 84-95).

Conclusão

Certamente Deus continua a estar presente entre nós nesta bifurcação, de modo talvez surpreendente, purificador e criativo. Não ignora as nossas dificul-

dades pessoais e de grupo. Não nos pede milagres, que somente Ele pode fazer; mas, de afrontar o presente e o futuro com uma vida de serena esperança, não ingênua (seria infantil; à vezes há encorajamentos desencorajadores!), melhor dizendo, realista, típica da pessoa madura, e cristã: porque é Cristo, além de tudo, a nossa esperança (cf. *1 Tm 1, 1*).

O futuro da Vida Religiosa não depende do número dos seus membros, do prestígio externo e da eficácia prática das suas obras e instituições, dos cargos sociais ou eclesiásticos dos consagrados... mas, da nossa atenção e acolhida alegre e disponível à voz do Espírito. Não esqueçamos que o Espírito é a nossa força: Aquele que nos fez nascer a Igreja, para a Igreja e para o mundo; mas, é também Ele a colocar-nos em crise e a decretar, se necessário, a nossa morte, se nos tornamos servos que não sabem fazer frutificar os dons recebidos, no momento e no modo certo (cf. *Mt 25, 24-30; Lc 19, 20-26*). Poderíamos citar aqui a famosa frase atribuída a Georges Bernanos: “O Evangelho é jovem, somente vós é que sois velhos!”.

Por fim, não vale a pena perder muito tempo em procurar adivinhar como será a Vida Religiosa no futuro; esforcemo-nos, antes, de vivê-la hoje o mais fielmente possível: é esta seguramente a melhor preparação para o futuro que Deus nos quer dar. Quem sabe, se pedíssemos a Cristo como será o nosso futuro e quantos e como serão os nossos sucessores, Ele não nos responderia antes como a Pedro, a propósito do discípulo amado: “Senhor, e este?”; mas, Ele respondeu: “Que te importa? Tu segue-me!” (*Jo 21, 22*).

P. J. ROVIRA, cmf.

6. Autoridade-Obediência na vida religiosa: A respeito da Instrução “*Faciam tuam*”

Antes de entrar no tema, podemos nos perguntar se a Instrução “O serviço da autoridade e a obediência” (*Faciam tuam, Domine, requiram*” - 11 de maio de 2008) apresenta alguma novidade em relação aos Documentos preparados nos últimos decênios a respeito da Vida Consagrada. Sobretudo tendo presente que este tema foi considerado tradicionalmente “delicado” seja na Igreja em geral, como na Vida Religiosa¹.

¹ Siglas dos documentos que serão utilizados. *Faciam Tuam*: FT; *Ecclesiam Suam*: ES; *Lumen Gentium*: LG; *Gaudium et Spes*: GS; *Perfectae Caritatis*: PC; *Evangelica Testificatio*: ET; *Marialis Cultus*: MC; *Evangelii Nuntiandi*: EN; *Mutuae Relationes*: MR; *Religiosi e Promozione Umana*: RPU; *Codice di Diritto Canonico*: CDC; *Redemptoris Mater*: RMA; *Christifideles*

Segundo o meu parecer, sintetizarei três aspectos que chamaram minha atenção: 1) A contínua repetição que a obediência é devida somente a Deus; todo o resto são mediações, realidade de transição rumo àquela Vontade divina. 2) A insistência sobre o aspecto fraterno-comunitário e a realidade de maturidade humana em que vai ser vivido aquele serviço. 3) Como conseqüência, a consciência dos seus limites seja de quem obedece, seja de quem comanda; e, então, as compreensíveis tensões, dificuldades, até “objeções de consciência”. Tudo isso nada tira à obediência do religioso, ao contrário, a torna mais completa, mais verdadeira, porque humanamente mais madura² e evangelicamente mais cristológica; nem diminui a afirmação que quem possui a autoridade “tenha a responsabilidade das decisões finais”, como já afirmaram os outros documentos (FT 20; cf. 25. PC 14c, VC 43, VFC 50c, RdC 14).

1) Cristo “o” modelo de procura e acolhida da vontade do Pai

O Pai nos deu um modelo visível de como devemos procurar e viver a Sua vontade ao longo da história: Cristo (cf. FT 8). De fato, como afirma a Instrução: “A obediência à sua vontade (do Pai) não é uma atitude que se acrescenta à sua personalidade (de Cristo), mas a expressa plenamente: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jô 4, 34) (FT 23 a). Ele foi o *amém* (cf. Ap 3, 14), o *sim* (cf. 2 Cor 1, 20) perfeito do Pai (FT 23c). Nós fomos chamados a continuar Sua vida “na história, para dar aos outros a possibilidade de encontrá-lo” (FT 23c). Uma obediência que realiza a missão a Ele confiada pelo Pai.

Então, a nossa obediência de discípulos não é outra coisa que a continuação na história da obediência do Filho encarnado ao Pai, “obediência filial” (VC 16c), “filial e não servil..., reflexo da amorosa correspondência das três Pessoas divinas”(VC 21d; cf. 22, 23). Este é o fundamento teológico mais profundo e verdadeiro da nossa vida como cristãos, aquele cristológico-trinitário. Temos que cuidar para não cair no engano de ver a relação autoridade-obediência na Vida religiosa como um fato simplesmente organizativo, prático, sociológico, exigido por eficiência, mesmo tendo uma finalidade apostólica. Por isso parafraseando as palavras de São Paulo podemos dizer que somos membros do Seu Corpo (cf. 1 Cor 12, 12ss; Ef 4, 11-17) e, por conseqüência, a nossa obediência ao Pai se torna verdadeira como a Sua. Neste sentido nós completamos na nossa carne

Laici: ChL; *Catechismo della Chiesa Cattolica*: CCC; *Vita Fraterna in Comunità*: VFC; *Vita Consagrada*: VC; *Fides et Ratio*: FR; *Novo Millennio Ineunte*: NMI; *Ripartire da Cristo*: RdC.

² Fala de fato da “infantil” (FT 25a), e “infantilismo” (FT 20b) e também “paternalismo” ou “maternalismo” (FT 14b) como perigos da evitar.

(na nossa história humana, pessoal ou grupal) o que falta à obediência de Cristo ao Pai, com a ajuda do Espírito, na sua Igreja, por causa do Reino (Col 1, 24), “afim de que o mundo creia” (Jo 17, 21). A obediência de Cristo inaugurou aquela do novo Israel, da nova humanidade, da Igreja e, nela, dos vários grupos ou de cada cristão ao longo dos séculos.

Afinal, perguntamo-nos: em que consiste, o que é esta vontade do Pai que, pelo nosso bem, devemos procurar e levar a cumprimento – como Cristo –, entre os parâmetros da história, do tempo e das circunstâncias em que cada um de nós e como grupo (Congregação, Igreja, humanidade...) nos encontramos? A resposta é: fazer que Ele seja conhecido como o único Santo, assim o Seu Reino histórico e escatológico venha e seja feita a Sua vontade sobre a terra como já acontece no céu (cf. Mt 6, 9-10; Lc 11, 1-2). Reino que se realiza na medida em que se atua o Seu plano de salvação, aquele que no Seu amor infinito tinha pensado desde toda a eternidade em Cristo, em favor da humanidade, e que vai se cumprindo aos poucos ao longo da história, mas a sua plenitude se realizará somente em Cristo na eternidade (cf. Ef 1, 3-14; Col 1, 13-20), quando o Filho entregará tudo ao Pai e Deus será tudo em todos (cf. 1 Cor 15, 24-28). Salvação-Reino que não pode não ser outra coisa que a felicidade e a plenitude do homem na medida do homem perfeito segundo a maturidade de Cristo (cf. Ef 4, 13-16), e que inicia a cumprir-se – esta vontade divina –, antes de tudo, quando o homem crê no Filho que o Pai enviou por amor ao mundo (Cf. 1 Jo 4, 8.16) e nos tornou partícipes desta Sua natureza divina (cf. 2 Pt 1, 4) derramando em nós este amor por meio do Espírito (cf. Rm 5, 5) de modo que a trindade possa vir a nós e fazer morada em nós (cf. Jô 14, 23), entrando assim na sua Comunhão (cf. 1 Jo 1, 1-3); e tudo isto acontece quando nos esforçamos para amar Ele com todas as nossas forças e os irmãos (cf. Mt 22, 37-40) inseparavelmente (cf. 1 Jo 4, 20-21), tendo como ponto de referência invisível a perfeição do amor do mesmo Pai (cf. Mt 5, 43-48) e como ponto de referência visível o modo como Cristo se comportou e em Cristo nos amou (cf. Jô 15, 9-17).

Dito isso, se Cristo é o nosso modelo, qual e como foi a Sua obediência? A Instrução nos dá uma resposta: Cristo se abandonou totalmente ao Pai: “E se na sua paixão se entregou a Judas, aos sumos sacerdotes, aos seus flageladores, à multidão hostil e aos que o crucificaram, o fez só porque era absolutamente certo que cada coisa encontrava seu significado na fidelidade total ao desígnio de salvação querido pelo Pai, ao qual – como recorda São Tomás – “não foi a morte que lhe agradou, mas a vontade daquele que espontaneamente morria”³ (FT 5c).

No Evangelho, a vida de Cristo nos é apresentada como uma experiência de filial comunhão com a vontade do Pai. As suas primeiras e últimas palavras, de

³ S. BERNARDO, *De errore Abelardi*, 8, 21: PL 182, 1070A.

fato, exprimem claramente esta docilidade: “ Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas do meu Pai? (Lc 2, 49); e “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito (cf. Sl. 31,46), eco, na história, daquelas palavras do salmista (cf. Sl 39, 7-9) que o autor da carta aos Hebreus coloca na boca de Cristo desde o início: “ Entrando no mundo, Cristo diz:... Eis-me aqui, eu venho para fazer, ò Deus, a tua vontade” (Hb 10, 5-7).

Este será, de fato, o objeto do terceiro pedido do Pai Nosso: “Seja feita a tua vontade como no céu assim na terra” (Mt. 6, 10), o pedido repetido na angústia do Getsêmani: “ Seja feita a tua vontade, não a minha” (Mt 26, 39.42). Uma obediência entre as dificuldades: “aprender a obedecer pelas coisas que sofreu” (Hb 5, 8). Uma obediência “até a morte, e morte de cruz” (Fl 2, 6-9); isto é, sempre, como o “ alimento” é de todos os dias (Jo 4, 34). E assim poderá dizer na cruz que “Tudo foi consumado” (Jô 19, 30). Ele foi o “sim” do Pai à humanidade (a fidelidade de Deus aos homens), mas também o “ amém “ da humanidade ao Pai (a obediência total) (2 Cor 1, 20; Ap 1, 4-5; 3,14). Uma obediência, dizíamos antes, “filial e não servil, reflexo na história da amorosa correspondência das três Pessoas divinas” (VC 21d).

Uma obediência que se manifesta numa atitude de escuta (FT 5-6) e procura contínua daquilo que o Pai quer: “Quem é de Deus, escuta as palavras de Deus” (Jo 8,47). Então, como verdadeiro homem (GS 22, CCC 470), teve que procurar, discernir, formular, a vontade do Pai, também Ele através “múltiplas mediações humanas” (FT 9a; cf. 11c); e não foi sempre fácil entender, nem cumprir, porque era “semelhante aos homens” (Fl 2, 7), teve que crescer e apreender (cf. 2, 40.52), foi “ provado em cada coisa, como nós, excluído o pecado” (Hb 4, 15). A Sua vida pública, de fato, começa e termina com duas provações que têm como finalidade a sua missão, a vontade do Pai e, então, a obediência: as tentações e a angústia no Getsêmani e na cruz. (cf. Mt 27, 46; Sal 22; 31). É aí que Cristo experimentou a sua “noite”, como diriam os místicos. “Sofreu” e “aprendeu” a obedecer (Hb 5, 8). E é, de fato, na cena do Getsêmani, segundo Mateus (26, 36-46), aonde vemos este processo de discernimento: enquanto no versículo 39 pede para não sofrer, se possível, mas que se faça a vontade do Pai; no versículo 46 está decidido: “Levantai-vos e vamos!”, entendeu e acolheu plenamente a vontade do Pai. “Foi atendido” (Hb 5, 7) não porque não teve que sofrer; mas porque foi ajudado a compreender e a aceitar com decisão. De fato, não subiu a cruz, nem se limitou a aceitá-la com fatal resignação, mas a abraçou positivamente; vendo nela a vontade do amado Pai pesava menos. Isto não significa, como afirma FT 5c, que ao Pai agradou a cruz como tal, mas o amor fiel até as últimas consequências em favor dos homens Seus irmãos do qual o Filho dava prova. Em suma, podemos aplicar aqui quanto afirma São Paulo em relação ao desapego dos bens e até da morte cruenta: não são eles enquanto tais que são positivos, mas o motivo que leva até estas consequências: “Se também distribísse todos os meus bens

e desse o meu corpo para ser queimado, mas não tivesse a caridade, nada me vale” (1 Cor 13, 3)⁴.

Esta é a razão da liberdade de Cristo diante da morte (“Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida porque eu quero. Ninguém tira a minha vida...”, Jo 10, 17-18). E, de fato, na sua obediência ao Pai, Jesus aparece como um homem profundamente livre e independente: livre diante do dinheiro (Mt. 6, 25-33), diante dos homens (Jo 6, 15); 13, 5.4), diante dos poderosos (Mt 26, 62-64; 27, 13-14; Lc 13, 32; 23, 6-12), diante da família (Lc 2, 29; Mc 3, 33), diante do poder religioso e político (Mt 22, 34; 23, 13-32), diante da Lei (Mc. 1, 22; 2, 27-28), diante da morte (Jo 10, 17-18; Mt 26, 36-46).

A obediência de Cristo foi custosa, difícil, dramática (FT 8c), porque humana, e até dar a vida pelas pessoas amadas (Jo 15, 12; Fil 2, 8).; mas, ao mesmo tempo, uma obediência não passiva, uma vida não aceita por força, mas livremente (Jo 10, 17-18), até com alegria, como a mulher afligida antes de dar à luz, mas, ao final, feliz, porque um homem veio ao mundo (Jo 16, 21); e sabemos como Deus ama quem dá com alegria (2 Cor 9, 7), quem cumpre alegremente as obras de misericórdia (Rm 12, 8). Foi, de fato, a liberdade do amor que o impeliu a dar-se totalmente (Gl 2, 20; Ef 5, 2). Uma obediência dura, mas livre e vigorosa, corajosa, porque sobretudo amorosa, que não fez outra coisa que levar “até o fim” (Jo 13, 1), “à morte de cruz” (Ef 5, 2), ao “tudo está consumado” (Jo 19, 30), o amor que tinha para com o Pai se manifestava no amor para com os homens Seus irmãos. Por isso o crucifixo não é simplesmente a imagem da dor e da morte, mas da fidelidade ao amor para com as pessoas amadas, com todas as consequências; uma imagem positiva, de vitória do amor sobre o pecado, da dor e da morte.

2) A Igreja, uma comunhão de obedientes em permanente escuta e discernimento da vontade de Deus

Na vida dos discípulos de Jesus deveríamos perceber a mesma atitude que percebemos nEle. Ele é protótipo, o modelo supremo. Ele mesmo falou: “ Quem faz a vontade do meu Pai, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3, 35). Os discípulos vivem em comunhão com Ele nesta escuta, acolhida e vivência da vontade do Pai; assim começam a fazer parte da Sua nova “família”, do novo Israel. A nova família, de fato, é constituída por “aqueles que escutam a palavra de Deus e a colocam em prática” (Lc 8, 21): escutar a praticar são os dois elementos dos “ familiares” de Cristo (FT 8c).

É neste sentido, comum a todos os que creem, que vai ser entendida a relação de obediência na Igreja; esta é a obediência requerida ao longo de todos os

⁴ Diz Santo AGOSTINO: «Martyres non facit poena, sed causa» (*Enarr. in Psal. 34, 13*).

séculos. A obediência que precede, fundamenta e explica não somente a obediência do religioso ao seu superior, mas também aquela de cada pessoa que crê às exigências internas da comunidade eclesial, incluída a obediência a quem tem o ministério de guiar o povo cristão, a Hierarquia.

Por isso, a Igreja não se divide entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem, porque a verdade é que todos obedecem; toda a Igreja segue seu esposo, o Senhor Jesus, na escuta e cumprimento da vontade do Pai, com a ajuda do Espírito. Cada cristão, pois, vive a obediência segundo as características de sua vocação; os religiosos, neste contexto, têm o seu modo, diferente segundo cada Instituto. Por isso não é indiferente seguir a Cristo num modo ou num outro; mas cada um deve procurar qual seja a “sua vocação”, isto é, a vontade de Deus em relação a ele, e acolhê-la com alegria, amor e fidelidade. Uma obediência que não é opressiva, mas libertadora (FT 5-6; VC 91), porque Deus é amor (1 Jo 4, 8.16) e, então, não pode não querer o maior bem de todos e de cada um quando no oferece o dom de uma vocação concreta (Jo 3, 17; 12, 47; Rm 8, 28; 1 Tm 2, 4; 2 Pd 3, 9). Vocação, enfim, que para aquele cristão não pode ser melhor ou superior a todas as outras, porque é a vontade de Deus em relação a ele.

A obediência de cada um ao Pai acontece no âmbito da comunidade eclesial e, então, tendo em conta o que significa não somente a relação pessoal fundamental entre Deus e sua consciência, mas também a relação com os outros irmãos e irmãs na Igreja neste caminho feito juntos rumo a Deus. Em outras palavras, a nossa obediência ao Deus invisível acontece também no âmbito da Sua comunidade visível, a Igreja, assim como o amor a Deus que não se vê é verificado no amor ao irmão que se vê (1 Jo 4, 20-21). Mais ainda, se o núcleo da vida cristã é a caridade (Jo 15, 12-17), porque Deus é assim (1 Jo 4, 8.16), o exercício/serviço da autoridade e da obediência na Igreja não pode ser outra coisa que o estilo de viver a caridade, o amor fraterno, “afim de que o mundo creia” (Jo 15, 12-17; 17, 11.21-26); e, vice-versa, seja o serviço da autoridade como da obediência será cristão na medida em que seja a expressão da caridade. É a caridade a prova de sua autenticidade evangélica, porque: “O amor não faz nenhum mal ao próximo: pleno cumprimento da lei é o amor” (Rm 13, 10; 1 Cor 13); “acima de tudo esteja a caridade, que o vínculo da perfeição” (Col 3, 14).

“Acima de tudo”, então, também acima do desejo de manter uma ordem meramente externa, uma determinada “política eclesial”, ou uma certa imagem da Igreja a ser salva. A razão é que Deus, que é “a” Verdade (Jo 3, 16; 14, 6), define a si mesmo como caridade (cf. 1 Jo 4, 8.16). A caridade é então já “a” verdade, porque é participação em Deus (cf. 1 Jo 4, 7-8.12-16). Por consequência, exigir – como mais de uma vez aconteceu em nível de pessoas ou de grupos – de defender a verdade cristã em detrimento da caridade, seria simplesmente uma contradição; uma tal verdade se autodestruiria. Não existe caridade sem verdade, nem pode existir verdade sem caridade. De fato,

enquanto podemos nos salvar com a caridade sem conhecer a verdade revelada, não é possível nos salvar com a verdade revelada se não temos a caridade (cf. Mt 25, 31-46; Lc 12, 47-48; 1 Cor 13; Tg 2, 14-26; veja-se também: LG 14-16, CCC 839-848).

O exercício da autoridade e da obediência na Igreja procedem, portanto, do amor (comunhão), são a sua manifestação e, vividas de maneira cristã, levam seguramente ao intensificar-se da comunhão (cf. 1 Jo 1, 1-3; veja-se também: ChL 32, VFC 58, VC 46a). Em consequência, a autoridade será tanto mais verdadeira (cristã) quanto mais, nesta busca e cumprimento da vontade de Deus, o seu exercício seja impelido pela caridade, motivado pela caridade, em favor da caridade, sinal de caridade e leve a uma vivência mais profunda da caridade; com outras palavras, quanto mais atue a participação eclesial no ágape do Pai, graças aos mistério pascal de Cristo e à ação do Espírito (cf. Jo 17, 11-21; 1 Jo 4, 8.16; Rm 5, 5; 2 Pt 1,4), tornando-se assim imagem até visível «da amorosa correspondência das três Pessoas divinas» (VC 21d).

Eis porque o elemento-base, como também finalidade, mais do que todos os outros, é a comunhão (cf. 1 Jo 1, 1-3); e é, portanto, em comunhão que os discípulos escutam, discernem e fazem a vontade do Pai. Na Igreja, depois, existem tantos dons dados pelo Espírito (cf. Rm 12, 3-8; 1 Cor 12-14; Ef 4-5); entre estes, aquele da autoridade hierárquica, que deve poder ser exercitado precisamente porque é dado pelo Espírito para o bem comum. Um corpo é composto por tantos membros diferentes, cada um com a própria tarefa, nenhum inútil; a autoridade é um destes, essencial ainda que não único. Mas, também a obediência é um dom, um serviço para a comunhão e para a autoridade. Serve-se procurando, escutando, discernindo, dialogando, mandando e obedecendo. A autoridade é precedida pela fé, e está a serviço da comunhão que brota da fé (cf. 1 Jo 1, 1-3). A fé precede, envolve, condiciona e explica o que significa e como deve desenvolver-se o exercício tanto da autoridade como da obediência na comunhão cristã. Depois de tudo, o que todos devem pretender é fazer a vontade, não de um outro membro da comunidade, mas de Deus. Nesta busca e labuta, todos são chamados a colaborar em virtude dos vários sacramentos recebidos e segundo as características da própria vocação cristã e dos vários compromissos humanos. Alguns, depois, na comunidade, são escolhidos pelo Espírito para que ponham os seus dons espirituais e humanos a serviço da firmeza e solidez da comunhão e da unidade da fé; mediante eles, o Espírito confirma toda a comunidade eclesial (cf. Mt 16, 18-19; 18, 18; Lc 22, 32; Jo 21, 17; 1 Jo 1, 1-3). Em todo caso, esta autoridade permanece um fato histórico, de passagem; com efeito, na comunhão final com Deus, esta autoridade não existirá mais. Por isso, o absoluto é somente Deus na Igreja, não a autoridade; onde a necessidade de escutar todos, dentro e fora da comunidade, convictos que nem sequer todos juntos conseguiremos nunca a possuir em plenitude a verdade, menos ainda a esgotá-la: será, ao invés, dom grande que seja a verdade a tomar, aos poucos, posse de nós. Igreja somos

todos, é uma responsabilidade de todos e, portanto, exige a colaboração de todos, assim como exige o respeito dos papéis de cada um, porque ninguém é proprietário da Igreja. Todos irmãos, fundamentalmente iguais (cf. LG 32, CDC 208, CIC 871-873, VC 31b, 84-85), com um só Pai e um só Mestre (cf. Mt 23, 8-12). Eis a profunda verdade evangélica e humana das palavras de Bento XVI na homilia da celebração do início do seu ministério petrino, aos 24 de abril de 2005: «...Não estou só. Não devo levar sozinho o que em realidade não poderei nunca levar sozinho (...). O meu verdadeiro programa de governo é aquele de não fazer a minha vontade, de não perseguir as minhas idéias, mas de colocarme na escuta, com toda a Igreja, das palavras e da vontade do Senhor e deixarme guiar por Ele, assim que seja Ele mesmo a guiar a Igreja nesta hora da nossa história (...). Rezemos uns pelos outros, porque o Senhor nos leve e nós aprendamos a portar-nos uns aos outros»⁵. Não era retórica, mas simplesmente verdade. Eis porque se reconhece, repetidamente, que a autoridade tem os seus limites humanos (cf. FT 13d, 18a, 21ac, VC 92), e erraria se ela não fosse consciente disso (cf. FT 20g, 25a).

Chegados a este ponto, como deve ser procurada a vontade de Deus na comunidade cristã e qual é o papel concreto da autoridade? O problema é que é verdade que somos chamados à liberdade (cf. Gl 5, 13), que todos possuímos o Espírito (cf. At 5, 32; Rm 5, 5); que, assim como possuímos o Espírito, não estamos mais sob a Lei (cf. Gl 5, 17-18), porque aonde está o Espírito, existe a liberdade (cf. 2 Cor 3, 17); mas, é também verdade que, enquanto vivemos neste corpo mortal, temos uma liberdade imperfeita, possuímos só o penhor do Espírito (cf. 2 Cor 4, 7), vemos, mas como num espelho (cf. 1 Cor 13, 12), somos desde agora filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que seremos (cf. 1 Jo 3, 2)... De consequência, temos ainda necessidade de procurar e do nosso modo, isto é, com toda a labuta humana, pessoal e comunitária, que isto supõe. São os limites da nossa maturidade humana e espiritual a exigirem procura, discussões, leis e normas, inevitáveis tensões..., obediência (cf. FT 9b). O próprio São Paulo, nas suas cartas, dá tantas normas, às vezes bem concretas.

Para este fim e neste contexto, a autoridade do Magistério ha Igreja há, ao mesmo tempo, uma tarefa discricionária (ajudar os indivíduos na busca e atuação da vontade de Deus) e comunitária (guiar toda a comunidade para a atuação histórica do desígnio de Deus). A missão confiada pelo Espírito ao Magistério é, portanto, de serviço para a formação da consciência e da vida de toda a comunidade; não de suplantar a responsabilidade de alguém. E isto o Magistério desenvolve-o ensinando, santificando e governando (cf. LG 24-27, MR 13, CIC 888-896).

Pois bem, como dizíamos, esta busca e obediência à vontade de Deus é de todos na Igreja, é comunitária. A autoridade do Magistério não está sozinha, por-

⁵ *Omelia*, AAS 97 (2005) 709; citato in FT 12b.

que nem sempre é clara qual seja aquela vontade (cf. GS 33b, 43b), porque todos possuem o Espírito (cf. At 5, 32; Rm 5, 5) e porque, como dizia o Beato João XXIII, uma coisa é a substância do “depositum fidei” e uma outra a sua formulação e os revestimentos históricos e culturais que a envolvem⁶. Assim como é verdade que o Magistério será autêntico na medida em que seja dócil a Cristo e ao Espírito. Também dentro da Igreja é verdade que é preciso obedecer a Deus antes que aos homens (cf. At 4, 19; 5, 29; veja-se também: FT 27a). De consequência, não pode existir ninguém passivo na Igreja, porque seria infiel ao Espírito que está nele, mesmo quando isto possa criar tensões, como aquela entre Pedro e a comunidade de Jerusalém (cf. At 11, 1-18), entre Pedro e Paulo (cf. Gl 2, 14), entre Tiago, Pedro e Barnabé-Paulo (cf. At 15). O respeito mútuo e a escuta recíproca, o diálogo, é uma necessidade, um direito, uma obrigação de todos para com todos, não uma moda passageira, um luxo ou uma benévola concessão por parte de alguém, mesmo quando este tem o serviço da autoridade magisterial (cf. ES passim).

Por isso, criticar na Igreja, salvando a caridade, quando o indivíduo ou um grupo são sinceramente convictos de devê-lo fazer em nome da busca da vontade de Deus, não é uma manifestação de falta de obediência, mas um gesto de amor responsável pela Igreja e pela sua fidelidade ao Senhor: recordem-se as críticas feitas por Santa Catarina de Sena aos Papas de Avinhão para que voltassem para Roma, a incompreensão entre Santa Teresa de Ávila e o Núncio Apostólico de Madri, a tensão entre São Francisco de Assis e o seu bispo... (cf. VC 43, 46, 84, 85, 91, 92). Criticar certas coisas da Igreja ou de alguns dos seus membros, com amor e responsabilidade, não significa ter menos amor, antes, mais; como o amor pelos próprios pais não impede que possamos criticar certas coisas que não nos parecem justas ou não reconhecer certos seus defeitos. O resto é infantilismo, falta de maturidade humana e de serena objetividade: quem ama, critica, continuando a amar a pessoa criticada; não só, é por amor e com amor que a critica. O silêncio não é sempre um sinal de obediência madura; pode ser, ao invés, um sinal de indiferença ou de falta de responsabilidade diante do bem comum na Igreja como na sociedade. Escutar e ser escutado é um dever e um direito de todo cristão, se queremos, verdadeiramente, procurar entender a vontade de Deus (NMI 45a). «A unidade da Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades (...). É necessário, por isso, que a Igreja do terceiro milênio estimule todos os batizados e crismados a tomarem consciência da própria ativa responsabilidade na vida eclesial» (NMI 46a).

Daqui provém que, nesta busca, muitas vezes fadigosa, da vontade de Deus na Igreja, a tradição cristã tenha sempre admitido a possibilidade dos “gestos proféticos”, isto é, a possibilidade que um cristão perceba, com absoluta certeza

⁶ Cf. JOÃO XXIII, 11 de outubro de 1962: discurso de abertura do Concílio Vaticano II (*Documenti del Concilio Vaticano II*, Bologna 1966, 995-996).

moral, uma indicação de Deus que vai além das normas atuais ou do modo de atuar da autoridade eclesiástica. Mas, além deste caso limite, pode existir a contestação sob forma de protesta clara e, mais ou menos, associada contra o modo como vem exercitada a autoridade, uma oposição leal e responsável de alguém ou de vários num momento histórico concreto? Não se trata de contestar a autoridade enquanto tal (o que seria um problema de eclesiologia dogmática), mas de um seu juízo operativo concreto, um seu modo de abordar uma questão ou um seu serviço determinado. É uma atitude de lealdade crítica, na busca de quanto Deus quer; o amigo verdadeiro diz a verdade ao amigo, mesmo quanto pode ser dura, precisamente porque procura o bem do amigo (cf. Pr 27, 5-6); um ato, no nosso caso, de responsabilidade a respeito da Igreja-comunhão.

De fato, não há, praticamente, na história da Igreja, uma reforma oficial que não seja, de alguma maneira, precedida, ou não tenha sido fruto ou consequência da oposição leal e responsável de alguns dos seus membros. Baste pensar, tanto para permanecer nos tempos recentes, nas reformas litúrgica, bíblica, ecumênica..., promulgadas pelo Concílio Vaticano II, reformas promovidas pelos teólogos que, nos anos precedentes, tiveram dificuldades com a Cúria Romana. Dizia alguns anos atrás o então teólogo Ratzinger: «(A Igreja) Vive sempre do apelo do Espírito, na “crise” da passagem do velho ao novo. É um caso que os grandes santos não tenham estado somente em tensão com o mundo, mas também com a Igreja, e que tenham sofrido por obra da Igreja e na Igreja? (...) A verdadeira obediência não é aquela dos adutores (chamados “falsos profetas” pela profecia genuína do Antigo Testamento), daqueles que evitam todo obstáculo e choque, que põem acima de tudo a garantia da própria comodidade: a obediência que é veracidade, a obediência animada pela força entusiasta do amor, esta é a verdadeira obediência, que fecundou a Igreja através dos séculos, libertando-a da tentação babilônica e trazendo-a de novo ao lado do seu Senhor crucificado»⁷. O próprio Magistério homenageará o espírito profético, aliás, “provocador”, de não poucos religiosos ao longo da história da Igreja (cf. EN 69, VC 84b; vejam-se também os números 46, 74, 84-85).

Lealdade e responsabilidade que se manifestam: 1) na exposição oportuna e humilde do próprio ponto de vista (um “não” ao medo, à inibição e à passividade, à falta de sentido de co-responsabilidade eclesial na busca de quanto Deus quer); 2) no desejo sincero de busca da verdade (um “não” à esperteza ou ao duplo jogo, em busca dos próprios interesses pessoais); 3) no respeito ininterrupto para com todos e, portanto, para com aquele que tem o serviço da autoridade (um “não” à ofensa ou difamação do irmão); 4) no esforço incansável para conciliar as exigências da obediência à legítima autoridade com as exigências que a própria consciência julga irrenunciáveis (um “sim” ao respeito da consciência reta de todos, também quando erram: lembrem-se das palavras de São Paulo: Rm

⁷ J. RATZINGER, *Il nuovo popolo di Dio*, Roma 1971, 284-286.

14-15; 1 Cor 8-10); 5) tudo envolvido no espírito de fé e, portanto, de oração, que deve caracterizar a vida do cristão. Aqueles que se encontram nesta situação e atuam com esta atitude, estão certamente servindo a Igreja; são Igreja, mesmo quando podem criar momentos de crise ou de tensão, e estão ajudando a conhecer e a levar a cabo a vontade de Deus (cf. LG 37a, CDC 212, CIC 907 e 911).

Tudo isto fala-nos, enfim, da necessidade e, ao mesmo tempo, da provisoriamente de qualquer autoridade, também na Igreja; e como, em realidade, na comunidade cristã, somos todos obedientes. O único Chefe e Mediador, dizia São Paulo, é Cristo (cf. 1 Cor 3, 5-7.9.11; Cl 1, 18; Ef 1, 22; 1 Tm 2, 5), “o” Pastor (cf. Jo 10, 11-15); Pedro, Paulo, Apolo... são colaboradores de Deus na comunidade (cf. 1 Cor 3, 9), parte dela, e para o bem dela. Eis a profunda verdade evangélica do título papal “servus servorum Dei”. Só Deus possui a autoridade, só Cristo é a autoridade absoluta na Igreja. Por isso, dizíamos antes, na Igreja, antes dos vários ministérios e carismas dados pelo Espírito para o bem de todos, há uma igualdade fundamental (cf. LG 32, CDC 208, ChL 15a, 17g, CIC 872, VC 31): todos juntos, cada um com os próprios dons e para o bem de todos, na busca e cumprimento de quanto Deus quer.

3) A comunidade religiosa e o “seu” modo de escutar e levar a cabo a vontade de Deus

Como diz a Instrução, «a vida consagrada é, no mundo e na Igreja, sinal visível desta busca do rosto do Senhor e dos caminhos que conduzem a Ele (cf. Jo 14,18). Uma busca que (...) constitui a fadiga de cada dia (...). A pessoa consagrada testemunha, portanto, o compromisso, jubiloso e ao mesmo tempo laborioso, da busca assídua da vontade divina...» (FT 1b; cf. 8e).

De quanto dito até agora, aparece logo clara que os religiosos não sejam “aqueles que obedecem” na Igreja, como se os outros fossem dispensados disto. A nossa vida não será senão um dos tantos modos (em si mesmo ainda variegado: cf. FT 3c) de buscar e de viver a vontade de Deus, prolongamento na história da obediência de Cristo ao Pai.

Na origem da relação/serviço autoridade-obediência, específico da Vida Religiosa, encontramos a comunhão de carisma, vida e missão: a “com-vocação” de alguns crentes por parte de Deus, isto é, a chamada a uma comunhão mais íntima entre eles, a viver junto a outros discípulos de Cristo, segundo um carisma (aquele do fundador/a) que encarna e interpreta a vivência dos mistério de Cristo, acentuando em particular algum dos Seus aspectos, e com o qual, pelo dom do Espírito, sentimo-nos espiritualmente em sintonia. Disse-o, egregiamente, um documento recente: «Há uma convergência do “sim” a Deus, que une os vários consagrados numa mesma comunidade de vida. Consagrados juntos, unidos no mesmo “sim”, unidos no Espírito Santo, os religiosos descobrem cada dia que o

seu seguimento de Cristo “obediente, pobre e casto”, é vivido na fraternidade, como os discípulos que seguiam Jesus no seu ministério. Unidos a Cristo e, portanto, chamados a estarem unidos entre si. Unidos na missão de oporem-se, profeticamente, à idolatria do poder, do ter, do prazer (cf. RPU 25). E assim a *obediência* liga e une as diversas vontades numa mesma comunidade fraterna, dotada de uma missão específica para cumprir na Igreja. A obediência é um “sim” ao plano de Deus que confiou uma tarefa peculiar a um grupo de pessoas. Comporta um vínculo com a missão, mas também com a comunidade que deve realizar, aqui e agora, e juntos, o seu serviço; requer também um lúcido olhar de fé sobre os superiores, os quais “desenvolvem a sua tarefa de serviço e de guia” (MR 13) e devem tutelar a conformidade do trabalho apostólico com a missão. E assim, em comunhão com eles, deve-se realizar a divina vontade, a única que pode salvar» (VFC 46bcd, cf. FT 18a). Note-se a contínua referência a Deus e à comunidade em conjunto, isto é, superiores e súditos unidos, todos com os olhos fixos sobre o que Deus quer deles.

Desta comunhão-convocação inicial brota um duplo serviço: 1) para o interior, a busca em comum da vontade divina e a convivência fraterna; 2) para o exterior, a missão apostólica (cf. VFC 58, VC 46a, 72). Neste contexto, autoridade e obediência convertem-se em dois aspectos de um único processo de obediência, isto é, de serviço a Deus, dois modos complementares de uma mesma disposição de obediência a Deus, com a qual todos juntos procuram e realizam o que agrada a Deus (cf. FT 12e); «todos obedecem, ainda que com diversas tarefas» (FT 18b). Nesta vivência, entre quem manda e quem obedece, há uma diaconia e mediação mutuamente necessárias; cada um é para o outro presença de Deus: «O irmão e a irmã tornam-se, de tal modo, sacramento de Cristo e do encontro com Deus» (FT 19c).

Qual é, então, a especificidade da relação/serviço autoridade-obediência na Vida religiosa, em confronto com outras vocações cristãs? Não é a imitação da obediência de Cristo (o porquê), já que esta é, na medida em que é possível à natureza humana, comum a todos os crentes. A especificidade deve ser procurada no “como”, no tipo de mediação com a qual o religioso sente-se chamado pelo Espírito a procurar a vontade do Pai, prolongando a obediência de Cristo. Esta mediação é, como dizíamos um pouco antes: 1) a particular “leitura” e experiência carismática do Evangelho (do mistério de Cristo), feita por um cristão (o Fundador/a) com o qual sentimo-nos – por dom do Espírito – carismaticamente, em sintonia, isto é: sinto-me impelido a seguir e imitar Cristo “como” fez aquele cristão (o Fundador/a) e entro a formar parte do grupo que, por dom do Espírito, ele/ela fundou; e 2) na Vida Religiosa numa forma de vida comunitária que compreende, entre estas coisas, também os conselhos de celibato e de pobreza. Cada religioso sente-se, portanto, chamado a escutar, discernir e levar a cabo a vontade do Pai em fraternidade, isto é, junto com outros cristãos que o Espírito convoca. Estes outros, com a sua bagagem humana e espiritual (aspectos positi-

vos e limites) fazem, de agora em diante, parte da vida e da missão do religioso; os com-vocados tornam-se os co-irmãos/co-irmãs (cf. FT 9c, 12a).

Por isso, na obediência do religioso, antes mais do que de “renúncia” à própria vontade (ainda que isto poderá também acontecer, como em toda vocação cristã), trata-se de enquadrá-la dentro de um horizonte novo, mais amplo, do qual formarão parte, de agora em diante, os coirmãos/coirmãs que Deus nos dá e como no-los dá; um alargamento, portanto, de si mesmos, até abraçar os irmãos de um modo que configurará, de agora em diante, e de modo decisivo, o modo humano e espiritual de pensar e de agir de cada um. O religioso, portanto, não renuncia a pensar, a buscar, a julgar e decidir, mas a fazê-lo sozinho: uma renúncia sim à solidão em favor da comunhão. A relação entre os irmãos torna-se uma constante superação da oposição “Eu-Tu” para colocar-se a nível do “Nós”. Cada um deve sentir-se “Nós”. Cada um deve participar com as suas possibilidades humanas e espirituais (portanto, inteligência, experiência, capacidade, etc.), colocando-as livremente e de sua vontade à disposição dos outros, e contando com aquelas dos outros no seu pensar, decidir e agir. Eis porque «não há contradição entre obediência e liberdade» (VC 91b). Cada um e a comunidade tornam-se “sacramento” do caminho e do encontro com Deus e a Sua vontade (cf. FT 19c). Em conclusão, a obediência recíproca na comunidade e a quem a preside não é um fato meramente sociológico, organizacional, ascético ou jurídico, mas profundamente teológico-espiritual.

A este ponto, aonde coloca-se o papel, missão, ministério, serviço do superior? O grupo, para proteger, fomentar, estimular, encorajar a sua coesão e fidelidade à comunhão e missão para a qual Deus o chama, escolhe entre os coirmãos/coirmãs – segundo as características carismáticas e jurídicas próprias – alguém que tenha um cuidado particular de tudo isto. A comunhão e a busca da vontade de Deus são obra de todos e não monopólio de alguém; mas, ao superior é pedido que se dedique a isto de modo particular. O superior é, portanto, e por excelência, o servidor da comunhão e da busca de Deus; ou, como diz a Instrução: «enquanto *todos*, na comunidade, são chamados a procurarem o que a Deus agrada e a obedecerem a Ele, *alguns* são chamados a exercitarem (...) a tarefa particular de serem sinal de unidade na busca coral e no cumprimento pessoal e comunitário da vontade de Deus. É este o serviço da autoridade» (FT 1c). Por isso, poder-se-á dizer que: «Se as pessoas consagradas dedicaram-se ao total serviço de Deus, a autoridade favorece e sustenta esta sua consagração. Num certo sentido, ela pode ser vista como “serva dos servos de Deus”. A autoridade tem a tarefa primária de construir, junto com os irmãos e as irmãs, comunidades fraternas nas quais se busque e se ame a Deus antes de tudo (CDC 619; cf. FT 12d, 13a, 21ac). É necessário, portanto, que seja, antes de tudo, pessoa espiritual, convicta do primado espiritual, tanto no que concerne à vida pessoal, como para a construção da vida fraterna, isto é, consciente que quanto mais o amor de Deus cresce nos corações, tanto mais os corações unem-se entre si. A sua tarefa primária

ria será, portanto, a animação espiritual, comunitária e apostólica da sua comunidade» (VFC 50a, cf. FT 12a, 13). A ele/ela é pedido, de modo análogo – não confuso nem equiparado – àquele dos bispos, de ser mestre de espírito, profeta, instrumento de santificação e de governo, coirmão acompanhante (cf. MR 13, 14c, 26-27, CDC 619, VFC 50, VC 43, 93). Por um lado, é um irmãos entre os coirmãos; por outro, ele/ela representa e está a serviço de quanto Deus e a Igreja esperam da comunidade. E “representa” Deus, não porque seja humanamente infalível nas suas decisões concretas – os seus limites humanos são explicitamente reconhecidos (cf. VC 92b, FT 13d, 18a, 21c, 25a) –, mas porque procura fazer da melhor maneira que pode, acompanhando-nos na busca e no cumprimento de quanto Deus quer, dentro do âmbito das suas competências, e usando os meios (a Palavra de Deus, a Regra e as Constituições, as decisões dos capítulos, os sinais dos tempos etc.) que a Igreja julgou legítimos. Com efeito, ele/ela é um mediador mediato (cf. FT 13c, 17c, 21c, 25 início). Assim quem obedece acolhe em espírito de fé – prestando aos superiores um “humilde obséquio” (PC 14) – aquela mediação de Graça que lhe vem oferecida e tem a “garantia” de ser conduzido pelo Espírito e sustentado também no meio das dificuldades (cf. At 20, 22ss; VC 92b). No fundo, aquilo que sucede é que confiamos em Deus, o qual atua através da fraternidade para a qual nos convocou; e por isso confiamos também nos irmãos e naqueles que nos presidem no caminho para Deus.

O superior é, portanto, parte da comunidade, na comunidade, para a comunidade. Ele está no meio dos irmãos, ao lado de cada um, pronto sempre a dar uma mão, a “lavar os pés” (Jo 13, 1-17; cf. Mt 23, 11; FT 12b, 17b); é pesquisador “daquilo que Deus quer” e “com a ajuda da oração, da reflexão e do conselho dos outros” (FT 12d). Aprofundem-se as prioridades no serviço da autoridade (cf. FT 13), o seu papel para o crescimento das fraternidade (cf. 20; VFC 50c, VC 43, RdC 14) e no levar a termo a missão (cf. FT 25). Em frente à comunidade não está o superior, mas somente Jesus Cristo, Deus ao qual cada um de nós e todos juntos procuramos servir. O superior é chamado a ser memória, fermento, encorajamento; não substitui a consciência de ninguém, mas responsabiliza a todos; é escuta, serviço, enriquecimento, não freio, coação, ou menos ainda plágio. Não existe o superior “e” a comunidade, como se fossem duas coisas distintas ou, pior ainda, contrapostas; como não existe um superior sem comunidade nem uma comunidade “para” o superior.. Os coirmãos não estão ao serviço dele, mas todos juntos a serviço do Reino de Deus. Neste contexto, a autoridade é um serviço importante, mas não o único; e aparece claro que: “Desta maneira, a obediência religiosa, longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, leva-a ao seu pelo desenvolvimento, aumentando a liberdade dos filhos de Deus (PC 14b), e “não há contradição entre obediência e liberdade” (VC91b).

Em síntese, a obediência religiosa deve ser: 1) humana, adulta, sustentada pela fé; não individualista, egocêntrica, “infantil” (cf. FT 25), passiva, secularizada, nem a autoridade pode ter marcas de “paternalismo e maternalismo”

(cf. FT 14b); 2) tem como ponto de referência Cristo e a vontade do Pai; 3) se exprime na fraternidade congregacional; 4) olha o superior como um coirmão ao qual deve ser agradecido pelo seu serviço, e rezar por ele e ajudá-lo no discernimento e cumprimento da vontade de Deus através do diálogo e do senso de coresponsabilidade e colaboração (cf. FT 19b).

Na vida religiosa pode também acontecer – como falávamos acima em relação à Igreja, – que há quem crê de não poder obedecer nalguma coisa fundamental, mesmo que não pecaminosa (no qual caso a autoridade perderia a sua razão de ser). Não raramente aconteceu na história que um religioso entrou na Vida Religiosa e a uma certa altura entendeu que não era para ele, ou entendeu que Deus o chamava para uma outra forma de vida já existente ou a ser fundada. Quantos Institutos foram fundados por religiosos que antes pertenciam a um outro Instituto; e quando a Igreja aprovou o novo Instituto reconheceu implicitamente que aquele religioso, no seu caso, tinha tomada uma decisão correta quando saiu do primeiro Instituto. É suficiente pensar a Santa Tereza de Ávila ou, nos dias de hoje, à Beata Tereza de Calcutá.

O problema, ao invés, mais comum pode ser aquele do religioso que não crê que deve sair, mas lhe custa acolher uma obediência do superior. Disto fala amplamente a Instrução (cf. FT 10, 20e, 26-27). Distingue entre “obediências difíceis” (cf. FT 26; cf. 10, 20e, 26-27) e “objeção de consciência”, visto que há “obscuridade e ambivalência em não poucas realidades humanas” (FT 27d). A respeito do primeiro caso (cf. FT 26), admite que podem parecer até “absurdas”. Após acenar aos conselhos dados por São Bento a São Francisco, reconhece que “é compreensível que pode haver um certo apego a ideias e convicções pessoais, fruto de reflexão ou experiência amadurecidas ao longo do tempo, e é também coisa boa procurar defendê-las e levá-las adiante, sempre na perspectiva do Reino, num diálogo sincero e construtivo” (cf. FT 26c; 20e), mas, por outro lado, não se deve esquecer que o modelo é sempre Jesus de Nazaré que não deu as costas diante da morte de cruz (cf. Hb 5,7-9). Por isso, também se reconhece que o religioso pode experimentar “confusão e sentir rejeição da autoridade”, nestes casos, é preciso recordar-lhe que “aquele é o momento em que deve se confiar a Deus a fim de que se cumpra Sua vontade”. No segundo caso (cf. FT 27), pergunta-se “se existem situações em que a consciência pessoal parece não permitir seguir as indicações dadas pela autoridade”. Recordo que já Paulo VI tinha falado da “objeção de consciência” (cf. ET 28-29). O Papa reconhece que “é verdadeiro que a consciência é o lugar aonde ressoa a voz de Deus que nos indica como nos devemos comportar”, mas é também verdadeiro que é preciso estar atentos a não cair no subjetivismo e que é preciso formar-se uma reta consciência. Por isso, o religioso “deverá refletir longamente antes de concluir que não é a obediência que recebeu, mas quanto sente dentro de si é a manifestação da vontade de Deus”; deverá por isso confrontar-se com as mediações que Deus lhe dá; e também se “fica indiscutível que aquilo que conta é chegar a conhecer e cum-

prir a vontade de Deus, deveria ser também indiscutível que a pessoa consagrada se comprometeu com voto a acolher esta santa vontade através de mediações”.

Nestes casos pede-se a religioso de renunciar ao seu parecer pessoal, que é julgado justo por ele, em favor do que a comunidade ou quem a preside ordena. Agora, como vamos justificar esta renúncia e fazer em modo que seja uma atitude humana e cristamente válida? A resposta é que a renúncia será justificada se esta atitude é motivada, não por razão de coação ou de simples acomodação ou passividade, tanto menos se se tratasse de algo gravemente imprudente ou pecaminoso, neste caso não poderia obedecer jamais e a autoridade perderia toda a razão de ser, ou, como reza a Instrução de Paulo VI no n° 27, “feita exceção por uma ordem que fosse manifestamente contrária à lei de Deus e à Constituição do Instituto, ou que implicasse uma grave mal, no qual a obrigação de consciência não existe” (ET 28); mas, será justificada porque o religioso reconhece nos irmãos e nos seus pareceres um valor que lhe permite de fazer o que dizem sem ver diminuída a sua responsabilidade e dignidade. Praticamente, age neste caso segundo a vontade dos outros, porque reconhece com humildade a possibilidade humana que os outros tenham razão e ele não, também se neste exato momento não está convencido que é assim: é o raciocínio humano (cf. FT 9d, 10); e sobretudo porque reconhece, com espírito de fé, não somente a possibilidade, mas a certeza que Deus serviu-se deles, visto que o chamou a uma vida em comum para encontrar a Sua vontade e trata-se de “uma obediência legitimamente dada” (cf. FT 10): é o raciocínio teológico. Sabe que os seus irmãos – como ele também – podem humanamente errar, não se surpreende nem se escandaliza; mas, além da humana fragilidade dos irmãos, confia em Deus que o chamou à comunhão de vida e de carisma junto com eles, e Ele com certeza não erra (cf. FT 10c); obedece “ não só a Deus mas inclusive aos homens, todavia, por Deus e não pelos homens” (cf. FT 11). Isto não significa renunciar à própria dignidade e responsabilidade, mas encaixá-la numa visão mais ampla que compreende os outros membros da comunidade ou do Instituto; outrossim ajuda a reconhecer, com realismo e humildade, os próprios limites e a possibilidade de errar. Se mais adiante se descobrirá que os irmãos tinham razão também humanamente falando, e não ele, tanto melhor; se, ao invés, aparecesse claro que a razão humanamente falando estava do seu lado, será sempre verdadeiro que ele viveu o Evangelho e a vocação recebida (verdadeira finalidade de sua vida) porque terá procurado Deus através da mediação que Ele lhe havia dado, aquela dos irmãos; e, então, realizou o que Deus queria dele, a Sua vontade. É obvio que a fé se torna um elemento, não único, mas sim decisivo da vida do religioso. Por isso, jamais deve haver motivo de frustração ou de amargura, nem no segundo caso. Este é o motivo pelo qual a obediência do religioso deverá ser sempre segundo a razão – é preciso usar os elementos humanos que Deus nos dá: a inteligência, a experiência...-; mas, não poderá ser jamais simplesmente racional, porque a fé e o abandono em Deus (cf. FT 10c,11) tem a última palavra.

Na vida daquele que tem fé existe sempre e, junto, a “Fides et Ratio”, da qual falava João Paulo II na Encíclica com este título (FR). Como Maria que, na anunciação e no nascimento de Cristo, pergunta-se: (cf. Lc 1, 34), pensa, medita (cf. Lc 2,19.51): uma obediência “crente e interrogante” (FT 31; LG 58; RMa 17df); mas ao mesmo tempo, é “pronta na obediência” (VC 112c)), confia e se abandona em Deus: “Eis-me aqui...” (Lc 1, 38). É “uma mulher forte”, não “passivamente remissiva ou de uma religiosidade alienante (cf. MC 37), e exemplo de “pobreza” bíblica, de confiança e abandono no Senhor (cf. RMa 17c; 12-19, 39).

Pe. JOSÉ ROVIRA cmf.

COIRMÃOS DEFUNTOS

1. Don Carlo Ferrario

Nascido em Veniano de Appiano Genlese (CO),
a 11 de dezembro de 1908

Entrou no Seminário S. Gerolamo de Fara Novarese,
a 5 de outubro de 1935

Noviciado em Barza d'Ispra, Casa Don Guanella,
desde 12 de setembro de 1938

Primeira Profissão em Barza d'Ispra, a 12 de setembro
de 1940

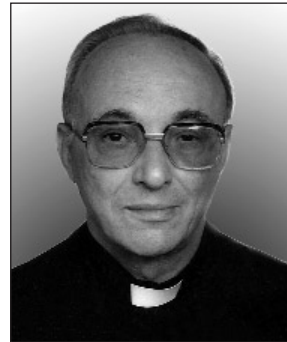
Profissão perpétua em Vellai de Feltre (BL), Instituto
Bernardino Tomitano, em 12 de setembro de 1943

Sacerdote em Gatteo (FC), Instituto L. Ghinelli, a 15 de junho de 1946

Consagrado por Sua Excelência Dom Carlo Stoppa, Bispo de Sarsina

Morreu em Roma, Hospital S. Carlo di Nancy, a 17 de junho de 2008

Sepultado no jazigo da família no Cemitério de Veniano de Appiano Gentile (CO)



A morte do coirmão sacerdote Don Carlo não chegou improvisamente e inesperada. Era já evidente que o seu estado de saúde não teria se mantido por muito tempo, minado como estava pelo peso da idade e das múltiplas doenças crônicas que o acompanharam nos últimos vinte anos de vida. Se apagou de improviso, sem dúvida, no seu habitual e sereno abandono nas mãos de Deus, conservando aquele sorriso de criança que foi um pouco o *proprium* de toda a sua vida.

É dever de refinada caridade ligar a memória ao afeto que mereceu e manifestar-lhe a estia e a gratidão pelo bem incalculável espalhado a mãos cheias na Congregação nos seus sessenta e dois anos de ministério sacerdotal. A oração fervorosa o acompanha entre a fileira bendita dos santos guanellianos que gozam o merecido prêmio na alegria do Senhor. A resignação serena que velou o seu rosto e o sofrimento da separação foram mitigados na solene liturgia de sufrágio, na qual foram invocadas sobre ele a luz plena e a bem-aventurança sem fim que somente Deus sabe dar.

Don Carlo foi um gracioso dom de Deus, nascido e crescido numa família profundamente cristã. Viveu ao lado de pais exemplares na bondade, no sacrifício, no trabalho: o pai, Cesare e a mãe Luigia Borghi. Terminado o curso primário, até vinte e cinco anos seguiu o caminho do trabalho que era comum naqueles tempos, mortificando-se bem cedo, o sabor do sacrifício que não lhe faltará nunca no futuro da sua missão.

Numa carta conservada no arquivo da Cúria Geral, datada de 4 de outubro de 1935, o pároco do jovem Carlo, Pe. Leonardo Colombo, o apresenta ao reitor do Seminário de S. Gerolamo de Fara Novarese, Pe. Michele Bacciarini, com estas palavras reveladoras: “Hoje aqui em Como apresentei ao reverendo Superior Geral, um bom clérigo meu, demitido do Seminário de San Pietro unicamente porque foi julgado insuficiente para os estudos, mas ótimo em tudo o mais, como faz fé disso o atestado dado pelo reitor do Seminário, o sac. Umberto Oriani. O Rev.do Superior Geral de Como, depois de ter interrogado o jovem, se manifestou pronto a aceitá-lo, contanto que o senhor, reverendo reitor, o receba. Agora me dirijo ao senhor e espero que me dirá um lindo sim e eu creio que não se arrependará jamais. Antes, da minha parte, aconselharia a colocar o jovem, por um bimestre, como prova, na terceira série ginásial, para depois livremente retroceder para a segunda, se ele realmente for julgado insuficiente...”.

No atestado escolar que resume o lugar de mérito da segunda série ginásial frequentada pelo clérigo Ferraio, ao lado das insuficiências, podem-se ler pareceres agradáveis: “Confirmam-se informações louváveis pela conduta disciplinar e moral, como também pelo espírito de oração”.

A confiança de Don Leonardo Colombo e a visão de futuro do Pe. Michele Bacciarini, que acolhe o jovem clérigo no seminário de Fara Novarese não obstante as negatividades de que é consciente, são a revelação que a história de cada um de nós não está escrita sempre e somente sob o impulso de luzes ofuscantes mas muitas vezes sob as sombras iluminadas pela nuvem que protegia o povo hebreu no deserto durante a noite.

Don Carlo será sacerdote a vinte e oito anos, em Gatteo de Romagna (FC), onde tinha voltado com os coirmãos e os meninos fugidos do avançar das Forças Americanas para se refugiar na Casa S. Antônio de Cassago e no Instituto S. Gaetano de Milão. Não obstante que o Instituto Don Luigi Ghinelli estivesse em reconstrução avançada depois dos desastres da guerra, não faltou a alegria e a doçura que acompanham sempre a ordenação de um sacerdote. Teve ao seu lado alguns parentes que, com coragem, enfrentaram uma viagem, então impen-sável, para lhe estarem próximos.

A sua primeira obediência o leva a Roma, na Paróquia S. José al Trionfale com os encargos de assistente espiritual de 1946 a 1950, administrador paroquial de 1950 a 1954 e de vigário paroquial de 1954 a 1972.

De 1972 a 1991 assume o encargo de pároco na Paróquia S. Ciro de Mungivacca (BA) e na Paróquia Maria Imaculada de Ceglie Messapica (BR); e o de

colaborador das atividades no Insittuto S. Coração de Fasano (BR) e no Vale Aurélia, na Via degli Embrici, de vigário paroquial na Fundação E. Fernandes de Miano (NA). Volta, finalmente, a Roma como coadjutor paroquial na Paróquia S. Jose Cottolengo do Vale Aurélia, de onde, em 2006, gravemente enfermo, passa para a Casa S. José da Via Aurélia Antica, amavelmente cuidado até o epílogo da sua exemplar existência.

Don Carlo gastou a sua vida não somente se dedicando à atividades pastorais das paróquias guanellianas da Província Romana São José, mas ao mesmo tempo ensinando religião e prestando o seu serviço espiritual às Irmãs de Sant' Antida na Via Circonvallazione Trionfale em Roma.

Este longo elenco de tarefas é por si eloquente para dizer como ele foi uma pessoa de particular virtude humanas e sacerdotais, dotes de mente e de coração, disposto portanto a assumir os encargos sem nunca dar para trás, pronto ao sacrifício, obediente sem reservas e condições, fidelíssimo aos seus deveres, rico de fé e de espiritualidade. Nestas tarefas delicadas emergem em plenitude as componentes do homem maduro, do sacerdote de fé, do pastor consciente de trabalhar com determinação pela Igreja e na Igreja, sempre em perfeita sintonia com os seus superiores. Não agiu nunca sem uma atenta reflexão e depois de ter consultado alguém. Pode-se supor que terá também sofrido pelas inevitáveis incompreensões e pelas avaliações, muitas vezes superficiais, do seu agir, quando não sempre as escolhas pastorais podem ser entendidas e partilhadas. Fazer um necrológio exaustivo sobre Don Carlo é empreendimento difícil. Não vão de qualquer forma esquecidos alguns elementos constitutivos da sua personalidade. No funda serão pois, estas, a perpetuar a sua luminosa figura. Era frágil na sua constituição física, mas robusto na sua dimensão moral, espiritual e cultural.

Nesta dimensão se há de colocar em primeiro lugar o seu candor moral que o tornou gentil no tratamento, humilde, quase ingênuo: “in eo videtur tamquam Adam non peccasse”, nele parecia que Adão não tivesse pecado, poderia se afirmar sem exagerar. Sem dúvida, era esta bondade nata do seu ânimo que o tornava incapaz de malícia e a favorecer as suas relações genuínas tanto para com Deus, quanto para com as pessoas que encontrava e com as quais devia também colaborar.

Destaca-se, pois, a sua vida interior, a sua vida de oração, a sua fidelidade sacerdotal, consciente de ter sido chamado por Deus para cumprir uma missão sobrenatural. Esta “fidelidade” aos próprios compromissos sacerdotais, não diminuíram nunca e nunca tal fidelidade foi assolada pela rotina, nem por outros obstáculos, inclusive a doença. Dava dó o vê-lo – enfim tomado por múltiplos males que carregava consigo – sempre preocupado, para não dizer angustiado, de colocar em primeiro lugar a celebração Missa e a oração do breviário; não se tranquilizava enquanto não tivesse a percepção de ter resolvido os seus principais deveres, acurado na fidelidade à liturgia do dia.

Não foi um homem de cultura e de estudo. Mesmo que tivesse desejado não

teria tido tempo por causa dos muitos compromissos que o ocuparam ao longo dos anos de sacerdócio. Era, em compensação, escrupuloso, na preparação dos sermões dominicais e festivos, persuadido de não ser um bom orador. Sabia dizer poucas coisas, mas sempre pão sólido e saboroso.

A sua alma se destaca entre as dos “justos” que a Escritura diz estarem nas mãos de Deus; como viveu para o Senhor, assim morreu para o Senhor, na espera da ressurreição em Cristo.

Agora, na morada eterna dos bem-aventurados, o seu papel está eternamente fixado não somente em contemplar o rosto de Deus, mas também em rezar por todos nós. Reza, então, pelas necessidades urgentes da Congregação neste momento difícil da sua história; reza por todas as pessoas consagradas ou não, que ele guiou com santidade e sabedoria por longos anos; preza para que nas comunidades guanellianas possam ainda desabrochar ainda almas generosas dispostas a seguir Cristo no caminho do sacerdócio e da vida consagrada.

Obrigado, Don Carlo, por todo o bem que quiseste e pela ajuda que deste a todos; obrigado pelo teu fúlgido exemplo de vida virtuosa e santa.

A tua memória permanecerá indelével nos nossos corações, persuadidos de que a tua ressurreição será como a de Jesus, “uma explosão de luz, uma explosão de amor que dissolve as correntes do pecado e da morte. Ela inaugurou uma nova dimensão da vida e da realidade, da qual emerge um mundo novo, o transforma e o atrai para si” (Bento XIV).

Da Homilia de don Umberto Brugnoli

Fotocomposizione di
3F PHOTOPRESS
Viale di Valle Aurelia, 105
00167 Roma - Tel. 06.3972.4606
E-mail: tipo@3fphotopress.it

